

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
LINHA DE PESQUISA: SUBJETIVIDADE, POLÍTICA E  
EXCLUSÃO SOCIAL**

**PAULA CRUZ AZEVEDO DA SILVA**

**Do sucateamento à sucata: resíduos de um Brasil em disputa**

**Niterói  
Abril 2022**

**PAULA CRUZ AZEVEDO DA SILVA**

**Do sucateamento à sucata: resíduos de um Brasil em disputa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, na área de concentração Subjetividade, Política e Exclusão Social. **Orientador: Professor Dr. Danichi Hausen Mizoguchi.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professor Dr. Danichi Hausen Mizoguchi**  
**Universidade Federal Fluminense**

---

**Professora Dr<sup>a</sup>. Beatriz Adura Martins**  
**Universidade Federal Fluminense**

---

**Professor Dr. Marcelo Santana**  
**Universidade Federal Fluminense**

---

**Professora Dr<sup>a</sup>. Analice Palombini**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Sueli e Paulo, pelo apoio, amor, suporte e por acreditarem na minha caminhada. E também à Maria dos anjos, seus 83 anos e memórias de uma vida. À Carol, por inspirar ousadia e coragem. Ao Benjamin pela companhia doce e conforto de um abraço. À Carmem Lúcia, pela parceria e aconchego em momentos delicados.

Ao Danichi por topar essa aventura comigo, pela generosidade e abertura ao outro, pela intensa presença amiga em cada processo da pesquisa, Obrigada! Ao Lucas, Juliana, Mauro, Tainá, Laís, Paulo, Mario, Ana Paula, Bruna, Ricardo, por todas as apostas de pesquisar com, por entrarem no texto com firmeza e delicadeza, foi intenso e formador!

À Clara pela generosidade e verdade do nosso encontro. Que alegria compartilhar a vida contigo.

À Dani por me ajudar a pular mesmo quando não sabemos da queda. Por fortalecer os movimentos desejantes.

Ao grupo Gam, aos usuários do serviço, por cada encontro e pelas belas alianças. À Dona Iurdes pela presença carinhosa.

Às queridas amigas Lili e Day pelo amparo, pelas cervejas, pelas piadas sem fim, e as risadas que deixam os nossos dias mais leves e alegres. À Renata, inspiradora em sua paixão pelo sus, com quem divido questionamentos diários e alegrias. A Adriana por soprar novos ventos.

Ao Guinho com quem dividi os primeiros passos do projeto e me encorajou a bancar essa onda. À Andréa por fazer persistir a amizade. Ao Lêca, Raquel, Gui, pela presença, às vezes mesmo que de longe. À Sandra pelo suporte e apoio na extensão de saúde mental com estudantes. À galera da graduação do grupo de pesquisa, que trazem um frescor para as segundas-feiras.

Ao Marcelo pelos ensinamentos profundos em encontros leves e carinhosos. À Bia e à Analice, pela leitura atenta e pelas pontuações precisas.

À Rafa, Pedro, Manu, Layse, Iury, por estarem juntos em um ano intenso. À Mari pelas leituras e proximidade ao longo do meu percurso. Ao Mateus e à Cynthia pela vizinhança alegre e amiga. À Pilar pelos reencontros e por se colocar sempre presente.

À cidade de Niterói e aos amigos que estiveram presentes de algum modo, apoiando, dividindo as mesas dos bares, contando histórias, segurando as barras. Aos coletivos que militam por uma sociedade sem manicômios. Àqueles que de alguma forma atravessaram essa pesquisa, desestabilizaram o processo e me fizeram desconhecer e inventar.

## RESUMO

O cenário contemporâneo brasileiro encontra-se sobre os efeitos do desmantelamento das políticas públicas. Há um tensionamento na própria incorporação e efetividade dessas políticas quando ainda se perpetuam modelos e figuras obsoletas, ainda que esteja o SUS incorporado à Constituição. Entende-se que existe um processo dinâmico e produtivo dessas políticas. A respeito disso há ainda um cenário marcado pela retomada de políticas contrárias à direção antimanicomial. Diante desta conjuntura: é possível conceber ainda uma sociedade sem manicômios? Assolados pela perda de direitos e enfraquecimento de lutas e forças coletivas, esta dissertação propõe uma imersão numa conjuntura precária através da ficção. A aposta metodológica faz-se com sumo da experiência, articulando conceitos sobre ficção e verdade, onde se utiliza do trabalho ficcional como ferramenta que busca desestabilizar regimes de saber e poder. Sendo assim o dispositivo ficcional se apresenta como aposta do real e não como dispositivos que se separam. A cidade de Niterói torna-se campo disputado por inúmeras forças: do sucateamento à sucata. A política da sucata não está posta para encontrar explicações ou respostas, mas colocar os resíduos que possam disparar questões e balançar a produção de mundo no qual temos coabitado.

**Palavras-chave:** ficção; sucata; sucateamento; cidade; loucura

## ABSTRACT

Brazil faces the effects of public policies dismantlement. There is a tension in the very incorporation and effectiveness of such policies when obsolete models and figures are still perpetuated, even though the universal health care system - SUS - is part of the Constitution. Regarding these public policies, there is a dynamic and productive process that is still marked by the resumption of policies opposed to the anti-asylum guideline. Given this conjuncture: is it still possible to conceive a society without asylums? Haunted by the loss of rights and the weakening of collective forces and struggles, this dissertation proposes an immersion in a precarious situation by fiction. The methodological bet is based on experience, connecting concepts about fiction and truth, wherein fictional work is used as a tool that seeks to destabilize regimes of knowledge and power. Thus, the fictional device presents itself as a bet on the reality and not as devices that grow apart. The city of Niterói becomes a field disputed by numerous forces: from scrapping to scrap. The scrap policy is not set to find explanations or answers, but to address the residues that can trigger questions and stir up the production of the world wherein we have been living and sharing.

**Key-words:** fiction; waste; scrapping; City; craziness

*“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.”  
(Simone de Beauvoir)*

*“O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida, que a arte seja algo especializado ou feita por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos transformar-se numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida?” (Michel Foucault)*

## Sumário

ALGUMAS MIUDEZAS	8
1. TEMPOS DE MENINICE	9
2. O CESTO, A BOLA E O CAÇAMBEIRO	15
3. A CAÇAMBA, O GATO E A TREPadeira	26
4. ANDANÇAS E RUÍDOS	30
5. BIRIQUITOTE XEFRA	32
5.1 Marmelo, martelo, vez ou outra Marcelo	32
5.2 Realidade ou ficção?	35
5.3 O gesto parresíástico	37
5.4 O preparo e a verdade	39
6. O GRITO, UM ESBARRÃO E O MUNDO	45
7. NADA SURGE DO NADA	51
8. VOCÊ CONTA OU EU CONTO?	66
9- OS CACOS DA MORINGA E AS FOLHAS RASGADAS: UM DESVIO DE ITINERÁRIO EM SÃO GONÇALO	73
10. BATALHAS	85
11. FULIGEM	89
12. MALETA SEM RODINHAS	93
13. CAIXA DE FÓSFORO	107
14. REDUTO E O FORA-TEXTO	108
15. QUEM SOU EU SEM VOCÊ?	111
16. SUCATA	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123

## ALGUMAS MIUDEZAS

O córrego ainda passa por debaixo daquela ponte estreita de tábuas velhas. Faz um pouco de frio, percebo meu corpo arrepiado. Eu poderia ter pensado que notar aquele menino foi o que me arrepiou os pelos do corpo, ter pensado que a pele talvez fosse a porta de entrada para um mundo outro, mas não, estava frio e foi o que eu pensei. Do outro lado da estrada, o menino brinca. Se diverte com a água que resvala na boca da garrafa de vidro. Deixa que um passo para lá e outro para cá faça com que os pingos passem pelo gargalo e cheguem ao fundo. Agora, há algo no fundo da garrafa, mas não me parece que se trate de enchê-la. Esperei que um chamado do menino de olhos amendoados me incluísse na brincadeira. O “vem” – tão familiar ao lugar ao lugar da minha infância – podia ter feito as honras da casa, mas o convite ficou em outros tempos. A sua gargalhada rouca e as sobrancelhas franzidas deixam a atmosfera inquieta. Do lado de cá, a goteira gelada pinga me tira da sensação desértica de conforto. Alguns passos à frente e fica para trás a cobertura do telhado de amianto. Abandono certezas e deixo a chuva pingar. Enquanto atravesso a rua de terra, os ruídos da brincadeira do menino se amplificam, são ruídos que me trazem memórias e que me levam a um lugar distante. Me sinto viva. Aceno para as miudezas com jeito de despedida, um aceno tímido.

Perceber outras miudezas talvez fosse o convite do menino, talvez fosse o convite da minha pele, calafrio incessante do encontro.

## 1. TEMPOS DE MENINICE

Nos tempos de meninice era de costume frequentar um bairro de estampa rural, localizado na região oceânica de Niterói, chamado Engenho do Mato. Na ocasião, o início do caminho, de terra e ruas largas, era bordeado por um quarteirão inteiro murado. Chamava-me a atenção que um lugar tivesse muros tão altos, porque logo que chegava ao meu destino me deparava com cercas de bambu, onde se podia ver e ser visto. Diziam-me que do outro lado estavam os mendigos. A Praça do Engenho do Mato, mesclando vegetação e pequenos comércios, tornara-se parte de uma circulação rotineira por alguns deles. Outros estendiam suas andanças numa rua próxima, apelidada de Vai e Vem, rua que desemboca no Parque Estadual Da Serra da Tiririca. Na época, contavam-me que o apelido da rua traduzia o deslocamento dos andarilhos desta Fundação<sup>1</sup>, que não conseguindo finalizar o caminho pela longa distância, retornavam ao abrigo. Outros afirmavam que a frase imperativa era dita como um gesto zeloso a alguns na iminência de sua saída diária: “Vai e vem”. Tal como as normas do abrigo, o apelido curioso daquela rua transmitia uma sentença à peregrinação? Havia também quem dissesse que a caminhada servia para que pudessem catar coisas pelo chão. No Vai e Vem, idas e vindas poderiam ser certas, estabelecidas com pontos de partida e de chegada, mas a experiência da caminhada parecia não se enclausurar aos pontos fixos de um roteiro. Encontros iam trazendo aberturas, o que podia anunciar uma outra possibilidade de vida, um outro modo de existência.

Por essas ruas, algumas tramas, um desenrolar que me lembrou as passagens do Livro *Terra sonâmbula* do moçambicano Mia Couto: eis que o velho Thuahir anuncia ao menino Muidinga: “- Lhe vou confessar miúdo. Eu sei que é verdade: não somos nós que estamos a andar. É a estrada”(COUTO, 2007, p.137). O caminho faz-se como processo de inúmeros disparos, e torna-se antes uma possibilidade, chamando atenção para um coletivo de existências. Na obra, Tuahir e Muidinga companheiros de estrada seguem se descaminhando, com eles um pequeno livreto, encontrado no meio das terras devastadas de alguém que estivera há pouco ali, faz companhia contando histórias de um passado-presente. A fuga parece não se tratar mais de um lugar para onde se vai, mas o caminho que se percorre.

Ao amanhecer, nas partidas da Fundação, as sacolas dos mendigos eram companheiras de estrada, penduricalhos e bolsas pareciam pintar uma viagem breve, e na ocasião

---

<sup>1</sup> Fundação Leão XIII - atua no enfrentamento da pobreza e risco social, coordenando e executando programas e projetos sociais, em consonância com a Política de Assistência Social.

perguntava-me: para onde iam? Achava que quem tinha bolsas ia a algum lugar, como quem encerra um destino. Certa vez os adultos me disseram que eles carregavam sucata pelas redondezas. A palavra grudava na minha cabeça. A sucata, para mim, se parecia com coisas que eu não conhecia como sucata: eram latas, plásticos, garfos, bonecas, garrafas, canecas, peças de roupas. Como podiam caber todos esses artefatos apenas nesta palavra? O intercâmbio com o entorno compunha uma rede potente de relações, mas cada uma daquelas peças contava uma história. Ao entardecer, “Caneca”, um dos moradores da instituição, andarilho, como diziam, refazia o caminho segurando firme sua inseparável caneca até o abrigo. A caneca ia deixando seu desbotado nas mãos de Caneca, resquícios de tinta e resina se comprometiam em tatuar os dedos. “Eles têm hora”, os adultos diziam. A hora demarcava um certo controle dos corpos. Que saberes e poderes operavam naqueles corpos? Que vozes falam a caneca?

\*\*\*

Faz calor no centro de Niterói. O 33 custa a passar. O suor escorre. Já dentro do ônibus, um murro contra a trava da janela me ajuda a abri-la. O trânsito caótico não deixa as pestanas balançarem. O anda e para dá o ritmo ao balanço do corpo e torna o tempo hábil para o crochê de uma senhorinha sentada ao meu lado. De vez em quando puxa um assunto, diz que mora em Niterói há muitos anos e nunca tinha visto um trânsito tão aperreado. Retoma o ponto do crochê. Ora e outra olha pela janela. O ônibus anda, ela se vira para mim de novo e conta que veio fugida há mais de quarenta para tentar trabalho no Rio. “Passei foi sufoco”, diz enquanto guarda as linhas e a agulha na bolsa se preparando para descer. Inclina a cabeça e se despede com uma piscada. Me entretive pensando na história da mulher. Teria vindo sozinha? Vivia com a família? Por que o Rio? Por que partir? Partir talvez fosse apenas um ato de forjar novos caminhos. Esse tanto de perguntas teceu uma teia. Queria ter escutado mais daquela história, mas a campainha do ônibus anunciava a sua partida. Precisei “acolher o descontínuo da história” (GAGNEBIN, 1999, p. 99), por ora, só me restava inventar, até porque “tudo o que não invento é falso” (BARROS, 2003, np).

Quase perco a parada, um pulo para puxar o sinal, chego ao bairro de Charitas. Pareado com a praia, o Catamarã de Charitas e o Hospital Psiquiátrico de Jurujuba dividem no mesmo território a emergência da passagem e a emergência da loucura. De um lado,

transeuntes apressados esquivam-se dos meninos que pedem o trocado do estacionamento. As emergências da partida e da chegada tecem uma atmosfera apressada. O buchicho de um grupo de homens que aguarda a embarcação parece ecoar na voz de um rapaz demandando segurança pública: “Eles descem do Preventório<sup>2</sup> para acharcar aqui, não tem policiamento, e ainda tem os malucos do hospital circulando”. “Invasões” e embates misturam territórios.

Do outro lado da avenida Quintino Bocaiúva as grades ainda permitiam ver o portão de entrada do hospital. O saguão - pequeno pátio depois da recepção - lugar onde as pessoas costumam esperar, tem uma carrocinha de doces, o vendedor está atrás dela. E é ele quem me dá as coordenadas por onde eu deveria seguir. Enquanto eu aproveito pra comprar uma bala, ele me pergunta se eu era nova ali e diz que já esteve na enfermaria masculina há muitos anos. Ele ainda está lá dentro. O corredor comprido, ainda que borrifado de sol, conserva seu cheiro de guardado, de coisas velhas. No final, o corredor se bifurca e uma porta estreita não convida a tocar a campainha, mas toco. O burburinho fazia-se passar pelas frestas da porta. Os gritos chegaram junto com o corpo e logo os braços transpassaram os meus ombros. Não havia aquela distância que pudesse indicar o constrangimento do primeiro encontro. O cheiro de guardado, agora, quando inalado, podia arder. A urina estava em toda parte. O primeiro dia na enfermaria de Longa Permanência do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba não se encerrava com uma breve apresentação nas guarnições da porta, havia de se mapear e conhecer a enfermaria junto da coordenadora do serviço de longa permanência. A visita se tornara mais longa do que podia esperar. O trabalho de Acompanhamento terapêutico que se iniciaria tinha como encomenda a circulação com os usuários na cidade. As vozes que cortavam o silêncio tinham urgência no pedido de cigarro. A loucura me atravessava. Como podia o tempo ser tão demorado ali dentro? Entre palavras, gritos, toques, demandas, onde estaria o sol borrifado que eu havia encontrado do corredor?

\*\*\*

Passados alguns anos as circunstâncias mudam. Não me encontro mais absorta, sufocada pelos corredores estreitos desde 2015. A urgência em perceber novos ângulos e espaços já se colocava nos primeiros momentos, no entanto, esses corredores ainda se encontram de pé, e não apenas localizados nas estruturas do hospital.

---

<sup>2</sup> Sub-bairro de São Francisco.

Sigo trabalhando, agora em outro serviço da rede de saúde mental de Niterói. Quando me ocorreu pesquisar a loucura no município de Niterói não se tratava de trazer as experiências do campo onde trabalho, e ainda não se trata disso. Algo me convocava a pensar sobre os processos urbanos deste município, e de partida me perguntava sobre os arranjos e passagens que dialogassem com o visível e invisível da loucura pelas ruas de Niterói. É fato que mergulhar nesse processo de pesquisa escancarou para mim passagens onde certamente assenta em meu corpo o jogo pesquisadora/trabalhadora, não há como recuar. Assim como não foi possível recuar disso estando em cena uma mulher que pesquisa a loucura nas avenidas deste município e vive o cotidiano de trabalho num serviço de saúde mental. No entanto, afirmadamente não busquei fazer dessa pesquisa uma experiência clínica, tampouco tratar de casos clínicos ou algo próximo disso, e se por acaso a fiz talvez possa afirmar que se tratou de uma experiência clínica para mim. As cenas e as narrativas que se montaram são passagens que sem dúvida me afetaram ao longo dos anos de trabalho e principalmente enquanto cidadã que ocupa este município. Não é difícil dizer que são anos atravessados por diversos percalços e alegrias também. Portanto, pesquisar acontecimentos desta localidade me ajudou e me ajuda a sustentar um trabalho, ou talvez me mantenha próxima do que cantaram Caetano e Gil em tempos de polarização política em fins de 1968, “É preciso estar atento e forte”! Estar atenta e alerta, faz parte de um cotidiano de uma vida do qual dificuldades, alegrias, surpresas, intensidades, afetos inomináveis permeiam um corpo. Atentos e fortes! O esforço necessário de fazer durar essa música ao longo dessa pesquisa indicou uma certa posição de preparo.

Não temos tempo de temer a morte! A estrofe seguinte dá a pista, mas ainda que não tenhamos tempo de temer a morte, tal como nos convocam os cantores, poderíamos dizer que algo em nós tem morrido. Tá tudo sucateado! A minha própria voz irrompe na melodia da música. Que mortes se atualizam quando a marcha à ré engata as políticas públicas na direção do sucateamento? De que sucateamento falamos? Os índices brutais de violência que evidenciam o racismo, assim como a perpetuação do silenciamento, o corte e o congelamento de políticas públicas, o negacionismo fazem parte do cenário caótico brasileiro e que são habitualmente apagados, o negacionismo histórico se mantém, é desse ponto que me sinto convocada a aquecer turbinas que ativem, incluam e possam disputar memórias. Talvez fosse mais fácil se tivéssemos pistas de como nos mantermos fortes. Às vezes não tão fortes, por vezes não tão atentos, mas seguimos.

Os galhos secos se partem, a ventania deixa claro a que veio. O clarão seguido do estouro já anunciara tão cedo o toró. As idealizações com os caminhos da pesquisa se partem junto com os galhos secos. Uma topada na pedra, faz sentir meu dedo mindinho latejando. Decido caminhar com umas e a esquecer outras pedras. Hora ou outra perguntava às ideias por que elas fugiam quase como um lampejo da consciência. O silêncio escondia na boca as palavras que procurassem encontrar a questão, embaraçava-me; falar das sobras, dos restos, era falar dos meus restos também.

Perco algum tempo ali sentada olhando para o nada, percebo que “ocupo muito de mim com meu desconhecer” (BARROS, 2016, p.5). Limpo aqueles farelinhos esquecidos na mesa da sala, deixando espaço para que outros ali pudessem cair. As cortinas balançam, outros ares entram, estendo o convite a novos interlocutores que possam recolher junto a mim algumas sucatas. De pés calçados bato a porta, abro o guarda-chuva, e ele vira do avesso. O vento tem força. Deixo o guarda-chuva-sucata escorado num orelhão, quem sabe alguém não possa fazer alguma outra coisa com ele?

\*\*\*

Já passam das três e quinze. Quem passa por São Domingos, bairro situado na zona sul de Niterói, pode escutar os latidos de um homem que cruza a Rua Guilherme Briggs de bicicleta. O trajeto é feito e refeito por ele todos os dias. Da clínica de saúde mental em que trabalhava, eu o escutava passando, mas podia vê-lo e escutá-lo sempre que fosse à praça. A Leoni Ramos, mais popularmente chamada de Cantareira, é uma famosa praça conhecida por ser convidativa aos encontros boêmios e aos buchichos estudantis. A pracinha movimentada se avizinhava do serviço em que eu trabalhava. Por ali as quinquilharias circulam a todo vapor, ela acolhe a alta voltagem de encontros: latas, garrafas, ambulantes, beijos, tropeços, estudantes, papelão, músicas, deixam o lugar caloroso e dão corpo ao cenário do bairro.

Uma rua alternativa é tomada, uma parada na banca de jornal também, o olho corre rápido pelas notícias, enquanto aproveito a sombra ali perto do solar do Jambeiro. Uma me chama mais atenção - ainda que não fosse ela nenhuma novidade para mim - pois já se sabe que a boca miúda funciona bem, muito já se ouvia pelas redondezas sobre o assunto. Na matéria, a chamada: “Túnel Charitas-Cafubá inaugura neste sábado”(ALMEIDA, 2018, P.1). Luís Antônio Pimentel e João Sampaio foram os nomes dados ao túnel Charitas-Piratininga

que ligava a zona sul e a região oceânica de Niterói. Nas mídias, novamente circulou: “A nova ligação era esperada há mais de 70 anos pelos Niteroienses”.

O túnel tornou-se vizinho do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, implodiu parte dele quando cortou a via - Piratininga - Charitas -, processo que produziu novas configurações. Imagens de um alisamento, luz e delineamento propostos pelo túnel remodelam o bairro de Charitas e contrastam com os gritos loucos dos escombros e entulhos que passam despercebidos aos passantes esbaforidos. Resquícios de uma lentidão do bairro remotamente pesqueiro confundem-se com o barulho das retroscavadeiras. As placas espalhadas na extensão da via advertem: “Desculpem o transtorno, estamos em obra para melhor atendê-los”. A arquitetura “promissora” chegara varrendo resíduos dispensáveis ao novo boulevard. Pensando a experiência urbana como possibilidade de encontro, a sucata insiste em inventar modos possíveis de vida. O caminheiro se mistura aos canteiros, se dilui entre os paralelepípedos, encontra sucatas em qualquer canto da estrada. A sucata não se conforma ao poderio do conhecimento, ela pode ser qualquer coisa.

Lançando-me à vontade de pensar o estremeamento geográfico e o encontro com a loucura, perguntas dão pistas de um caminho: em tempos de desmantelamento das políticas públicas, como possibilitar a construção de narrativas acerca da tensão entre a potência da sucata e as mazelas do sucateamento? O que o túnel tem a nos contar sobre a loucura na cidade? Que vozes falam a sucata? Entre cantos e pontos distintos da cidade, um mapa rabiscado com intensivas ligaduras, efeitos de uma dobradura. Conectivos que nem sempre se conectam, por vezes se desconectam no mesmo instante em que se encontram. Sucata, corpo e espaço desfazem, refazem os mistérios da presença/existência. Pergunto-me, sem pressa de resposta: que mundos possíveis encontramos na sucata?

## 2. O CESTO, A BOLA E O CAÇAMBEIRO

*Sinto-me um pouco tonta. Percebo que toda vez que estou rolando vejo o mundo de cabeça para baixo. Escutava isso do avô do meu dono, sempre que ele queria dizer que a vida não andava bem, ficava horas naquele cesto com aquelas meias desbotadas que só serviam para misturar meu cheiro de couro com chulé, era assim como passara minha infância, talvez fosse melhor dizer minha primeira casa, que aliás é como minha segunda dona se refere à minha passagem pelo primeiro lugar em que eu morei. Nessa casa, nunca sentia frio, apesar de me contaminarem com aquele cheiro terrível de meias sujas, argh... Nas noites mais escuras e frias eram elas minhas companheiras, dificilmente se divertiam comigo, jogada junto das meias eu permaneci durante alguns anos, pouco saí do meu cesto, sentia que ali era um lugar confortável, mas me faltava alguma mobilidade, não conseguia me mexer muito, estava sempre restrita a um ângulo e a alguns cheiros.*

*Nhec, nhec... A cadeira de balanço do avô do meu dono fazia aquele mesmo barulho todas as vezes que ele queria escutar seu rádio de pilha enquanto reclamava da vida, assim ele fez por anos a fio. Uma vez escutei meu dono dizer meio entre os dentes que o seu avô era um velho bom, mas não era um velho sábio, ele dizia isso toda vez que seu avô lhe falava que ele não tinha experiência e que essa danada experiência só viria depois de uma caminhada cronológica pelo tempo. Um certo dia, a cadeira de balanço deixara de ranger, o rádio de pilha já não mais narrava os gols do Zico pelo Flamengo, e aquela tosse seca tinha cessado.*

*Pouco tempo depois conhecia minha segunda dona, nova moradia. A minha antiga casa já não era mais minha, sentia por perder até aquelas meias velhas, desbotadas, apesar de tudo elas eram as minhas companheiras mais quentes. Encontrei uma nova companheira, ela me curtiava muito, segurava-me com suas mãos quentes e suadas. Cheguei a ensaiar a pergunta a ela algumas vezes, se eu teria um novo cesto para ser guardada, percebia em mim uma queda de braços, forças que me tracionavam o desejo de retornar a um lugar conhecido ao mesmo tempo em que negociavam com as forças de abertura para o mundo, teria a exigência que pelo menos me colocassem junto às meias mais cheirosas, mas não tive tempo porque desde que chegara à minha nova moradia eu quicava o tempo todo, passei a trabalhar muito para minha nova dona, custei a administrar as minhas náuseas até começar a me divertir. Tudo mudou, agora estava em todos os cantos, conhecia muitos lugares, novos ângulos, novos cheiros, novos pés e também novas histórias.*

*Ouvia a sirene misturar-se aos gritos estridentes, um agudo pueril. Já era a hora da saída, ficava atenta a todos os barulhos, agora meu dia a dia perdera a calma da velhice e encontrava a rotina agitada de uma juventude que depois da escola podia jogar bola na rua, e eu ficava ensopada de terra. Senti as mãos pequenas e trêmulas me pegarem, nervosas, que poucos esconderijos encontravam nos bolsos, tampouco se esfregavam, se ocupavam comigo, e me revezavam com outras mãozinhas. E do outro lado havia quem gostasse, havia quem me apertasse, sentia-me sufocada às vezes, havia quem dissesse à minha nova companheira que ela devia brincar de outra coisa, havia de tudo um pouco. Havia quem dissesse que bola não era coisa de menina, e que então para falar na escola ela precisava me deixar um pouco de canto. Era pra tomar jeito de menina, a professora dizia. Deixaram-me de molho no tanque, resolveram que deviam tirar meu encardido, tentava pedir a palavra para dizer para o mundo que podia sim ter outras cores e outros tons e que tudo bem que o meu uso tornasse o meu couro envelhecido, mas escutei nas aulas de português enquanto acompanhava minha parceira que eu era um substantivo feminino, e que isso fazia de mim um objeto inanimado, ora, vejam só, como podiam me classificar como inanimada se eu era uma das mais animadas das brincadeiras? Não entendi nada. Mas outrora, preguiçosa dos debates sobre a minha tonalidade, me punha eu mesmo a quicar, em outros momentos esvaziava de tantas peripécias, ficava sem gás. Pulava de tanto rir, debochando de quando só queria me colocar num espaço retangular chamado gol. Ora! Não quero ser enquadrada! Prefiro circular no meio do campo, jogar um jogo de todos, no meio de outros, quero, contudo, que não queiram nada de mim. Às vezes me deixavam um pouco de lado e eu ficava na plateia, assistia a disputa por outra colega que também trabalhava a beça. E ela se sentia inflada. Com o calor ela inchava, e um pouco de aperto murchava. O suor e a poeira se misturavam a sua tinta verde, logo aparecia um tom verde musgo. Notava que ela podia muitas coisas, inchar, esvaziar. Ia assim se movimentando, se mobilizando para caber nos lugares, junto com as pessoas, mas às vezes quicava sem destino, sem linha de partida, nem ponto de chegada, não queria ser apertada para caber em caixa alguma! Tínhamos mesmo algumas dessas coisas em comum. Eu só queria mais uma vez pular, saltar, alcançar o nada dos céus. Às vezes sentia medo de alcançar os fios dos postes, medo de grudar em fios contínuos lineares, desses fios condutores de ondas elétricas que seguem infinitamente pelos postes, porque eu tinha outros planos, não queria ser conduzida por uma só determinada “linha” (DELEUZE, PARNET, 1998, pág.55), por um determinado fio condutor, queria outras mais,*

*outras que no encontro de fios produzissem outros tipos de choques. Então, seguia atenta para não colar em uma só corrente de energia. Outros choques e outras coisas, me permiti esperar.*

\*\*\*

Que Mafuá! Carlos, deixou escapar enquanto descrevia a cena do homem maltrapilho à Lúcia pelo telefone. Ele empurrava a caçamba barulhenta enquanto cantava aquela música famosa da novela das nove: “onde queres o sim e o não, talvez”! Do Caetano! Mesmo distraído com a canção tocada pela caixa de som suspensa na varanda do boteco próximo, puxando a caçamba meio torta, ele não perdeu de vista o braço de um boneco e o couro envelhecido de uma bola, largados perto de uns caixotes. Alguma serventia deve ter visto ali. Se abaixou para pegar cantando o som de Caetano e fez um pot-pourri com um pancadão “não pára, não pára, não pára não” de MC Marcinho.

Carlos, recém chegado ao emprego, fazia parte de um serviço de saúde mental que cobria aquela região. Mostrava o semblante perplexo enquanto falava com sua chefe. “Jogou as coisas na caçamba e voltou a olhar ao redor.” “Não precisa de tantos detalhes, Carlos!”, disse Lúcia rindo do outro lado da linha.

A rua de terra, larga, ficava perto da BR 101, quase chegando na altura do salgueiro. O bar, gradeado na varanda, apesar do som ambiente, não parecia propenso a acolher os clientes, mesmo aqueles passantes que hora ou outra circulavam por ali. O cenário de guerra da região do Salgueiro, se transmitia a quem caminha por aquela rua quase deserta, a atmosfera tensa tornava o ambiente árido. O campinho de futebol parecia intacto, não tinha marca de pés, nem o chão riscado por uma boa partida de futebol. No máximo se podia ver um desses cavalos maltratados pelo tempo e pela vida que levava, mas ao menos estava pastando a pouca grama fincada na terra.

Carlos ficava temeroso com aquela rua fantasma, já o caçambeiro nem ao menos receoso estava. O novato naquela região, quando percebeu que um rosto o fitava por trás de uma janela, logo tratou de chamar e pedir informações sobre o caçambeiro. A moça que o atendia falava pouco, já que o que era dito naquela região tinha peso de denúncia. Quando a indagou com mais insistência, ela lhe disse que era parte do trabalho dele catar coisas e juntar. Um ou outro vizinho revelava um pouco mais sobre a situação do caçambeiro e dizia a Carlos

que era preciso dar um jeito no cara porque se não o tráfico dava. Contava esse mesmo vizinho que às vezes ele pirava, se afastava da caçamba, mexia com quem não devia, pegava coisas que não podia, até os pneus da barricada andou mexendo. Carlos, ficava preocupado. E o vizinho continuava, “os caras tão por aqui com ele, mas sabem que ele é maluco, aí tão deixando quieto por enquanto.”

Carlos se sentia perdido com algumas informações. Não esperava que em seu primeiro emprego fosse se deparar com um ofício do Ministério Público solicitando uma visita na casa de um homem que juntava coisas, afinal na graduação se imaginava no consultório, atendendo os seus pacientes, num ambiente minimamente seguro. Lembrava-se dos estudos de filosofia, psicanálise, arte, tentava acessar na memória algo que desse pistas para o trabalho em uma situação como essa, mas nada parecido lhe vinha à cabeça. Os estudos de caso, os atendimentos no SPA, ainda que chegassem relatos de violência, nada era parecido com aquela situação. Carlos se sentia numa encruzilhada, estava entre o ministério público, a vizinhança, o tráfico, o serviço de saúde e o homem. Tentava seguir os indícios dos vizinhos que condicionaram o acumular do caçambeiro a um quadro psicodinâmico que o enclausurava em sua pequenez e o restringia a um mundo de objetos aleatórios recolhidos nas ruas.

Enquanto contava a cena à Lúcia, Carlos se lembrou de estranhar o ato de ter vasculhado a vida alheia. Pausou a fala e retomou a chamada com alguns ecos no pensamento. Complementou dizendo que talvez coubesse à Lúcia do outro lado da linha imaginar o furdunço, mas prosseguiu deixando os ecos do pensamento tomarem voz: “cortina podre de suja, mal balançou quando ele meteu a mão”. O pano parecia mais com uma chapa de alumínio. O jovem trabalhador, descrevia minuciosamente a cena, achando que talvez algo ali pudesse fazer sentido ou mesmo ajudar numa resposta ao ministério público de forma que não fizessem a limpa na casa do homem. Era tudo muito velho, ele afirmava à Lúcia.

Lúcia, certa de seus 30 anos de carreira, de constantes visitas a essas casas, dizia ao rapaz que ele não precisava se demorar na visita, que nesses casos não precisava acompanhar, era só visitar, reconhecer o ambiente e informar ao ministério público, e pronto. Mas o jovem trabalhador achava estranho que em uma visita pudesse dizer coisas de alguém, e afinal, talvez tivesse um trabalho a ser feito, com a comunidade onde ele morava, com ele, nada lhe parecia tão óbvio assim. Perguntava à Lúcia se fazia sentido só responder ao ministério público, e entrarem de sola na vida do cara, se não competia a saúde mental tentar fazer um trabalho, fazer frente ao ministério público, ao mesmo tempo achava esquisito serem eles os

profissionais de saúde aqueles que diriam ao MP se o cara ficaria ou não com suas coisas. Lúcia escutava a angústia do rapaz, mas achava que era muito simples o que ele precisava fazer, nada demais, Carlos, dizia ela.

O jovem trabalhador se atentava para as minúcias e compartilhava a desordem do ambiente. Lúcia! Ele exclamava, a cortina de uma janelinha pequena não deslizava, emperrava ao ponto de ser preciso ir e vir, até que ela ficasse de um todo sanfonada. “Ele conversa com aquelas quinquilharias todas, como vai ser se o ministério público der ordem de retirar?” Carlos perguntava à Lúcia, mas a pergunta parecia ter um tom retórico.

Lúcia perguntava a Carlos se ele havia informado o motivo de sua visita. Carlos dizia que no primeiro encontro não tinha conseguido falar, afinal estavam se conhecendo, e o homem não parecia dar importância à presença de Carlos, não queria muita conversa.

Ele se apresentava, dizia que queria conhecê-lo, perguntava seu nome, mesmo já sabendo. Perguntava da caçamba, das coisas que estavam dentro dela, e o homem nada, o olhava desconfiado, com um desses cabos de mato na boca, mastigava enquanto olhava Carlos tentando desajeitadamente se aproximar. “Você vende essas coisas?”. Carlos sem ter mais o que dizer, talvez querendo ver para si algum sentido dele catar tantas coisas, pensava que talvez o homem pudesse arrecadar algo com aquele monte de coisas. Catar, reciclar e vender, talvez ele fizesse parte da cadeia produtiva da sociedade de fato, recolhia as coisas, aqueles restos que ninguém mais queria e reciclava, devolvendo à esteira produtiva do capitalismo. Tudo certo, a conta fechava, talvez fosse um meio que o homem havia encontrado de trabalhar, de se fazer útil, Carlos pensava. Achava que se assim fosse de repente seria até mais fácil justificar ao ministério público o acúmulo no quartinho e nos fundos e as coisas talvez se resolvessem, o cara ia seguir a vida dele, afinal ele estava inserido nessa cadeia infinita de produção, e de certa forma operava uma limpeza na cidade, tá certo que às vezes ele incomodava, mas o cara tava fazendo o trabalho dele, porra! Carlos pensava consigo. Os milésimos de segundos para a conta fechar na cabeça de Carlos foram suficientes para o homem responder: “Vendo não...”. Carlos paralisou, sem saber muito bem o que dizer, sem saber o que fazer. Um tanto quanto perdido nos seus pensamentos achou prudente colocar a cabeça no lugar, pensar mais um pouco sobre aquela situação toda e voltar um outro dia.

Dirigiu uma palavra final ao homem, tentando deixar em aberto o novo encontro: “Posso marcar de te encontrar aqui? Carlos lembrava-se dos atendimentos no SPA da faculdade, com dia e horário combinados, achou que seria o certo a fazer, manter um

combinado com o cara, mesmo que estivessem ao ar livre. Poderiam combinar um ponto de encontro, no final da rua, perto do boteco, de frente para o campinho. Carlos achava que podia encontrar por ali o setting terapêutico tão falado na universidade, mas o homem não parecia corresponder muito às suas expectativas: “Pra que que o senhor quer me encontrar?”. Carlos se sentia apavorado com a pergunta do homem, de fato para o homem não parecia fazer sentido combinar um dia, uma hora, um local, no final da rua, no campinho, à direita, à esquerda, não fazia sentido para ele, talvez nem para Carlos fizesse sentido, mas era mais ou menos como ele tinha aprendido a fazer vínculo com o paciente. Carlos pensou um pouco, tentou retomar a sua apresentação inicial, dizendo que era da saúde mental, e que gostaria de vê-lo novamente. Sem a segurança do dia, do horário, do lugar, à esquerda ou à direita, achou melhor dizer que então poderia tentar encontrá-lo por aquelas redondezas. O homem finalmente, para alívio de Carlos, consentiu. E Carlos encerrou a visita: “eu volto!”. O homem seguiu com sua caçamba entulhada para qualquer lugar ou para lugar nenhum e Carlos seguiu para o serviço. A sua testa brilhava de suor, ajeitava o crachá para que todos vissem por ali. O crachá parecia funcionar como um salvo conduto para circular naquela região.

Chegava ao serviço no final daquela manhã, todo suado, apreensivo com a sua primeira visita, tomava uma água e ia direto para o telefone falar com a coordenadora do serviço. Dizia que tinha sido difícil o encontro, não sabia dizer nem o porquê, mas sabia que tinha algo truncado naquilo tudo, que quase não tinha conseguido marcar o segundo encontro, na verdade não tinha. E que por sorte ou acaso, o homem consentiu de que ele o procurasse novamente naquela região. Lúcia perguntava se Carlos havia conseguido falar sobre o ofício, perguntava se era grave de fato, sobre a apresentação do homem, como ele era, se estava limpo, minimamente asseado ou se de fato se apresentava como o ministério público informava, um trapo humano. “Eu te falei Lúcia, falei com a equipe toda que achava importante terem duas pessoas na visita, eu tô começando agora no serviço, como que eu ia chegar abordar o cara na rua e já dizer de ofício, ministério público, vozes, lixo, sujeira. O cara tá vivendo a vida dele lá, talvez nem imagine que a sua cata incomode tanta gente, o cara parece que tá fora do social, sabe?”

Na outra semana, Carlos, o jovem trabalhador, se ajeitava para a nova visita. Naquele dia cinzento, procurava seu crachá no estojo, procurava na mochila e não achava o crachá. uma colega do trabalho que escrevia um prontuário na sala de equipe dizia que se tratava de um ato falho do Carlos o esquecimento do crachá, já que ele não parecia tão animado com a

próxima visita. Carlos sorria de canto de boca, parecia meio perdido com suas coisas, pensava se talvez não era o caso de ir um outro dia à procura do homem e sua caçamba. Afinal eles não tinham combinado nada, e não ia deixar o caçambeiro esperando como se fosse no caso de um combinado, mas em seguida Carlos achava o crachá no fundo da gaveta do serviço, jurava tê-lo levado para casa na semana anterior, mas não, não tinha desculpas para adiar o encontro ou mesmo a procura. “Tô indo”, Carlos se despedia da colega de trabalho na mesa ao lado. Ela ria para ele achando engraçado toda a movimentação do rapaz e dizia: “depois me conta como foi”. No ônibus Carlos, dividia o banco com uma mulher que falava ao telefone, na sua cabeça um turbilhão de pensamentos, pensava como seria, como tentar ser o mais simpático possível com o homem na abordagem, pensava se dessa vez iria conseguir conhecer o famigerado quartinho. Pensava se, de fato, queria conhecer, achava que não, que talvez fosse melhor que o homem pudesse embarrear a sua presença e que com isso podia responder ao ministério público que não foi possível realizar a visita, seria tudo mais fácil, e caso encerrado, pelo menos para ele. E então ele poderia fazer o que achava que iria fazer quando foi contratado no serviço, atender os casos por lá, fazer oficinas, dialogar com a equipe, pensar nos projetos terapêuticos, talvez até pudesse propor uma oficina de horta, gostava de cuidar de plantas, mexer na terra, ver as mudinhas crescerem, isso fazia mais sentido para ele, tudo estaria correndo bem, estaria fazendo o trabalho que pensava, um belo trabalho que podia compor em grupo. Se perguntava porque a coordenadora havia indicado ele para esse trabalho de visita domiciliar, com tantas pessoas experientes no serviço achava no mínimo curioso colocar um recém formado para algo dessa gravidade. Começava a ficar desconfiado, um desconfiado com uma pontinha de paranóia. A ansiedade batia com aqueles milhares de pensamentos, enquanto a mulher conversava pelo telefone ao seu lado, e Carlos foi sendo levado pelo papo.

A voz da mulher agora sobressaia, ela dizia que o tempo em que estiveram juntos tinha sido bom, mas que não dava pra eles continuarem naquela relação abusiva, talvez até pudessem se encontrar em outro momento, quando estivessem mais maduros e conseguissem se olhar, olhar para a relação. Talvez a pessoa do outro lado tivesse insistindo e a mulher repetia que era difícil terminar, mas que com o tempo tudo se ajeitava, cada um ia seguir a sua vida, seus projetos, seus trabalhos, mas logo em seguida parecia aceitar um encontro de despedida, talvez não estivesse tão segura da sua decisão, ela dizia, e que então podiam conversar, mas que fosse num lugar público. Carlos escutava aquelas últimas palavras e

puxava a corda do sinal. Agradecia ao motorista pela parada e descia por uma ruela próximo ao ponto de ônibus, parecia entrar num outro mundo, uns porcos soltos pela rua vagavam pelo meio da rua. Andava um pouco mais, atento a tudo, as esquinas, os postes, ao barulho, afinal aquela caçamba enferrujada fazia um barulho tosco. Caminhava um pouco mais, olhava o campinho. O cavalo continuava lá, estático, parecia mais uma fotografia, enquadrada, uma coisa remota. Andou mais um pouco até chegar próximo daquele boteco gradeado esquisito sem clientes.

A pouquíssima movimentação por ali, fazia Carlos ficar mais animado por não ter ainda encontrado o caçambeiro na região e não precisar se deparar com toda encomenda feita a ele pela coordenadora. O tempo passava e nada do homem, Carlos se perguntava se não deveria dar uma rodada, mas sentia um pouco de medo de ficar rodando naquela região perigosa demais para circular, tensa demais para abordar os outros. Achou mais prudente ficar perto do boteco, pelo menos já era um lugar um pouco mais conhecido. A hora passava e nada, pensou que talvez devesse ir até casa do cara como a coordenadora indicou desde o início, através do endereço informado pelo MP, mas achava chegar na casa do cara assim, meio do nada. Ele já não aguentava mais esperar, fazia um coque no cabelo pra tentar amenizar o calor, sentado na beirola da calçada, rolava o feed do instagram enquanto fumava um cigarro atrás do outro. Pronto, desistia de esperar, seria mais fácil do que pensava, iria responder ao ministério público que não teria conseguido realizar a visita e deixaria finalmente a vida daquele cara pra lá, era mais fácil assim, não precisaria responder o que ele tinha avaliado do lugar, poderia inclusive citar no ofício do ministério público que a região era de risco e que isso dificultava o acesso e a circulação na região. Seria tudo mais tranquilo e não precisaria se comprometer com a vida do cara, achava muita responsabilidade ter que dizer isso ou aquilo sobre a vida de alguém, e ainda ter que carimbar o documento.

“Porra, pra que que eu fui me meter nisso”, ele esbravejava ao ver a ponta da caçamba virando a esquina e vindo na direção do bar. “Putz, que merda bicho, o cara apareceu, tô fudido!”, jogava a ponta do cigarro na calçada, guardava o celular no bolso e se levantava, pensava porque não tinha ido embora dez minutos antes, e tudo seria muito mais fácil. Oi Sr. Rogério, como está? Carlos perguntava ao homem sem muita animação. O caçambeiro parecia não ter escutado aquela pergunta, o olhava de cima em baixo e lhe dizia: “ que você tá querendo hein!”, Carlos gaguejava um pouco na resposta, dizia ter ido ali para vê-lo e quem sabe caminhar com ele pela região, até a sua casa. O caçambeiro dizia que não tinha nada pra

ele ali não, e que nunca foi de ter amigos. Carlos dizia que tudo bem, que não precisava ser seu amigo, mas que tinha um papel no serviço onde ele trabalhava que indicava que ele pudesse conhecer a sua casa, ver como as coisas funcionavam por ali, pois as pessoas andavam reclamando do acúmulo de coisas e de coisas que ele mexia nas ruas sem autorização. O caçambeiro não parecia entender bem do que ele falava e respondia: “tá na rua, é de quem quiser pegar”. Carlos continuava sem saber o que dizer, por onde abordar, cada vez fazia menos sentido aquela situação, mas era seu primeiro emprego, talvez devesse mesmo seguir as ordens da coordenação, responder logo aquilo com os elementos que tinha e pagar suas contas no final do mês. Insistiu na caminhada até a sua casa, dizia que talvez algum trabalho pudesse ser feito com tantas coisas guardadas na casa, talvez pudesse vender, doar, tentar abrir espaço no ambiente, sem saber se estava sendo precipitado, completou dizendo que por enquanto só queria ver. O caçambeiro dizia que algumas coisas às vezes partiam de sua casa, mas nunca por escolha dele, as coisas que decidiam quando iriam embora. O homem da caçamba aceitava a visita: “quer ver pode ver então.” Numa esquina e outra, o homem parava para recuperar o fôlego e dar um tranco. Caminharam até chegar ao final de uma rua, ao passo que viam mais porcos e cavalos soltos por ali.

O Sr. Rogério, nome informado pelo MP, mais conhecido pelas redondezas como o caçambeiro, abria o portão de madeira velha segurado por uma cordinha. O quartinho envolto por capim molhado, deixava as pegadas de seu instrumento de trabalho, quiçá ferramenta de vida. Estacionava a caçamba bem rente a parede de sua casa. E os dois entravam. Licença, dizia Carlos. Na prateleira não encontrava lugar para o braço da boneca, mas avistava um espacinho entre o relógio sem ponteiros e o toco de uma árvore de natal, para o que sobrara da bola. Não toca, disse ele. O caçambeiro, pegava algumas coisas, trocava outras de lugar, um cisco parecia ter feito os olhos de Carlos encherem de lágrimas, coçava o olho e as narinas, era alérgico demais, mas o caçambeiro mexia nas suas coisas vagarosamente, olhando e admirando cada item enfiado no quartinho.

No corpo do homem a nuvem de pó da decomposição pairava, mastigava a língua enquanto batia nos ombros tentando sacudir a poeira entranhada na camisa. De costas para a porta fechava-se como um casulo olhando pela vidraça. Puxava a alavanca do basculante, deixando as pontas dos dedos riscarem a soleira de granito, trazendo ainda com elas os pedaços das asas de uma mariposa preta. O sol parecia ter sido acordado em cima da hora, pouco iluminava a nuvem de pó que flutuava aos arredores da sua cabeça. Voltava-se para o

lado do corredor, retirando do maço o cigarro de filtro amarelo. O olhar atravessava o ambiente, como se ali naquele cômodo não houvesse nada a ser colocado nas sacolas de 20 litros. Girava a roldana do isqueiro, um trago. Encaminhava Carlos até a porta e lhe dizia até logo. Batia os pés no tapete como se quisesse levantar outra nuvem de poeira, ou talvez como se quisesse se certificar de que havia um chão debaixo dos seus pés. E bateu a porta.

\*\*\*

*Talvez eu já não tenha uma performance como nos tempos de juventude, peço que se despeça de uma memória inventada sobre o meu dinamismo juvenil. Creio que a falta de ar faça com que meus gomos toquem-se entre si, experimento-me esbelta, mas já não tenho o mesmo pique de antes. Costuma chamar-me de cuia e faz de mim um aparador de grãos, me deixa ressentida, mas me contento com o pouco que ofereço ultimamente. Vejo que tu me olhas de um jeito diferente, sentia-me mais necessária. Padeço por pensar em ser posta pra fora, desabrigada novamente. Em cada lugar encontro alguém que em algum momento se desfaz de mim, algumas lágrimas escorrem quando penso nisso. Outro dia escutei na televisão que os terapeutas recomendam que levemos nossas questões individuais para análise, me perguntei se essa poderia ser chamada de uma questão individual, não sei muito dessas coisas, será que se eu contratasse um terapeuta encontraria também um lugar sem risco de ser despejada? Ao meu lado, escuto o suspiro da dona chaleira, estamos todos suspirantes ultimamente, tenho notado que cada um de nós tem se defendido como pode, somos muitos. Imagina se eu teria o atrevimento de competir com a dona chaleira, ela que tanto se compromete com o aroma dos cafês diários. Somos próximas, já fomos rivais. Logo que chegara, dona chaleira percebia em mim um carisma, falava para ela que estava acostumada a ser insubstituível no meio da meninada, e que isso me deixava um tanto quanto convencida, é verdade, mas sempre soube o meu lugar, e ultimamente meu trampo é outro. De bola passei a cuia, no meio de um monte de outras bugigangas.*

*Seu corpo prata fosco soletrava suspiros todos os dias, quase musical, passei a me sentir em casa, gostava de acordar com os suspiros em Mi maior, às vezes me lembrava do barulho do vento. Reclamava um pouco o Relógio, sem ponteiros, achava desnecessário acordarmos tão cedo, ele lutava para dormir mais um pouco, não cabia a nós.*

\*\*\*

*Já não marco mais o tempo, tornei-me a contragosto um Relógio atemporal, por destino, não por escolha. Perdi minhas marcas, meus ponteiros compraram passagem sem volta. Senti um aperto nos primeiros dias, perdi o controle do tempo, já não alcanço os números sem os meus braços, sem controle me pego pensando que o tempo já não é mais meu, perdi o trabalho, perdi o controle. Resolvi viver uma vida sabática, não tenho mais hora para acordar, a não ser com os suspiros de dona chaleira, a bola vive me dizendo que estou melancólico, mas eu me sinto mesmo é sem compromissos, na verdade um compromisso comigo, trabalhei de graça por longos anos a fio, agora quero gozar da minha aposentadoria, outro dia sonhei que encontrava meus braços num futuro próximo, e voltaria marcar a contagem do tempo, acordei molhado de suor, me apeguei a uma certa liberdade. Já não preciso produzir sons para despertar as pessoas, nem controlar a hora do remédio e nem ouvir o meu próprio tic-tac, senti falta desse batimento, mas precisei encontrar outros.*

### 3. A CAÇAMBA, O GATO E A TREPadeira

Com “os óculos dirigidos para fora” (FOUCAULT, DELEUZE, 2012, p.132), o caçambeiro desacelerou as passadas virando-se bruscamente para o lado esquerdo, pôs sua sacola na mureta de tijolo vazado. Os olhos vidrados acompanhavam o movimento da sua cabeça para cima e para baixo como se fizesse um raio x da carroça, olhando copiosamente cada detalhe. Um cachorro sinalizava a sua chegada cheirando e lambendo sua canela. Enquanto ele rodeava a carroça, franzia a testa, parecendo não entender a sua impertinência do outro lado do muro. Espantou o gato magrelo rajado de preto e branco, espatifado naquele projeto de carroceria. Precisou espantar duas vezes até que ele se levantou lentamente como se sua carcaça fosse muito maior do que aparentava e pulou quase que em câmera lenta, soltando um miado fraco, fraco. Estacionada ao lado de um ferro velho, tinha nela uma placa de mdf, cujas letras se encontravam, dizendo: “Não tá a venda”. A trepadeira deixou com que suas raízes se enroscassem em uma das rodas, erguendo-se por grande parte da extensão, brotava um florido acanhado. O homem comprara uma briga com a trepadeira, fazendo movimentos brutos pra frente e para trás até que a planta soltasse da roda e de toda superfície. Havia comprado uma briga com o gato também, mas este, de tão franzino, não tinha forças para disputá-la. Arremessou a placa, fazendo um *boomerang* para dentro do terreno, deixava ela compor com a multidão de entulhos, por ora ela não voltaria. O gato miava, ainda que fraco. O cachorro regressava ao terreno e o gato deixava sua carcaça esquelética recostar na mureta enlodada. E ele precisou de impulso depois de se abaixar para subir de volta com a girica de duas rodas.

A grade de pintura já gasta aceita os sinais dos efeitos do tempo, ainda assim consegue amparar alguns objetos, assegurando a sua permanente impermanência ali. É parte do jogo o acaso do encontro, o gesto de tomar nas mãos aquela vassoura de cerdas já gastas, jogá-la na caçamba e também pelas frestas enferrujadas algumas outras coisas ficarem pelos cantos do asfalto. São Gonçalo não parece tão distante de Niterói, às vezes a cata se estendia a outras redondezas. O caçambeiro pegava ali por Itaúna, Boaçu, Gradim, vila laje, covanca, ia riscando os bairros até chegar próximo ao cemitério do Maruí, chegava ao largo das barradas até que cruzava a Alameda São boaventura. O gesto ruidoso da caçamba também anunciava o flerte com o centro de Niterói, que “nos mostra a fugacidade de atos, gestos, sentidos resultantes de um fazer ininterrupto onde nada é definitivo” (BAPTISTA, 2012, p.28). A

caçamba recolhia as inúmeras histórias, “só me interessa o que não é meu” (ANDRADE, 1928, p.1). O caçambeiro poderia dizer o mesmo, mas de punhos cerrados no puxador de ferro, dá um tranco com a caçamba e diz o “mesmo” diferente: “só nos interessa o que não é nosso”. Do nosso, interessa ainda mais o nós: “esse olhar sem tradução recusa ao outro identificar-se, reconhecer-se, mas o toca, ressoa nele nervosamente convidando-o a compartilhar de um nós sem espelhos ou harmonia” (BAPTISTA, 2012, p.36). Do nós, as histórias tomam outros paradeiros, do nós alguns *nós*: sabe-se que no final do dia o copo plástico tornou-se caixinha de moedas, a sacola plástica, de tantos nós, virou uma provisória corda elástica, e os chumaços de algodão tornaram-se bonecas. Enquanto estende as mãos para alcançar os papelões, uma voz no fundo ressoa: “leva tudo, vai ficar escolhendo?!” E ele retruca: Eu escolho por necessidade!

A carroça com seu formato de nicho deixa a vista uma certa profundidade, devora-os enquanto espreme o seu chorume, o líquido parece ter a consistência embolada e acinzentada, engrossando o “caldo subjetivo” (MIZOGUCHI, 2007, p.22). As histórias sacodem e roçam umas nas outras junto com o desnível do calçamento. No emaranhado de fios, metais, cumbucas, algumas coisas servem e outras funcionam como já diria Deleuze e Foucault (2012), outras não mais.

Uma parada para descansar no sofá marrom posto na calçada em frente à casa azul turquesa, esse fica grande demais para ser colocado na caçamba, mas serve de encosto para o descanso. Espremida entre dois prédios glamorosos, a arquitetura sacra deixa o convite em suspenso através da porta de ferro fundido. O sofá antigo parece destoar da estampa pomposa dos prédios que refletem a imagem dos que passam, o tecido de couro tem as pregas do capitonê soltas, talvez sua pompa tenha saído de moda. Do vitral uma sombra parece acompanhar o destino da mobília que outrora compôs as intimidades de uma vida privada (COIMBRA, 1995). Nem tudo que é achado precisa ser recolhido, algumas coisas ficam. Afirma-se um ethos (FOUCAULT, 1984) no uso das coisas. Um certo modo de ser e se conduzir que se aproxima de “sua maneira de caminhar” (FOUCAULT, 1984, p.4). Os prédios estão virando cartões postais, disseram por ali.

O caçambeiro para e olha para o alto de um dos prédios, e durante algum tempo ele só faz olhar para cima, aos passantes a curiosidade contagia, em pouco tempo temos um grupo de pessoas olhando para o alto procurando talvez a mira do caçambeiro, ele se dá conta, volta o olhar para cada um deles, a mira não está mais no alto, mas para cada uma daquelas pessoas,

apesar disso, elas seguem olhando para o alto. A direção é retomada pendendo para um dos lados, faz força para o lado oposto, a rodinha trava, mas o esforço parece ser redobrado para mantê-la rente à linha amarela da pista. Algumas coisas ficam para trás, outras seguem perigosamente próximas das grades roliças de ferro.

O caçambeiro empurra as memórias. Conta aos quatro ventos que a bola achada era de um jogador famoso da copa de 1950, e que ele havia sido seu vizinho em Bangu. Há quem o contrarie - nos lugares por onde passa - dizendo: vai contar essa lorota pra outro! Outros se perguntam: será que ele conheceu mesmo esse tal de Zizinho? Outros dizem que mesmo que ele tivesse conhecido, a tal bola não resistiria aos desgastes do tempo. O caçambeiro não parece se incomodar se para alguns a tal história se parece mais com uma de suas caraminholas. As histórias trocam-se como quem tem um punhado nas mãos, se reinventa ou não um passado para elas, já não importa, até porque “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. (BENJAMIN, 1987, p. 224). O gesto que as faz compor com trajeto pode deixar o caminho menos árido: “imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando (BENJAMIN, 1987, p.211). O método vai se compondo junto com o chinelo furado na sola, arrastado, já gasto. O gesto de quem se abaixa e pega o pneu velho é também o gesto de intervir nas coisas do mundo. Caminhar pelo espaço implica em um certo punhado de acaso (MASSEY, 2008, p.166), ainda que seja ele insuficiente para capturar a imensidade da cidade. O aperto dos camelôs, as tendas estendidas por cima deles, dificultam a passagem, deixam o caminhar mais lento. Quem passa é recebido pelos ambulantes, que têm em uma das mãos uma prancheta, na outra a embalagem de plástico balança no ritmo das cordas vocais: “chip da oooi”, “chip da viiiivo”. É preciso paciência e um certo jogo de corpo para ir abrindo caminho no caos para fazer a caçamba passar. “Há sempre um elemento de caos. Este é o acaso do espaço” (MASSEY, 2008, p.166).

Caneca, durante as saídas diárias da Fundação, encontrou modos de escape fora dos radares institucionais; subverteu os pontos fixos de um roteiro, ainda que os tempos de controle exijam novos arranjos. A caçamba devorou os elementos do caos, o alvoroço não os assusta. A passagem obstruída faz as pernas esguias e as rodas pausarem, mas não têm pressa, parecem esperar por ali que a desordem do caos lhes contagie. Talvez tenham optado por caminhos mais tortuosos, ainda que gotejasse a água acumulada debaixo das tendas dos camelôs. Ambos, mesmo que em lugares opostos na cidade, testemunharam as peripécias do caminho, encontraram um meio, antes que o fim ousasse chegar. Outros quando deram por si,

já se encontravam na chegada, assim nos diz Riobaldo lá pelos seus sertões, quando perdeu o prumo do meio: “Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada.” (ROSA, 1994, p.43).

Mas nada há de certo ou de seguro, nem ao menos sabemos que o meio já não se trata do fim, nem tampouco do começo, mas sustentamos que o ponto final da viação de ônibus em algum canto qualquer desta cidade é também passagem para tomar outra rota e seguir. Se nesse meio, a sucata lhes foi companheira de viagem, ou mesmo se ela fez valer o arrojo da travessia, talvez tenha sido pelo ato de catar existência.

#### 4. ANDANÇAS E RUÍDOS

Ouvir os helicópteros da PM pairarem sobre as comunidades das redondezas do Largo da Batalha me fez imaginar uma certa produção de um fluxo diferente do que o habitual, um fluxo que, percebido de uma outra forma, traria um certo panorama do lugar, mas estaria distante. O sobrevoo aqueceria as turbinas de um olhar totalizador, que segue na contramão do que se quer apostar aqui: “todas as perspectivas cedem passagem a uma visão infinitamente móvel, que parece ser não mais apenas a respeito do truque mítico de deus de ver tudo de lugar nenhum” (HARAWAY, 1995, p. 19).

Conceitos ociosos de histórias colocam “uma linguagem que é feita para que não caiamos” (LARROSA, 2014, p. 100), institui uma distância para que nossas certezas não sejam colocadas em perigo, e logo caduca nesse tempo outro de que se quer aproximar a lente. Mas voltemos atrás, um passo que seja, já que a lente de uma lupa é objeto que aproxima, mas é preciso incluir que uma imagem tão ampliada também corre o risco de ficar embaçada e, por outro lado, emblemático símbolo de investigação. E, novamente aqui, há de se propor uma aproximação que não quer bater martelo de investigador, mas, ora, como não? Perguntaram-me afirmando em tom de interrogação: não se trata de uma pesquisa? Recolhi trechos de volta à mochila, guardando também a lupa, ainda que as respostas não dessem conta de pausar momentaneamente o uso da lupa, achei que fosse o melhor caminho a seguir. Investigar-uma-ação, esquadrihar uma cena, é não viver a cena, no entanto, já não estamos mais por completos embebidos em uma sociedade disciplinar, como aponta Deleuze em *Pós-scriptum* (1992), mas também não queremos viver a cena tal como capturada em tempos de controle a céu aberto. Mas, então, o que queremos? Talvez seja interessante apontar que não se trata dos caminhos do querer, mas do que pode vir a ser possível e inventado, em tempos de controle. Em que saídas apostar para não ser por elas capturado de um jeito que não seja possível produzir aberturas no próprio tempo? Adura (2017) nos ajuda a pensar um caminhar cujo processo se faz menos por uma atitude natural e mais sobre a possibilidade de abrir caminhos: “é na prática de deslocar um objeto de seu espaço-destino que se concentra a possibilidade de fazer soar os ruídos imbricados no gesto de catar.” (ADURA, 2017, p. 99).

Me parece que alguém que veio empurrando a caçamba barulhenta também desnaturalizou o ato de caminhar. Algumas pistas vão indicando que não se trata de qualquer “caminhar” e que talvez precisemos “voar fora da asa” (BARROS, 2016, p.19), bem distante

dos helicópteros que sobrevoam o Largo da Batalha, ou mesmo – e aqui me parece que essa segunda indicação ganha mais força nesse momento – que é poder despencar dela, para então fazer também da pergunta – com que ferramentas aproximo meu corpo, meu olhar? – uma afirmação. Se nesse primeiro momento guardo a lupa naquela caixa antiga no canto do quarto enquanto repriso as minhas próprias palavras mentalmente como se elas fossem acalmar o tremelique das pernas, agora me deparo com as mãos soltas, talvez devesse escondê-las nos bolsos. Uma passagem torna-se interessante: da investigação à ação. Se há de investir em ações, que ações são essas? Já temos pistas de que uma cena enquadrada por uma imóvel moldura de madeira envelhecida já não nos interessa, embora tenha ela o seu valor, também já temos pistas de que a distância faz perder o foco, tal qual uma lente convergente que pode embaçar uma imagem se ampliada demais. Por ora, deixemos as lupas, as molduras em algum canto, deixemos também de dizer daquilo que não queremos nesta pesquisa e passemos a outras proposições: o que queremos acionar? Que ações nos interessam aqui? Que cenas podemos abandonar? E com quais cenas nos dedicamos a seguir? Que vozes falam a sucata? Ações, cenas, cenários, pupilas dilatadas, para acompanhar os movimentos das pernas que tropeçam nos meios-fios e dos braços estabanados que esbarram nos transeuntes. Equilíbrio nunca foi meu forte. Deixa estar.

## 5. BIRIQUITOTE XEFRA

*“Não me pergunte quem eu sou e não me diga para permanecer o mesmo.” (Michel Foucault, Arqueologia do saber)*

### 5.1 Marmelo, martelo, vez ou outra Marcelo

Lembro-me que quando criança, ganhei um livro que me marcou muito. Devia ter em torno de 7 anos quando recebi aquele livro com um menino estampado na capa. Na ilustração, o menino levava um dos dedos ao canto da boca, o que denotava um ar pensativo. Sempre fui apaixonada por histórias, quando ainda muito menor pedia que meus pais me contassem histórias antes de dormir, gostava muito de ouvi-los contar, pela encenação, pelo tom da voz, pelas onomatopéias que se davam, enfim, pela emoção que aquelas histórias me causavam. Mas lembro-me bem de ter tido um apreço por aquela leitura, algo ali me fisgava. Quando gostava de algo na infância, posso dizer que até hoje, eu cismava com aquela coisa. Podia ser um filme, um desenho, ou mesmo aquele livro: Marcelo, marmelo, martelo. Livro este que li e reli muitas vezes, poderia dizer até enjoar, mas daquela leitura eu não cansava.

O tempo passou, e o livro foi doado com outras coisas que embalsamaram a minha infância, mas segue vivo na minha memória. Algo dele me fisga até hoje. Marcelo era um menino que fazia muitas perguntas, e é claro que muitas crianças em determinada fase se dedicam a algumas perguntas. Mas Marcelo além de fazer muitas perguntas, perguntas gerais, sobre a natureza, sobre os animais e etc, passou a se perguntar e perguntar aos adultos algo mais, algo que os deixava sem respostas. Certa vez ele cismou com o seu nome. Toda vez que lia aquela obra identificava algo de mim, talvez fosse pelo jeito cismador de Marcelo, que como eu batia na mesma tecla um milhão de vezes, ou talvez agora escrevendo a dissertação, por me sentir provocada por suas questões. Mas o fato é que Marcelo cismava, e passou a perguntar aos adultos ao seu redor o porquê de se chamar Marcelo. Sua mãe dizia que era por escolha e ele retrucava: “E por que é que não escolheram martelo?”(ROCHA, 1976, p.9), a mãe sustentava que martelo não era nome de gente e sim de um objeto, de uma ferramenta. Marcelo seguia em seus devaneios, e continuava a se perguntar por que de não terem então o chamado de marmelo, e sua mãe explicava, por que é nome de fruta, Menino!”(Ibidem, p.9) logo ele retrucava: “E a fruta não podia chamar Marcelo, e eu me chamar marmelo?”(Ibidem, p.9). Marcelo talvez deixasse os adultos sem paciência, mas parecia acreditar cada vez mais

em seus questionamentos. O seu jeito perguntador, cada dia tomava mais espaço. Não entendia o motivo de mesa ser chamada de mesa, “por que esse tal de latim” (*Ibidem*, p.10) - explicação dada pelo seu pai sobre a origem de algumas palavras - não pôs o nome “na mesa de cadeira, na cadeira de parede e parede de bacalhau?” (*Ibidem*, p.10) ele se perguntava e dirigia a pergunta aos mais velhos. Um deles, já encurralado pelas ideias de Marcelo, dizia que estava era ficando louco com tantas perguntas que não tinham respostas.

Marcelo, continuava pensando e achava muito estranho e inapropriado o nome das coisas. Estava certo de que algumas coisas podiam ter outros nomes, dizia: a cadeira “devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada” (*Ibidem*, p.13), falava sobre o travesseiro, que esse deveria se chamar “cabeceiro” (*Ibidem*, p.13), e decididamente afirmava: “Também, agora, eu só vou falar assim” (*Ibidem*, p.13). Nos dias que seguiram, Marcelo tomado por sua nova decisão, começava a dialogar a partir da sua nova língua. No café da manhã, puxava a cadeira e dizia: “Mamãe, que me passar o mexedor?” (*Ibidem*, p.14) e a mãe respondia: “mexedor, que é isso?” (*Ibidem*, p.14) ele retrucava: “Mexedorzinho, de mexer café.” (*Ibidem*, p.14), a mãe respondia: “ah... colherinha, você quer dizer.” (*Ibidem*, p.14), em seguida pedia ao pai: “papai, me dá o suco de vaca?” (*Ibidem*, p.14), e o pai olhava espantado, e o menino seguia com seus pensamentos: “suco de vaca, ora! Que está no suco da vaqueira” (*Ibidem*, p.14), o pai respondia: “Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?” (*Ibidem*, p.14). Talvez os adultos daquela história pouco entendessem a nova língua de Marcelo, ou para eles não fizessem sentido a nova língua, mas para Marcelo sim. Na época achava a leitura muito leve e espirituosa, morria de rir com a criatividade de Marcelo, agora relendo sinto algo próximo do que sentia.

O pai de Marcelo decidia então por ter uma conversa com o menino, afinal para ele todas as coisas tem um nome e ninguém se entenderia caso as coisas não fossem chamadas pelo mesmo nome. Marcelo, estava firme sobre o que achava, e dizia ao pai não concordar com aquilo e tornava a perguntar ao pai: “Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas?” (*Ibidem*, p.15), em seguida disse: “BiriQuitote! Xefra!” (*Ibidem*, p.15) e o pai lhe respondeu: “Deixe de dizer bobagens, menino! Que coisa mais feia!” (*Ibidem*, p.15) e Marcelo retrucava: “Está vendo como você entendeu, papai? Como é que você sabe que eu disse um nome feio?” (*Ibidem*, p.15). Marcelo não se conformava em ter que chamar as coisas por nomes que não faziam sentido e continuou a falar a sua língua. Ao chegar em casa, cumprimentava os pais dizendo: “bom solário a todos..” (*Ibidem*, p.16) e ele continuava

inventando: “Sabem o que eu vi na rua? Um puxadeiro puxando uma carregadeira. Depois, o puxadeiro fugiu e o possuidor ficou danado” (*Ibidem*, p. 16). Os pais passaram a se preocupar com Marcelo já que ele não parava de inventar moda, o pai achava que se tratava de uma fase, coisa de criança, mas a fase custava a passar. “Bom solário, bom lunário” (*Ibidem*, p.18), era como cumprimentava as visitas, passara a chamar a casinha do cachorro de morador e o cachorro de latildo. Certa vez a casinha do cachorro pegava fogo e o menino corria para avisar ao pai: “papai, papai, embrasou a moradeira do latildo!” (*Ibidem*, p.20), o pai custara a entender do que se tratava, e não tinha dado tempo de recuperar a casinha. O menino ficou triste com aquela situação. Sem saber o que dizer, os pais se olharam e disseram: “Não fique triste, meu filho. A gente faz uma moradeira nova pro latildo.” (*Ibidem*, p.22), “É sim! Toda branquinha, com a entradeira na frente e um cobridor bem vermelhinho” (*Ibidem*, p.22), a mãe completava.

Bom, se Marcelo seguiu ou não falando a sua moda, já não nos interessa tanto. Um tanto de língua, um tanto de infância, mas o que a língua e a infância, a invenção de moda, tem a ver com a verdade? A ficção infantil ajuda a compor o método? Suspeito que sim. Alguns pontos sobressaem na leitura, quando Marcelo por exemplo se pergunta: por que este nome pra determinada coisa e não aquele? Por que devo falar como todos? Para isso o pai logo encaminha uma resposta: por que todas as coisas tem um nome. Há uma convicção de verdade que se coloca, e também uma concepção de origem, mas também há uma passagem: no vai e vem linguageiro, em algum momento Marcelo deixa de se perguntar e passa a fazer uso da sua nova língua, e se antes ele estivesse tentando investigar seja lá um método ou a origem do nome das coisas, num segundo momento Marcelo passa a fazer uso da sua língua. De uma certa investigação à ação.

Bom, mas aí poderíamos dizer ou mesmo nos perguntar: não estaria Marcelo recusando o mundo universal das palavras e se fechando em si mesmo? Alguns talvez dissessem que sim, a família de Marcelo expunha sua preocupação, os vizinhos também. Ainda que sua recusa ao sentido universal das palavras, essa recusa do universo consensual das representações que as palavras encarnam, estivesse perturbando aos mais próximos, o que estamos querendo sublinhar aqui é que há algo de singular na ação de Marcelo, há algo no seu gesto, na passagem que curiosamente é criado. Há uma recusa sim, uma recusa ao senso comum. O comum do mundo é estranhado por Marcelo, que eminentemente se desloca, fazendo o menino perseguir um outro modo de habitar o mundo, de habitar a língua. Resta

ainda um outro ponto, o ponto de contágio, que se pode ver na relação com os pais, a família entra na brincadeira de Marcelo, e se as palavras usadas por ele eram verdadeiras ou não, já não tinha mais tanta importância.

Algo de inaugural acontecia, e este torna-se ponto chave. Até hoje essa história me balança, não pretendo aqui tecer uma ontologia do pensamento de Marcelo, embora achasse que caberia, mas tecer os dispositivos de veridicção. Marcelo e Foucault, como veremos mais a frente, dão novos sentidos às palavras, no caso de Foucault o novo sentido é a parresía e esse novo sentido não é uma simples representação, é antes conceitual, uma ferramenta, um ethos, inaugurar um novo modo de se relacionar com o mundo, tal como Marcelo enuncia. Brincadeira é coisa séria.

## 5.2 Realidade ou ficção?

Realidade ou ficção? No documentário *O jogo de cena* (2007), Eduardo Coutinho borra de maneira fortíssima, as fronteiras entre o real e o ficcional. Essa produção começa quando Coutinho coloca um anúncio no jornal à procura de mulheres que estivessem dispostas a contar suas histórias de vida. Feito isto, ele grava os depoimentos e apresenta as gravações as atrizes e pede que elas encenem como se fossem suas próprias histórias. No trabalho de edição, Coutinho mistura as histórias originais às interpretações, o que produz um efeito curioso no espectador.

Enquanto assistia o documentário, algum embaraço se colocava. Histórias pessoais compartilhadas! Num primeiro momento foi o que me veio à cabeça, em seguida a mulher encerrou sua fala dizendo: “foi assim que ela contou a história”, a virada me surpreendeu.

Nas cenas as mulheres contam experiências de suas vidas, de maneira que para o espectador até determinado momento não fica claro que está se tratando de uma atuação ou se de fato aquelas mulheres teriam passado por aquela experiência. Há um embaraço que é produzido como efeito de um primeiro contato com o documentário, mas num segundo momento fica claro que Coutinho não parece interessado em confundir o espectador, no sentido de operar uma confusão entre o verdadeiro e o falso, o que parece é que ele está muito mais interessado em uma lateralização das duas discursividades, entre o real e o ficcional. As narrativas orais do documentário recuperam elementos fundamentais da trajetória de

Coutinho, que parece questionar o próprio gênero documental a partir do que se coloca enquanto linha sutil do gênero documental e da ficção, das performances. O documentário se apresenta como um ato.

O ponto é que as cenas caminham na direção de um acontecimento e quem contracena com as mulheres é o próprio Eduardo Coutinho (2007), colocando em jogo também seu processo de trabalho, fazendo pausas, perguntas e intervindo. Há nas conversas o real do ficcional, onde a ideia da representação é posta em xeque.

Eduardo Coutinho é conhecido também por outras produções como *Edifício Master* e *Babilônia 2000*. Consuelo Lins, cineasta e escritora, trabalhou com ele nessas produções. Ela percorre em seus textos alguns pontos fundamentais sobre esse trabalho. “O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte no presente” (LINS, 2004), trata-se de um texto onde Consuelo (2004) destaca algo que norteou o método do cineasta: o ato da palavra, ou melhor, “a palavra em ato” (*Ibidem*, n.p), com essa afirmação Lins ganha terreno para desdobrar o que a palavra produz enquanto acontecimento no presente. O que marca a palavra em ato não se confunde com explicações, a palavra ali não tem a função de esclarecer, tampouco solucionar qualquer problema, ao contrário, a palavra tal como ato produz tensão, não promete nada, a não ser a sua própria enunciação.

Interessado nas experiências, marcadamente influenciado pelas leituras de Walter Benjamin, cujo trabalho se assenta na experiência, Coutinho trabalha em uma posição onde o seu interesse se localiza na narrativa posta em jogo, onde de forma alguma elas ganham estatuto de explicação, nas palavras dele: “de entender as razões do outro sem lhe dar razão” (LINS, 2004, n.p). A posição que Coutinho assume no documentário *Jogo de cena* ajuda a encaminhar a produção de uma fala que parte de um ponto que é fundamental, de que o outro é diferente dele, e só se posicionando nesse lugar, as narrativas tomam estatuto de acontecimento nessa relação. Não interessa a veracidade dos fatos, aliás me parece que ele não está interessado nos fatos, e sim no que pode ser inventado ali, pois o processo de fabulação incorporado a quem o endereça a palavra, toma estatuto de acontecimento<sup>3</sup>, e

---

<sup>3</sup> Benjamin recorre ao pensamento do dramaturgo Brecht para ajudar a pensar o lugar da narrativa para ele. Brecht traz uma outra concepção de teatro, bem distinta do teatro em voga na época. Se o teatro convencional operava a partir de um apelo ao público que o assiste, engendrando uma lógica em que o espectador acompanha e é enlaçado por uma cumplicidade onde é possível se dar conta sobre onde começa e onde termina, no teatro de brecht há uma forte proposta de intervenção que se dá pela via do estranhamento. Brecht não propunha que o espectador se identificasse, mas que algo ali pudesse ser cortado e o espectador pudesse experimentar algo como um estranhamento. O teatro para ele então não poderia estar pronto antes do acontecimento, como uma

produzem efeitos em quem contracena e no espectador. Tudo que se incorpora a essas narrativas assumem lugares na escuta, ou seja algo nas cenas apontam para a singularidade dos personagens, entre quem fala e quem escuta algo se cria, se inventa, o silêncio de Coutinho muitas das vezes abre esse hiato onde permite que algo seja dito e não explicado. A dimensão espacial, característica do documentário *o jogo de cena (2007)*, revela e demarca um momento importante na produção, nessa especificamente o palco de teatro é o lugar onde o encontro acontece, diferente de outras produções que eram filmadas em espaços geográficos em determinados contextos sociais, arquitetônicos, estrutural. O espaço, tanto quanto o ato, tornam-se fundamentais no processo, e Consuelo Lins nos ajuda a ir mais a fundo: “É o princípio da locação única que permite estabelecer relações complexas entre o singular de cada personagem, de cada situação e algo como um estado de coisas que vivemos hoje no Brasil” (LINS, 2004, n.p). Um presente impuro, ela nos diz. O enfrentamento à saturação da palavra nas vias televisivas, como inaugurar uma palavra em imenso e farto arsenal de clichês, são questões que Consuelo levanta no texto para encaminhar que o próprio processual das filmagens resgata esse processo singular dos depoimentos, a palavra é ato, “é território compartilhado” (*Ibidem*, n.p).

### 5.3 O gesto parresiástico

No texto intitulado *A urgência das inquietações: uma improrrogável militância*, Mizoguchi e Souza (2017) trazem um problema tocante à relação com o tempo. Movidos pelo interesse em colocar as questões entre o curso ministrado por Foucault em 1984 *A coragem da verdade* e a ética militante, trazem reflexões e movimentações que dialogam fortemente com a verdade e o tempo. Em tempos inférteis de ódio e nefastos atos fascistas, os autores se ocupam em pensar a urgência da coragem da verdade e uma vida não-fascista.

As formas de veridicção e a temporalidade se entrelaçam. Verdade, tempo e ética parecem improrrogáveis, e eles nos dizem: “o tempo em que uma certa modulação da verdade já não pode mais se demorar - o tempo da improrrogável urgência da ética” (MIZOGUCHI; SOUZA, 2017, p.28). Do curso de 1984 extraem algo importante, palavras que o filósofo coloca para encerrar o curso: “Bom, olhem, eu tinha algumas coisas a dizer no âmbito geral

---

representação, ou seja, nada estava dado. A lógica proposta por Brecht estava em que os atores pudessem se posicionar no instante do acontecimento. (BENJAMIN, 1987).

dessas análises. Mas já está tarde demais. Então, obrigado” (*Ibidem*, p.26), desta fala uma dimensão temporal é colocada em jogo: “entre o tarde e o tarde demais” (*Ibidem*, p.25).

Nos deteremos aqui no ponto entre a verdade parresiástica e a ética, partindo da famosa cena, o episódio retratado no *Fédon* por Platão e retomado por Foucault na obra *Hermenêutica do sujeito* (2006), em que a morte de Sócrates por envenenamento representa para Foucault a função ética do cuidado de si. Ao preferir enfrentar a morte a renunciar a dizer a verdade, Foucault extrai uma lição entre a verdade e a ética. Tarefa de Foucault, tarefa de Sócrates. Mizoguchi e Souza (2017) nos dizem, tarefa urgente: “tarefa cotidiana, de todo aquele que, a cada instante, sabe que começa mais tarde e está sempre em vias de habitar o tarde demais, levantando ininterruptamente o véu que cobre tudo o que existe porque já não há mais o que esperar” (MIZOGUICHI; SOUZA, 2017, p.31).

Antes de estar tarde demais, Sócrates, pronuncia suas últimas palavras, nas quais clama à Críton sobre a dívida que tinham com Asclépio. O sacrifício do galo ao Deus da cura, não poderia ser esquecido, tampouco descuidado. Qual a mensagem teria sido aquela deixada por Sócrates nos instantes finais de sua vida? Muitas foram as explicações conduzidas a elucidar o enigma das palavras de Sócrates, sem dúvida havia ali algo misterioso, algo que tocava uma dimensão curativa. Mas do que Sócrates havia se curado no instante mesmo em que estava envenenado?

Em poesia por Alphonse de Lamartine (FOUCAULT, 1984), afirma que Sócrates teria se curado da doença de viver, e por isso é o próprio Nietzsche que afirma que Sócrates teria fraquejado nos seus minutos finais. Wilamowitzque chegara a dizer que Sócrates havia sido curado por uma doença que tivera ao longo da vida, e que se referia a ela quando propôs o agradecimento. Dumézil, no entanto, desconfiava dessas interpretações, lhe parecia de certo modo simplista, desconfiava pela vida que Sócrates tinha levado. Os seus ensinamentos, certamente não transmitiam um pessimismo perante a vida, sendo assim a vida não poderia ser um fardo de uma doença como disse Nietzsche. Pois bem, nenhuma dessas explicações satisfaziam Dumézil e também a Foucault.

Antes do amanhecer Críton chega a prisão<sup>4</sup>, sentado se põe a observar o sono de Sócrates. O tempo é curto até que Sócrates desperte e estranhe a companhia do amigo tão cedo ao seu lado contemplando seu descanso. O indaga por não tê-lo acordado. Críton diz que

---

<sup>4</sup> Diálogos Platônicos: Críton, ou o dever. Tradução: Jaime Bruna. Personagens: Sócrates e Críton, dois velhos. ( 360 a.C ).

quanto mais Sócrates pudesse aproveitar do sono, menos o importunaria, já que estar acordado era também conviver com aflição que julgava a passar naquele momento.

O amigo, que tinha a urgência em salvá-lo, propôs a Sócrates que programassem uma fuga. Havia um navio que atracaria, e nesta embarcação, Sócrates poderia deixar Atenas, conseguindo se refugiar em lugares distantes, onde certamente não correria perigo. Críton trata de tranquilizá-lo em relação aos custos da fuga, já que teria o suficiente para bancá-lo. Afirma que caso ele não tentasse ao menos fugir estaria cometendo uma injustiça deixando seus filhos e também traindo a opinião pública e desagradando a todos.

Sócrates não sucumbe à proposta de Críton, mas certamente ela o afetava, e com isso ele encaminha uma questão importante, questão de morte, questão de vida: Deve-se levar em conta a opinião de todo mundo? Sócrates se dá conta de que estavam tentando fazê-lo recuar. A pergunta abre uma prerrogativa sobre aquilo que se deve levar em consideração na emergência de uma decisão, naquele caso decisão de vida ou morte. Não recuar jamais, mesmo diante da morte, se tratava do gesto parresiástico.

Algo se transmitia no diálogo entre Sócrates e Críton, de que não somente o corpo padece, mas algo em nós também, caso a opinião dos outros e de todos fosse sentença de vida. Havia uma atitude de intercessão sobre a relação conosco proposta por Sócrates, e portanto, cuidar de nós mesmos, não se tratava tão somente de recorrer a uma via médica por exemplo. Essa era a doença da qual Sócrates expunha sua preocupação, era a doença de consentimento com o senso comum, essa sim precisava ser colocada em xeque. Doença essa que Marcelo bateu o martelo de que não padeceria.

Dar tratamento a essa doença significava não recuar à verdade, não recuar jamais. Dumézil encaminha uma saída para o gesto de Sócrates, uma liberdade escandalosa do senso comum, da doença do senso comum. No fim se decidir pela opinião própria tomando a verdade como seta da vida, não era então tarde demais.

#### 5.4 O preparo e a verdade

*Na segunda hora da aula do dia 10 de fevereiro de 1982, Foucault toma Demétrius como personagem intercessor para trabalhar a imagem do atleta e a relação consigo sobre aquilo que pode ser útil ou inútil para a vida. Há uma prática colocada em jogo na cena do atleta, um relicário de ações dá margem para uma disputa. Talvez seja repentino pensar num*

trânsito de movimentos quando se trava uma luta, ou mesmo fazendo um paralelo aqui com o episódio socrático, considerar e aproximar a possível fuga de Sócrates como uma batalha na qual se vence ou se perde estando em jogo tão somente a vida. Poderíamos pensar aqui em diversas situações nas quais o atleta estaria engajado, e o que faria disputar e vencer tal qual combate, mas fiquemos com o ponto em Foucault se deteve sobre Demétrius, o ponto do preparo. Acontece que para Demétrius, mais do que vencer uma determinada disputa, interessava a ele o preparo que se dava. O bom atleta para ele não estava entre aqueles que dominavam todo um arsenal de gestos para evocá-los durante o combate, mas seria aquele que conhecia os gestos que eram efetivamente mais frequentes na luta.

A pista dada por Demétrius, trazia uma distinção e orientava uma renúncia àquilo que se declarava como conhecimento inútil e tratava de afirmar uma direção em relação aos gestos com os quais, digamos que familiarizados, seriam úteis para a vida. Demarcar o conhecimento útil tinha função de um exercício em relação a um modo de vida e propositalmente viria a tocar diretamente a existência humana. Foucault logo trata de se perguntar se seria simplesmente então separar o conhecimento inútil daqueles ligados às coisas externas do mundo e o conhecimento útil aqueles referentes à existência humana. No entanto, a pergunta se coloca num tom de provocação.

À relação de utilidade e inutilidade, Foucault faz um acréscimo - estreitando a linha que os colocaria de certa forma distantes entre si - os problemas inúteis também tocavam a existência humana e o que qualificava a sua utilidade era o próprio uso que se fazia. Na verdade, o que ele pontua que poderia ser descartado seria o conhecimento pela causa. Esse era o conhecimento recusado por Demétrius. E o que estava em jogo para ele não era direcionar o olhar para si e abdicar-se do mundo externo, mas tratava-se sim dos outros, do mundo, daquilo que nos cerca de certa maneira, um modo de saber que Demétrius diz ser: um saber relacional, ou seja, a relação entre, entre as coisas do mundo e nós. O que seria dizer que o saber se faz na relação de utilidade e “Portanto, o que há a conhecer são relações: relações do sujeito com tudo o que o cerca.” (FOUCAULT, 2006, p.288).

Ainda *Na segunda hora da aula do dia 10 de fevereiro de 1982*, Foucault (2006) anuncia um problema do qual pretende se deter, e certamente se trata de um problema que fez ressonância ao longo de sua vida, ele coloca: como se estabelece, como se fixa e se define a relação entre o dizer-verdadeiro (a veridicção) e a prática do sujeito?” (FOUCAULT, 2006,

p.281). De outra forma, nos perguntamos: como o governo de si e dos outros e o dizer-verdadeiro se vinculam e se relacionam?

O trabalho de retorno à antiguidade feito por Foucault dispara análises das formas pelas quais o sujeito estabelece uma relação consigo e o que viria a ser então a experiência de si e a relação com a verdade. Tanto na filosofia dos cínicos<sup>5</sup>, epicuristas e estóicos, o tema sobre o conhecimento do homem é encontrado.

A filosofia era colocada pelos cínicos como um preparo para a vida, ocupar-se de si antes de qualquer coisa, cuidar-se de si mesmo aparece de variadas formas nos cínicos trazendo o lugar da veridicção não só como um problema, mas como um modo de vida. Ocupar-se de si tinha portanto relação direta com aquilo com a utilidade daquilo que podia fortalecer a existência. Enfim, não bastava se aproximar de conceitos, do requinte com as palavras, com a natureza, com as ciências se essas não pudessem ter efeitos na vida. O conhecimento vinculado ao cuidado de si experimentava uma relação emergente com a vida. Foucault faz questão de reiterar, que essa distinção em relação ao conhecimento está no modo do saber, mais precisamente, “no seu ethos” (FOUCAULT, 2006, p.290).

Os gregos tinham termos interessantes, variados, que se desdobravam da palavra ethos, e pareceu ainda mais necessário estabelecer que a divisão produzida no campo do saber que definiria o conhecimento como inútil ou útil era exatamente o caráter “etopoiético” (*Ibidem*, p. 291) do saber. Que seria dizer sobre a dimensão relacional do saber, que possibilitava uma transformação da relação consigo, e assim implicava na produção de um ethos.

Esse modo de funcionamento, esse modo etopoiético, não estaria em oposição aos demais saberes, mas consistia em um saber que se articulava a prática de si. Por outro lado, na Grécia antiga, havia aqueles que usavam o saber para se vangloriar, e isso tinha lá seu lugar entre os gregos, lhes garantindo até valor positivo, "Paidéia era uma espécie de cultura geral necessária ao homem livre." (*Ibidem*, p.292), ou seja, aqueles que tomavam uma posição de orgulho com o saber da cultura. Epicuro, por exemplo, recusava a ideia da *paideia*, dizendo que se tratava de uma cultura fanfarrona, na qual a intenção era ser enaltecido pelo povo grego. Havia então uma distinção entre *physiologia* (*Ibidem*, p.293) e a *paideia*, a primeira se

---

<sup>5</sup> Há um ponto levantado por Foucault (2011) que é a questão em relação a vida colocada incessantemente pelos cínicos sob uma forma que diria audaciosa, questão essa que foi sofrendo um certo apagamento pela filosofia ocidental e sendo cada vez mais indexada ao discurso científico, e a própria questão da verdade, da relação com a verdade foi se manifestando a partir do saber científico.

tratava de um preparo: *paraskeuázei* (*Ibidem*, p.293). O preparo se tratava de uma equipagem, uma atitude pelo qual o sujeito se aparentava e se utilizava de ferramentas para passar pelas circunstâncias da vida, e o que permitiria um certo tipo de resistência em relação ao que é demandado do mundo exterior, ousadia e coragem cabiam bem à noção de *physiología* (*Ibidem*, 293).

Nos cursos livres no collège de France, na obra denominada *a coragem da verdade* (2011), Foucault retoma o tema da verdade que foi analisado como o “tipo de ato pelo qual o sujeito dizendo a verdade se manifesta, querendo dizer com isso que: representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade” (FOUCAULT, 2011, p.4). Não se trataria, no entanto de dizer ou mesmo analisar as formas como um discurso é reconhecido como verdadeiro, mas sim, ele acrescenta: “sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como um sujeito que pronuncia um discurso de verdade[...]” (*Ibidem*, p.4). A relação com a verdade não se tratava de estabelecer um discurso engessado sobre si ou sobre os outros, mas como uma espécie de preparo poderia precipitar a relação entre a verdade e a vida. Havia um vínculo entre *parresia* e a coragem, já que dizer a verdade era assumir um certo risco por aquele que enunciava e por aquele que ouvia, este era o jogo *parresiástico*.

Esse preparo, essa técnica, passagem feita de um saber pela causa a um saber para vida: “A *parrhesía*, é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve.” (*Ibidem*, p.13).

No lastro das histórias de Marcelo, importa mais o gesto que o faz inventar uma língua do que a língua em si. Talvez possamos afirmar que seu gesto de inventar uma língua outra, e aí nos aproximando de Coutinho - de ficcionar o real - estivesse muito próximo do que pensamos de um preparo para a vida, de um modo de vida, de uma recusa do senso comum.

Marcelo ficcionou o real, há um ethos que nos interessa no ficcional, na narrativa. A ficção é um ato de veridicção, e portanto há uma tomada ética de implicação deste dispositivo, que como: “qualquer coisa que tenha a capacidade de orientar, capturar, definir, modelar, ou controlar, e, assim, assegurar condutas e opiniões.” (AGAMBEN, 2010, p.40), pode vir a produzir anulação e assujeitamento, mas pode também ser útil, servir a uma possibilidade de abertura de si, rachar certezas, disputar memórias.

Agamben menciona a obra de Foucault, assegurando o dispositivo como conceito estratégico de seu pensamento, principalmente quando passa a se ocupar do que chamava de “governo dos homens”(Ibidem, p.28). Ainda mais, Agamben vai dizer que não só as instituições são dispositivos, mas também, a televisão, os telefones celulares, a caneta, a literatura, o escritor de contos, a filosofia, e certamente a linguagem. Ele se pergunta como seria então possível fazer frente a esses dispositivos, já que não há como aniquilá-los. Quais estratégias perseguir diariamente? A bola, o relógio, dentre outros, nos dão pistas e talvez nos ajude a balançar a caçamba dos dispositivos.

O lúdico é a saída para Agamben e se configura como método profanador em sua primazia, já que “profanar<sup>6</sup> não significa simplesmente abolir e cancelar separações, mas fazer delas um uso novo, a brincar com elas”(AGAMBEN, 2007, p.67). Marcelo profanou o uso da língua, anunciou um modo de vida outro, brincou com as palavras. Embora ele tenha buscado inaugurar uma nova língua, fazendo uso dos neologismos, a questão dos neologismos é menos importante, quanto de fato devemos considerar o gesto, ou a sua tentativa de enunciação. Pois se há um universal da língua que permite representar as coisas do mundo, a invenção de Marcelo poderia ser uma tentativa de uma criação de um outro universal para cumprir a mesma função que é a de representar as coisas, e assim não escaparia do próprio jogo significante, significado, que determina a língua oficial, portanto aqui, importa mais o gesto do que a outra língua, o primado do lúdico, da criação, de um outro modo de vida que se busca inaugurar.

Impor algo à vida é uma das investidas de certos dispositivos. O gesto parresiático anuncia uma outra possibilidade de relação, de dobrar os determinantes, encontrar no deserto o belo perigo da vida. Mas seria então algo simples e fácil, fazer da vida “uma obra de arte?”<sup>7</sup> Talvez seja simples, talvez não, possivelmente ambos serão cruzamentos de uma jornada,

---

<sup>6</sup> Profanar trata-se de um retorno “ao livre uso dos homens” e se opõe ao conceito de sacralização. “E se consagrar (sacrare) era o termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar, por sua vez, significava restituí-las ao livre uso dos homens.” (AGAMBEN, 2007, p.58).

<sup>7</sup> “Sobre o tema da vida como obra de arte (estética da existência), cf. aula de 17 de março, primeira hora e infra, p. 528, nota 14.” (FOUCAULT, 2006, p.326)

onde o exercício<sup>8</sup> constante, e o esforço ininterrupto de inconformidade com o apagamento de todo e qualquer vigor de uma existência faz-se como desafio cotidiano e urgente.

Talvez eu possa arriscar dizendo que ensaiamos um preparo atlético sobre o acontecimento, sobre verdade ficcional, sobre a relação consigo e com o outro, sobre a ética, sobre o que nos interessa ficcionar na luta antimanicomial. Um Brasil sucateado está posto, e isso não está apenas para o campo da saúde mental. As operações de sucateamento são como um projeto de Brasil, o que nos coloca diante de um cenário entristecedor, as pistas da parresia deixam que Caneca encontre uma sucata qualquer, adicionando um ingrediente que lhe é próprio. Brincar com as regras, com determinantes, fazer um novo uso, tarefa do caçambeiro, tarefa de caneca, tarefa persistente dessa pesquisa.

Afirmar o ethos da veridicção, da prática parresiástica na ficção, que aqui fizemos o esforço de aproximá-la das narrativas do documentário o jogo de cena, da experiência brincante do Marcelo com a língua, dos usos das sucatas, é a tentativa urgente de que outras relações sejam forjadas, de que outras histórias sejam inscritas. Revirar o lixo, transformar em sucata, afirmar que algo pode ser feito com o paradoxal inútil, uma labuta com a verdade. E talvez seja essa a posição política da sucata. Algo que eminentemente sobra da saúde mental do Brasil. Um Brasil em que nada falta, em que há sobra e transbordamento, uma produção infundável. Antes que seja tarde demais, nos encontraremos nas trincheiras de um Brasil residual.

---

<sup>8</sup> “Se existe esta liberdade e uma definição tão ligeira destes exercícios e de seu encadeamento, não se deve esquecer que tudo isto se passa no quadro não de uma regra de vida, mas de uma *tékhnē tou bíou* (uma arte de viver). Creio que isto não deve ser esquecido. Fazer da própria vida objeto de uma *tékhnē*, portanto, fazer da própria vida uma obra - obra que (como deve ser tudo o que é produzido por uma boa *tékhnē*, uma *tékhnē* razoável) seja bela e boa - implica necessariamente a liberdade e a escolha daquele que utiliza sua *tékhnē*.” (FOUCAULT, 2006, p. 513).

## 6. O GRITO, UM ESBARRÃO E O MUNDO

Até agora me ocupei em traçar um ethos pelas histórias do caçambeiro, de Carlos, o jovem trabalhador, da bola, do relógio, mas há de se afirmar um ethos também que passa pela minha escrita, um deslize por esses diversos modos e lugares de enunciação. Os vários modos éticos-estéticos foram até aqui performatizando esse outro, que o ato de narrar faz emergir. Não se trata de narrar o outro ou representar o outro, mas fazer a própria narrativa ser esse outro. Com isso, nesta pesquisa não há a pretensão de explicar, ou informar, assim como Benjamin já havia alertado: “quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações” (1994, p.203), mas não de se abster de sentidos. Trata-se evitar explicações, trata-se também de escolher não fazer desta escrita um veículo informativo como aquele que viria a oferecer algo de uma verdade ao outro, e nisso Foucault (2012) nos ajuda ao apontar um trabalho que se iniciou com uma análise teórica dos meios de reclusão, com os asilos psiquiátricos, e em outro momento se desdobrou numa aposta com um grupo de informação das prisões<sup>9</sup> no qual se constatou a urgência de que as pessoas pudessem falar por elas próprias, ali havia um saber, ele afirmava.

Ao pegar a obra *Microfísica do poder*, na qual Foucault se dedica ao capítulo intitulado Os intelectuais e o poder, me deparo com uma dedicatória. O livro me foi presenteado por uma amiga muito querida no ano em que eu concluí a graduação. Na dedicatória, com as aspas de quem cita alguém, a frase: “livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”. A frase de Mário Quintana se compunha com uma outra ao final da dedicatória, que encerrava os votos: “há muito por vir!”. Lembrar da ocasião em que estivemos juntas provocou em mim uma sensação de aconchego, a mesma sensação que a presença dela era capaz de proporcionar. Foi curioso reler essa dedicatória, justo no momento em que aqui venho fazendo o esforço de pensar em como me posiciono em relação às coisas que escrevo. Por aqui, não me cabe afirmar que esse processo de escrita tem como objetivo final uma mudança no leitor. Desta forma, estaríamos comprometidos com o que dizem por aí, tal qual se lê uma coisa e dali torna-se outro. Mas que mudança seria essa que Mário Quintana afirmava? Quais leituras trariam com elas o imperativo da mudança, todas elas? O galhardete com a oferta da mudança não será exposto

---

<sup>9</sup> GIP (Grupo de informação prisões). (Foucault, 2012, p.130)

aqui, vale deixar claro que esta pesquisa não se propõe a mudar o outro, e se por ora o fio da mudança aqui é puxado, que seja para “mudar a mim mesmo, e não mais pensar na mesma coisa de antes” (FOUCAULT, 2010a, p.289-290). O poeta talvez tenha previsto uma mudança para melhor após a passagem pela esteira da leitura, mas é preciso incluir que algumas obras circulam por aí com gotas de sangue nas páginas. E, como aqui tratamos de uma pesquisa acadêmica, especificamente falando de uma dissertação de mestrado, também não é possível deixar passar batido os “imperativos mercantis-intelectuais” (GAGNEBIN, 1997, p. 03), é preciso haver ruído e estranhamento ao comércio intelectual.

Pois bem, fiquei ainda algum tempo com o livro nas mãos, olhando o contorno das letras, o jeito com que a dedicatória compunha o espaço. Enquanto matutava um pouco sobre a assertiva do autor, duas palavras me chegavam com mais efeitos. Há, na enunciação ali posta, um certo jogo retórico com a palavra mundo. Palavra que me fez eco e me levou a uma enxurrada de memórias. Dezenas de expressões populares me vieram à cabeça, daqueles ditos que circulam pela boca do povo: Um famoso “Você não é todo mundo”, talvez reencontre em outras bocas um outro: “Disso o mundo tá cheio!”. Ou até mesmo aquele reiterado pelo velho ancião, que guardado às sombras da amendoeira, senta-se à mesa de cimento da praça com o baralho amarelado nas mãos, e diz: “Todo mundo tem medo do tempo, mas o tempo tem medo das pirâmides”. Mas, fique certo Dr., que: “De médico e louco todo mundo tem um pouco”. Assegurou o rapaz - de maquiagem escorrida pelo rosto vestido de palhaço no sinal - ao motorista do carro da frente, depois de soprar a labareda de fogo.

Lembrei-me também da voz familiar que falava sobre as decisões dos filhos: “mas a gente não cria filhos pra gente, a gente cria para o mundo”. Eita mundão, pensei. Uma palavra sendo alvo de tantas flechas. O mundo atravessando a relação com a singularidade, com o tempo, dos parâmetros da verdade e de loucura, e de verdade sobre a loucura; e da liberdade. Outras dezenas de expressões ficaram para trás, poderia ficar aqui por horas recordando algumas delas, mas o que me veio, em seguida, foi essa ideia de muitas coisas, de uma imensidão, como se o mundo fosse um recipiente em que pudéssemos deixar que as coisas transbordassem, e ali coubessem os mundos possíveis que encontramos na sucata. Mas, ainda assim, seria pouco se se tratasse apenas de um recipiente. E também não me parece que se trate de encher a garrafa, volto a dizer. Estaria mais para algo que incluiria uma noção de amplitude, de extensão, e nesse muito, a possibilidade de uma abertura a uma multiplicidade. Num instante me peguei pensando por que mundo fora a palavra escolhida, com todo esse

realce, para compor a metodologia deste trabalho. A pausa foi algo que num primeiro momento me soou estranho, já que às vezes atropelo os parágrafos e os pontos finais, mas dessa vez fui capturada pela palavra, de um jeito meio cismador, me entreguei a ela sem saber muito bem o que queria. Enquanto perdia-me um pouco nisso, a melodia distante de um sax entrava pelas janelas. Volta e meia um morador de um dos prédios próximos, provavelmente embalado pelos tempos sombrios de quarentena, ia para a sacada tocar sax, eu, como nunca havia morado em prédio, achei a movimentação diferente. Quando isso acontecia, eu corria para a janela também, fazia falta a companhia de uma música que não fosse apenas aquelas escolhidas por mim. A dimensão da surpresa me fazia às vezes quase torcer para que ele fosse para a janela tocar. Do samba ao sertanejo. Às vezes eu curtia o repertório, às vezes nem tanto, mas algo do mundo, de certa forma, me chegava ali. Naquele momento, naquele instante, o mundo enquadrado por uma janela era só um fiapo dos infinitos mundos encontrados nas ruas, mas a quarentena por ora encurtava a passagem pela cidade. Tomei essa chegada como quem toma um gole de cachaça para abrir o apetite. A chegada, por vezes, toma vias distintas. Um encontro, uma mensagem no celular, uma palavra, um sonho, um telefonema, uma trovoadas, um toque, um esbarrão, uma música e há também uma produção de mundo que a escrita coloca, já que as palavras carregam mundos. Esse mundo enquanto multiplicidade que me é chegado de muitas formas compõem esse mosaico que é escrever, ele está sempre em vias de. O porvir, tal qual desejou essa amiga, se fez presente nas vezes em que abri as janelas, nas vezes que a espera pela pipoca próximo à carrocinha me fez viajar no tumulto do centro, nas vezes que esbarro em alguém na rua, dimensão de espera, mas também do encontro; ou nas vezes que leio alguma coisa, algo pode acontecer. Mas seria curioso também afirmar que algo me acontece no exato instante em que as coisas se passam, algumas sim, outras só me desassossegam tempos depois.

O telefone toca, paro um instante para atender, a voz rouca do outro lado me distrai por alguns minutos, faz no mínimo eu deixar a cadeira e esticar o corpo um pouco para falar. A ligação cai, volto à mesa. Chacoalho a cabeça, achando que pudesse suavizar os pensamentos. Percebi o cansaço embaralhando as palavras, pinguei um pouco de colírio no olho, optei por aqueles que têm a composição de uma lágrima, dos males o menor, pensei; e voltei a insistir em algumas perguntas sobre a minha relação com a escrita, que ficam feito uma nuvem em torno da minha cabeça. Ao que me parece, se trata de um exercício constante a ser feito. Giro o pescoço, tentando desfazer os nós, que estão bem amarrados, após algumas

horas na mesma posição. Ainda que, por ora, eu resolva deixar a tela no modo de descanso, não podia descansar desses pontos, política, pesquisa e escrita se entrelaçam de tal modo que colocam em urgência uma posição: as políticas da escrita.

Entreouvindo histórias ao longo desses anos de trabalho, as quais me foram e me são muito caras de escutar, encontrei-me também com terminologias comuns das instituições totais pelas quais passei - lúcido, orientado e cooperante - em linhas gerais findam os relatos em prontuários. Me foi importante um estado de alerta, e ainda é. Digo um estado de alerta, um estado de atenção, que fora útil, para não me deixar ser abocanhada por algo que herdamos da história da loucura (FOUCAULT, 2012) e que facilmente encontra os nossos olhos, nossas mãos, nossos corpos. Esse empuxo de forças pode por vezes estar em cada um de nós, não é possível localizar o manicômio só no outro, é preciso considerá-lo como um jogo de forças, vetores de todos os lados, tal qual estamos submetidos no tempo e no espaço.

As histórias contadas através dos atendimentos, dos prontuários, na convivência dos CAPS, das enfermarias, das visitas domiciliares, nas reuniões de equipe, no acompanhamento territorial, nos grupos e atendimentos do ambulatório de saúde mental, com os colegas de trabalho compõem uma colcha de retalhos de experiências e memórias que talvez se aproximem do que Benjamin (1987) chamava da possibilidade de “intercambiar experiências”(p.198), memórias que me foram contadas atravessam meu corpo, algumas causam-me calafrios, me deixam inquieta, outras produzem uma certa aflição, outras retornam em sonhos, outras me emocionam, e outras me deixam com um sorriso largo. Eu não as possuo, elas me possuem, porque me afetam e compõem o que Benjamin (1987) articulou à possibilidade de construção de narrativa. Por outro lado, é justamente neste embaraço que ele toca, alertando para o declínio das ações narrativas e também para aquilo que fica de fora das histórias “oficiais”, um dos caminhos seria escovar a “história a contrapelo” (p.225).

Chamo atenção aqui para esses restos de narrativas que não apenas nos prontuários são encontrados, mas em falas silenciadas, entrecortadas, interrompidas, vozes múltiplas juntam-se às incontáveis sucatas. Já não sabemos de quem são as vozes, não há sequer um dono, talvez elas habitem esse meio do caminho anunciado neste trabalho. Elas se misturam, se embaralham, em miúdos: ruídos e letras irrompem no encontro com a cidade de Niterói, campo desta pesquisa. A roleta gira, e o mundo também, as fichas seguem endossando a aposta num processo de escrita e composição tal como um ato, um ethos, uma ação na qual

defendemos uma relação com a experiência, com a pesquisa, em que o texto ganhe boca própria e de certo modo possa “tornar-se outra coisa” (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 35).

Uma vez, ainda em tempos da graduação, escutei de uma amiga, trabalhadora com algum percurso na saúde mental e amante da psicanálise, ela levava seu irmão mais novo para a consulta com a terapeuta ocupacional, e eu, sempre que podia, aproveitava a carona e o papo, acompanhando-a em parte do caminho. Contava das minhas mazelas, meu jeito acanhado de ser, quando pensava em dizer algo num espaço em que não sentisse como um ambiente acolhedor, me calava. Talvez as inquietações de Clarice me ajudassem na época se eu as tivesse lido, quem sabe ainda possam ajudar, assim ela diz: Não tenho uma palavra a dizer. Por que não me calo, então? Mas se eu não forçar a palavra, a mudez me engolfará para sempre em ondas (LISPECTOR, 1985, P.11). Narrativas do silêncio? Contradições? Lugares silenciosos? Mais algumas pistas se colocam. Na época, essa amiga me dizia que abrir a boca para falar era justamente perder o controle, “algo se perde quando se fala”, ela dizia. Aquilo me bateu seco. Algo veio para mim num primeiro momento como um estranhamento: como assim perder, se, quando falamos, algo ali é produzido? Aquilo ficou matutando por dias nos meus pensamentos. Não se trata de entrar na seara psicanalítica neste momento, mas afirmar um pouco desse “perder-se” nas coisas. É este o ponto com o qual quero por ora tocar aqui, afinal, os relatos prontos estão a serviço da “informação” (BENJAMIN, 1987, p.203). Essa lembrança me veio agora enquanto esboço este texto de dissertação, percebo este processo de escrita assim para mim, quando digito as primeiras palavras algo se perde de um jeito em que já não é mais possível saber os rumos que a escrita vai tomar, nem mesmo saber onde minhas memórias vão atracar.

Alguns berros cutucam meus ombros, há berros que fazem corrigir a minha postura, deixar a coluna ereta; outros me encolhem, e outros me dão carona para vagas lembranças. A cena de escrita monta-se com essas interferências, cutuque nos ombros, zumbidos aos pés dos ouvidos, que ora ou outra se incluem, de tantas rupturas já não sei mais o que é meu o que é do outro, mas sei que há algo nosso.

Palavras, imagens, sons, uns apenas sorrateiramente me passam, outros me chegam como um acontecimento. Insisto nisso. Às vezes, quando abro a boca, eu fecho os olhos. Deixo de lado o encaixe combinado para as palavras, sei que há profundidade nesse salto e um tanto de frio na barriga. Nada há de controle no jogo narrativo, e também não há aqui qualquer pretensão de ter. Assumo o risco da aposta, sabendo que o ato de ganhar aqui

equivale a incorporar experiências (BENJAMIN,1987). E sem pensar duas vezes posso dizer que “não quero faca, nem o queijo, quero a fome”(PRADO, 2013, n.p), fome de narrativa, digamos que algo como uma posição devorativa, antropofágica assim como Oswald de Andrade (1928) diria. Sabe-se lá o curso que as letras, os versos, vão ganhar neste texto. Talvez seja um curso em que as imagens compliquem as palavras. Afirmo um fluxo em que as frases não tenham aqui um fim em si, mas que se aproxime do que Manoel de Barros nos ensina sobre as profundezas dos rios, das imagens e das palavras. Ele nos diz:

“O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa. Passou um homem e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem. (BARROS, 2016, p. 20)

Que as imagens façam a aliança com as palavras, dancem com elas; os rios que desembocam juntos se misturam. Chamam de delta essa imagem, mas aqui opto por chamar de abraço das águas, um abraço apertado, parecido com aqueles que, quando a gente encosta na pele, deixa no outro um pouco de suor. Um frenesi da pele dos rios e dos mares, um curso de encontro e não de fim. Deixemos a enseada, o delta, e outros mais, para ocupações informativas, aqui queremos rios que se parecem com cobras de vidros. Encontros de canais, rios e leitos, um abraço de águas salivantes que estão por vir. Espero que o leitor sinta esse abraço.

Um abraço desses, antropofágicos.

## 7. NADA SURGE DO NADA

Pessoas caminham na calçada, o trânsito segue seu fluxo comunal. Alguém atende o telefone de sua casa, as crianças fazem suas lições na escola, o açougueiro fatia bifés para uma senhora fazer sua carne de panela. Um menino come macarrão com salsicha na escola, sua única refeição do dia. Do ventre de uma mulher, uma criança nasce, o pai desmaia enquanto assiste o parto. Do canto esquerdo do olho da mulher, uma lágrima escorre. O guarda de trânsito apita, sinalizando a passagem de um corpo de bombeiros. Uma mulher é entrevistada na porta de um hospital por aguardar transplante de rim há 10 anos. Um idoso dorme na rede após o almoço. Um homem recebe o carregamento de suas compras para o restaurante. Uma jovem transa com seu namorado no vestiário da quadra da escola. Uma mãe massageia a barriga de um bebê que está com prisão de ventre. Próximo a uma ponte um mendigo revira um latão de lixo, o cachorro ao seu lado parece lhe ser companheiro. O coral da igreja ensaia. O sino de uma outra toca, alertando para contagem das horas. Um homem faz contato com a ouvidoria da prefeitura questionando a falta de medicação em um serviço público. Uma família se diverte na areia da praia, enquanto colocam algumas coxinhas na grelha. Uma senhora dá seu ponto no crochê enquanto seu marido acompanha a voz no radinho de pilha. Um corpo cai estatelado no chão de uma calçada do alto de um prédio. Um homem fatia uma laranja, abrindo uma lasca em seus dedos. Um jovem médico cochila no hospital após dezenas de horas de plantão. Na sala do raio-x dois técnicos trocam beijos escondidos. Uma moça faz as compras do mês com sua bolsa de graduação. Uma mulher remove os calos dos pés de uma outra num centro de estética e cuidados pessoais. Um homem se queixa do preço da gasolina. Numa mesa de um bar alguns jovens se divertem. Uma menina jovem menstrua pela primeira vez. Um homem chora enquanto bebe seu uísque depois do término de seu casamento. Um menino se recusa a entrar na escola, corre para os braços da mãe. Um exemplar da banca é vendido, um maço de alface de uma mercearia também.

\*\*\*

Dona Cátia, ainda tem mais um pouquinho de café nessa garrafa aqui? Ele é o último do grupo a sair do serviço, troca meia dúzia de palavras com ela e segue pelo corredor com o seu guia<sup>10</sup> embaixo dos braços, por um minuto para na porta da recepção e troca mais

---

<sup>10</sup> Guia aqui se refere ao livro “Gestão autônoma da medicação”.

algumas palavras com os que circulam por ali. Do lado de fora, dois outros usuários reclamam pela sua demora, esperam sua companhia para seguir caminho, o tempo está feio, acho que vai chover, um deles diz. Ele se despede, parece sentir vontade de perder e ganhar um pouquinho mais de tempo por ali, mas segue caminho em seguida. Volto a sala, percebo que uma das fotos que levava para mostrar ao grupo tinha ficado esquecida em cima da mesa, corro até a parte externa do serviço, tentando alcançá-lo, mas ele já não está mais lá. Na próxima semana entrego a ele quando chegar para o grupo, penso comigo.

Toque de recolher, Isolamento, máscara, insegurança, medo, palavras de impacto trocadas do outro lado da linha, perguntas sem respostas, respostas sem perguntas. Foi assim naquele dia. Passada uma semana, no corredor, eu e uma parceira de trabalho conversamos sobre o que estava acontecendo, a péssima novidade nos fazia sentir medo, e nos dávamos conta de que era preciso entrar em contato com os usuários do grupo, alguns inclusive eram do grupo de risco. Começamos a fazer as ligações, ao mesmo tempo estranhávamos o ato de adiar o nosso encontro com o grupo, já que um dos combinados afirmados com os participantes era de que todas as decisões precisavam passar necessariamente por todos, pelo coletivo. Mas não havia tempo para isso.

Me peguei distraída, pensando na foto guardada para ser entregue naquela semana. Me peguei pensando um tanto quanto desorientada em tudo que se passava e aquela era só a primeira semana de isolamento. Imaginamos ali juntas que o distanciamento fosse levar no máximo duas semanas. As duas semanas viraram um mês, e mais um, e mais um.

Pânico, pavor, angústia, cuidado, saudade, morte, solidão, tempo, tempo indeterminado. Voltávamos a fazer ligações, algumas palavras se repetiam e outras novas apareciam. A pandemia da Covid-19 chega ao Brasil e o ano de 2020 é dilacerado pelas consequências do vírus. As lanternas se acendem para os modos de cuidado no presente. Em uma das ligações uma usuária faz uma pergunta retórica: será que vamos sobreviver? Eu respondo dizendo um pouco pra ela, um pouco pra mim: vamos nos cuidar!

Naquele momento as perguntas sobre o cuidado se colocavam a todo instante: como cuidar uns dos outros em tempos de produção de medo frente ao desconhecido viral. Medo da morte um deles dizia pelo telefone: “todo cuidado é pouco”. Um outro exclamava: “Não dá pra sair de casa, a gente fica com medo, né?!”. Alerta, medo, estado de atenção, ação. O Medo útil a toda aquela circunstância nos colocava também paralisados, o que nos restava naquele momento era o fio das vozes pelas ligações.

Aos poucos nos demos conta de que o isolamento social demoraria mais do que o previsto e a interrupção do grupo Gam era algo que permanecia como medida de cuidado, um paradoxo quando o isolamento torna-se estratégia de cuidado. O tempo passava, e muitos deles sinalizavam a lacuna produzida pelo distanciamento, fazia falta o coletivo. Até que uma das usuárias da gam, protagonizou o retorno, e convocou: A GAM<sup>11</sup> precisa voltar!”. A iniciativa dela mobilizou cada um de nós para que o grupo voltasse a acontecer, não dava mais para esperar, esse era o recado urgente que ela deixava, já que o tempo parecia ocasionalmente inimigo.

Outras interrogações se colocavam então para nós, “o como”, como fazer? Ela dizia: vamos ligar para os outros! O grupo virtual não era algo que pensávamos como possibilidade inicialmente, e o acesso era uma das principais questões, quem poderá acessar? Ficávamos às voltas com essa pergunta, mas começamos a nos organizar para tentar, pelo menos tentar um encontro virtual, um tanto de impasse e de desafio, nada se sabia previamente. Se antes as algumas barreiras que se colocavam estavam ligadas ao território, escutava-se muito ali pelas redondezas cantagalo vermelho, Ititioca amarelo, e por aí vai, a notícia corria rápido ali pelo largo da batalha e a violência no território era pauta constante no serviço. Mas era preciso pensar também em quais barreiras e desafios estariam colocados nas plataformas virtuais, quem poderia acessar? Em letras garrafais, essa pergunta não nos dava descanso, se por um lado o plano virtual permitiria de alguma forma o acesso, por outro não dificultaria? No entanto, não pensar em tentar retomar através dessa ferramenta não seria também afunilar o acesso? O afastamento presencial tão necessário ajudava a prevenir o contágio da doença, mas as consequências e os impactos de estar só naquele momento se colocavam, e isso parecia tão emergente quanto às precauções em relação à proliferação do vírus. Solidão, um deles nos disse pelo telefone, havia urgência, havia medo.

Se tratava de um impasse, mas essa movimentação, e todo esse processo de contato, a iniciativa da usuária, já nos dava notícias da GAM acontecendo. Sabemos também que qualquer análise de conjuntura apressada sobre a pandemia e sobre os processos de saúde, podem ser arriscados e truculentos. Ainda sem respostas para todas essas perguntas, posso dizer que o grupo se mobilizou, e aconteceu, apostamos juntos no processo, não cabia só a mim ou a colega de trabalho, mas algo de uma contração grupal já acontecia.

---

<sup>11</sup> A GAM aqui Refere-se a um grupo que se utiliza das estratégias GAM (Gestão autônoma de medicação).

Da sala aberta com o grupo em círculo passamos à oito quadradinhos na tela, passamos também a maior parte do tempo nos ajudando a operar nas plataformas, e quando víamos já estávamos quase ao final do nosso horário, mas tínhamos conseguido nos ver, e as questões que duravam era sobre como cada um estava no momento. Do lado de lá um usuário disse: quero ver dona Cátia pela tela: estou com saudades! Como a senhora tá? Talvez fosse uns dos pontos centrais do momento, poder ver e ser visto.

A rede ia se tecendo, os fios dela se ligavam aos familiares, aos vizinhos, tios, irmãos, sobrinhas, nas suas casas cada um ia encontrando formas de construir estratégias de acesso. O telefone do irmão era usado, o wi-fi de uma vizinha também. Os limites da dimensão virtual sem dúvida estavam colocados, por outro lado, algo se fazia diante de toda impossibilidade já dada.

A continuidade e o encontro presencial era algo que ainda nos deixava inquietos, a relação mediada pelas telas do celular ou computador mostrava suas limitações; certamente nos faltava nas telas aquelas palavras de despedida ali endereçadas na porta do serviço, o olhar, o comentário sobre o dia seguinte, os nossos lanches, as nossas festas, os passeios, outras coisas que só o encontro presencial pode proporcionar. Durante todo o processo, houveram discussões sobre um encontro presencial, quando seria possível. O natal já se aproximava e as memórias de tempos outros surgiam, um deles pegava algumas fotos dos nossos encontros de natal e aproximava da câmera do celular. Saudades, ele dizia. Circulava a possibilidade de um encontro de natal que tivesse amparado por todo cuidado possível.

Os caminhos das discussões eram tortuosos, nada se sabia, apostávamos na potência do processo, o como, o como fazer era algo importante para todos, todo processo envolvido nisso, as tomadas de decisão, em pensar como seria pra cada um, quem se sentiria à vontade ou não, os riscos colocados. Ao mesmo tempo assistíamos as diversas notícias sobre o “controle” da doença em outros países, mas no Brasil o que se passava era diferente. O caos já estava instalado, o número de internações seguia escandalosamente alto, e o nosso encontro presencial ia ficando cada vez mais distante.

O surgimento de novas variantes era tema central, havia recordes diários de internação e morte. Voltávamos a repensar o encontro de natal optando por não fazê-lo presencial, e o grupo decidia tomar um café da manhã online. “Cuidar dos nossos, uma das participantes dizia, isso que é preciso fazer no momento”, completava. Diante de todas essas nuances perseguimos modos de fazer durar uma certa continuidade, de possibilitar acesso, e

ampliando a questão - de fazer enfrentamento, ao sucateamento das políticas públicas, ainda que se tratasse do mínimo a se fazer, e também tensionar a própria prática pelo campo virtual, de saída não tomando-a como substitutiva.

As saídas para o trabalho eram acompanhadas de espanto, pessoas sem máscara de proteção pelas ruas, um descuido consigo e com o outro parecia dado. Há nisso também não somente o descuido, mas desiguais maneiras como cada um pode acessar a informação, saúde, enfim, direitos básicos. Na fachada de um apartamento se podia ver a bandeira do Brasil pendurada. Nas sacadas dos prédios em Niterói tem sido comum ver a bandeira do Brasil estendida, mas do prédio onde eu moro podia ver essa especificamente com nitidez. De um outro prédio a voz de um homem estrondava em alto e bom tom a palavra “Genocida”. Um dos pronunciamentos de Bolsonaro sobre a pandemia causava comoção, logo era possível ouvir o barulho das panelas. Novamente a voz do homem esbravejava “genocida”, dessa vez o seu grito parecia ter uma correspondência, de algum outro apartamento uma voz gritava de volta “esquerdista, lula ladrão, volta pra cadeia”, a outra voz devolvia “genocida”, a disputa parecia mais acirrada entre eles, logo começam os xingamentos “pessoais”, entre pessoas que talvez nem se conheçam. No país do sucateamento a camisa do Brasil fazia número pelas avenidas, como se vestir a camisa da CBF isentasse alguns da pergunta: o que eu tenho a ver com esse Brasil que está sendo produzido?

O Brasil atinge 500 mil <sup>12</sup> mortes por covid, e numa das praias do litoral paulista,<sup>13</sup> o presidente mergulha e aglomera um número altíssimo de pessoas no meio da Pandemia covid19. Falas irresponsáveis circulam, tomam corpo, voz, gestos, as fake news disparadas pelos celulares indicam que a vacina contra covid pode conter fatores de alteração genética. “Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubalina.” (CARTA CAPITAL, 2020).<sup>14</sup> Um Brasil ambíguo aparece, mas o que anda acontecendo nas relações? Nessa teia de experiências? Que focos de experiências estão sendo forjados?

No ministério da saúde, quatro ministros passaram pelo cargo em pouquíssimo tempo. Mandetta assumiu o cargo em janeiro de 2019, sendo demitido em Abril de 2020, Nelson Teich assume e fica menos de um mês no cargo. Eduardo Pazuello assume como interino,

---

<sup>12</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-ultrapassa-a-marca-de-500-mil-mortos-pela-covid-19/>

<sup>13</sup> [https://cultura.uol.com.br/noticias/15258\\_bolsonaro-mergulha-na-praia-grande-e-causa-aglomeracao-com-banhistas.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/15258_bolsonaro-mergulha-na-praia-grande-e-causa-aglomeracao-com-banhistas.html)

<sup>14</sup> <https://www.cartacapital.com.br/politica/retrospectiva-as-piores-declaracoes-de-bolsonaro-durante-a-pandemia/>

saindo do cargo em março de 2021 e neste mesmo mês Marcelo Queiroga é anunciado como ministro e anuncia a possibilidade de nomeação de médica que propõe uso do kit covid, com hidroxicloroquina. No País em que se tem dito “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”, visão única, tiro onipotente e onipresente destilam ódio e violência. Viram atos que se fundamentam entre Brasil, Deus, família e maioria. Em nome de Deus, em nome da família, são palavras de ordem. De todo modo, não se trata tão somente do presidente, ainda que seja necessário dizer sobre a irresponsabilidade de seu governo, ou melhor, seu desgoverno, incontestavelmente houve quorum que assegurou sua chegada até lá, portanto é preciso olhar essa trama da qual ele produz e é produzido, efeito dela, na qual estamos todos implicados. Algo desta trama cola na figura presidencial. Há uma rede de fios que se tecem dia a dia, as políticas de saúde, de atenção à saúde mental, as políticas de desejo, as políticas de vida, políticas de morte.

Do Brasil, quem pode fuge. Tem sido comum escutar, que essa ou aquela família se mudou para Portugal, que um casal de brasileiros foi para o Canadá tentar a vida lá, a realidade de classes certamente retrata quem fica, quem vai. As maiorias viram minorias na fala do presidente e certamente continuam na linha de frente do Brasil sucateado desaparecendo. As vias de fazer “desaparecer” são inúmeras, as caravelas retratam bem esse processo, que só se atualiza, quando oitenta disparos<sup>15</sup> atingem uma família em Guadalupe, oitenta. Quando o teto do hospital público Azevedo Lima em Niterói cai por fortes tempestades. Quando o museu nacional pega fogo<sup>16</sup>. Quando casal de mulheres lésbicas são convidadas a se retirarem de um restaurante por um beijo, mas era de língua, disseram. Apagamento incessante, cortes de verbas públicas, omissão na compra de vacinas. Inaugura-se a CPI da covid. Disputa por voto impresso. Rachadinha. Política de morte. Caos

\*\*\*

Movimentação, calor, o sol do dia 18 de maio de 2017, fazia o suor escorrer pelas testas. O terminal de ônibus no centro de Niterói é um lugar cheio. Containers de lojas de doces, açaí, farmácia se alojam de um lado e de outro, no meio concentram-se os inúmeros stands que vendem todo tipo de coisa, parece fácil encontrar por ali um coletor de ralos de pia,

---

<sup>15</sup> <https://theintercept.com/2019/04/08/exercito-fuzilou-familia-guadalupe-rio/>

<sup>16</sup> <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/incendio-do-museu-nacional-e-vitoria-da-intolerancia-e-morte-do-conhecimento/>

ou uma pilha para o controle remoto, a promoção de italiano com suco nem se fala. O ponto de encontro do terminal é o lugar onde alguns aguardam alguém mais que está por vir. Uma criança chora pedindo um pouco mais do sorvete de casquinha, que escorreu por seus bracinhos antes mesmo que ela terminasse de tomar. Um rapaz de músculos exuberantes, deixa a mostra por entre a sua camiseta customizada de tiras finas o trapézio bem desenhado, com seu headphone balança a cabeça, parecendo seguir no embalo do som que lhe acompanha, alheio ao tumulto, ao barulho, e a correria. Me abaixo para amarrar o meu cadarço, já algum tempo frouxo, num instante olho as dezenas de pernas que se embaralham, subo em seguida, visando de novo o tumulto dos corpos, o voz em seguida parece me fazer voltar outra vez ao meu corpo: “vamos?”, seguimos caminhando, até que uma senhora e um jovem põe a mão no meu ombro: “moça, vim da central com meu neto vê trabalho aqui, mas perdi a bolsinha de dinheiro, me ajuda com a passagem de volta?”, mexo nos bolsos, dou os centavos do troco que recebi e volto a seguir. “hoje tá fazendo um sol pra cada um”, diz uma colega.

O ponto de encontro do terminal é ponto de parada para nos encontrarmos e seguirmos pelo caminho, já tão famoso, Niemeyer. O furdunço da passagem contornada pelas dezenas de pontos comerciais vai dando lugar à brisa da Baía de Guanabara, o sopro perto da orla ainda vem quente, mas pelo menos circula. Chegamos, finalmente. O grupo dispersa, encontra conhecidos, amigos, abraços apertados, reencontros, risadas. Alguns observam o movimento ali pelas mesas. O som vibra com a música que toca, alguns já se mexem ali pela pista de dança, balanços desritmados, outros aproveitam o vento bem pertinho do mar. O cheiro da maresia toma conta. Os cartazes colorem o espaço, nos faz lembrar o propósito de estarmos todos por ali: “por uma sociedade sem manicômios”.

O entardecer abre espaço para as luzes lampejantes. Gestos que aproximam os corpos, os corpos que se aproximam de gestos. “Cheguei, cheguei chegando bagunçando a porra toda...”, a voz de Ludmila embala o concurso do melhor pé de valsa, alguém diz. Na pista de dança, os corpos estremeçam, qualquer jeito é jeito de dançar. A vista bonita do sol caindo pela baía de Guanabara, o jogo de luz, e o espaço amplo dão lugar a comemoração ao dia da luta antimanicomial. O embalo parece se fazer menos pela disputa de quem é o melhor na pista de dança do que pela alegria.

\*\*\*

Foi um dia desses de tempo nublado, mas abafado. 18 de maio de 2018. De um ano para o outro, recolhemos os efeitos de 2017. A chuva esperada por ali caía rala. A pouca distância do centro, do terminal de ônibus faz estranhar os raros passantes por aquelas redondezas para que pudesse pedir uma informação, demoro um pouco para achar o lugar. A rua pouco convidativa ao encontro chamava a atenção. Os carros na frente de um galpão transmitem a sensação erra ao lugar. Se Manoel de Barros por acaso cruzasse a faixa de pedestres por aqueles cantos dali, talvez nos alertasse que: “Não sabia se era o lugar que transmitia o abandono às pessoas ou se eram elas que transmitiam o abandono ao lugar”. (MIZOGUCHI, 2009, p. 43). De trás deles surgem uns rapazes, pergunto e eles me apontam o portão por onde eu deveria entrar. Do outro lado do valão está o portão azul, dou a volta no guarda-corpos para chegar até lá. Estranho a rua, estranho lugar, mas entro. No chão da quadra antiga a tinta já falhada ainda mantém contornos da logo ali pelo chão: AFTAE - Associação Fluminense dos Trabalhadores de água e esgoto. Entro, logo me deparo com alguns rostos conhecidos, algumas mesas espalhadas, poucas pessoas em relação ao ano anterior, penso comigo. O clima parecia mais apagado, a festa, a alegria do ano anterior comemorado com tanta força estava com menos gás. A música tocava, alguns poucos se mexiam timidamente, estava estranho. Logo que encontro uma colega de trabalho e pergunto retoricamente: por que esse ano decidiram fazer a festa da luta aqui? Sempre foi no caminho Niemeyer! Ela me diz: também não entendi!

O meu estranhamento já tinha se dado antes mesmo de chegar ao lugar. Achei curioso esse deslocamento do lugar, não pelo deslocamento em si, mas pelo afastamento do centro inicialmente. O encontro próximo ao terminal de ônibus facilitava o acesso, além de ser um espaço amplo, com uma vista bonita, mas tudo bem, afinal a festa se fazia pelo encontro, o lugar talvez não importasse, me perguntei. Achei curioso esse deslocamento, mas talvez não fosse tão estranho essa mudança se dar exatamente no ano de 2018. Emblemático também ser justamente numa associação de tratamento de água e esgoto, podiam ser só pensamentos e de certa forma uma ativação paranóica de pensar que o lugar para a comemoração se tratava de um certo desdém com a luta antimanicomial, afinal eu poderia estar apenas me divertindo por ali e tentando aproveitar o momento, mas os pensamentos surgiam como um alerta. Me perguntava: quem autoriza o lugar para a festa? Como isso aconteceu? A organização espacial certamente marcava ali uma disputa, nada está dado ou garantido “no qual a luta para que

mais pessoas estejam disputando o espaço e o sentido das coisas é permanente e infundável” (AMADO; MIZOGUCHI, 2020, p.288).

A comemoração estava enfraquecida, a chuva não ajudava. Poucas pessoas, pouco barulho, pouca dança, por outro lado pensava, a luta antimanicomial é uma luta diária, esse é um dia representativo, mas a luta mesmo se faz no dia a dia, nos encontros, nas passagens, numa conversa e outra, mas ainda assim a comemoração não era menos importante. Ir ou ficar? Fico um pouco mais. Logo a festa se dispersava, o espaço se esvaziava, poucas pessoas ficavam por ali. Decido ir embora também, com o mesmo incômodo que pude chegar, parto.

O precário é íntimo, algo já conhecido no dia a dia da saúde mental, da saúde. Íntimo, mas estranhado. A festa mesmo que caída acontecia, mas a festa não resolvia, não resolve: “nenhum movimento isolado garante a retomada de direitos e políticas antimanicomiais, mas juntos compõem um regime” (AMADO; MIZOGUCHI, 2020, p.294), regime que aqui ousou a chamar de sucata, ato de disputa, ocupação, de disponibilidade. O modo pela qual os corpos antimanicomiais afirmam a relação com o território, afirmam a relação com a luta, é campo incessante de disputa, espaço aberto e de movimento, de possíveis alianças, de corpos em aliança (BUTLER, 2018).

\*\*\*

Como o mundo foi separado assim? É curioso pensar uma divisão de mundos, pensar como certas coisas são delimitadas, pensar que uma determinada cor é incutida a um gênero específico, pensar que um gesto, um corpo, operam divisões. Que o crivo do olhar não só delimita um fluxo territorial como também coloca um jogo de forças para circular nessas cenas. E o modo como nós experimentamos um certo modo de ver aquilo que não toma palavra propriamente dita, ou acompanhando o que Foucault diz quando não procura relações secretas, silenciosas ou escondidas, mas “Ao contrário, definir relações que estão na própria superfície dos discursos; tento tornar visível o que só é invisível por estar muito na superfície das coisas (FOUCAULT, 2008 p.146).

O texto do Borges, no qual Foucault inspirou a escrita de seu livro *As palavras e as coisas* (2000), traz algo que inquieta o que seria a nossa prática milenar do Mesmo e do Outro, o que ele diz é que há algo que perturba o pensamento e abala superfícies ordenadas. A escrita da qual ele se refere cita “uma certa enciclopédia chinesa” (FOUCAULT, 2000, p.9), onde haverá uma divisão dos animais. A enciclopédia chinesa de Borges faz o avesso do que seria uma classificação ordenada. A excêntrica classificação dele perturba o plano do que

seria a sensatez. É a possibilidade de um outro pensamento, e ao mesmo tempo “o limite do nosso”(FOUCAULT, 2000, p.8). A enumeração dos animais proposta pelo escritor argentino não trata sobre o impossível que seria a vizinhança delas, mas exatamente o lugar em que são colocadas, o lugar da linguagem.

Há uma impossibilidade de pensar, e de que impossibilidade se trataria, ele se pergunta. A enciclopédia chinesa distingue os animais reais daqueles que possuem lugar no imaginário. No entanto, não são os animais fabulosos aqueles apresentados como impossíveis, mas a estreita distância em que se colocam. Não há figura no atlas do impossível, a ausência de imagens torna a série abecedária do alfabeto o único visível fio condutor. “a linguagem se entrecruza com o espaço” (*Ibidem*, p.11).

E o impossível não se trataria da vizinhança das coisas, é o lugar mesmo onde elas poderiam se avizinhar. “Onde poderiam eles jamais se encontrar, a não ser na voz imaterial que pronuncia sua enumeração, a não ser a na página que a transcreve? Onde poderiam eles se justapor, senão no não-lugar da linguagem? (*Ibidem*, p.5).

Dali Foucault extrai a suspeita de que há ainda “desordem pior do que aquela do incongruente e da aproximação do que não convém”, a de que as coisas “aí são deitadas, colocadas, dispostas em lugares a tal ponto diferentes, que é impossível encontrar-lhes um espaço de acolhimento, definir por baixo de umas e outras um lugar comum.”(*Ibidem*, p.12). A desordem na linguagem e a inquietação causada por algo estar fora do lugar, que foi determinada por um platô de certezas, pode causar empecilhos quanto às nomeações, se confundir, e até mesmo impedir antecipadamente a “sintaxe”, relação que se estabeleceria entre frases e palavras, o que possibilitaria a construir signos frasais, mas também aquelas que autorizam de certo modo a manter “ao lado e em frente”, as palavras e as coisas.

Foucault marca que o ponto interessante na Leitura de Borges é justamente esse desvio das palavras, o avesso, sua contestação, esvaziar seu propósito e o desfazer mitos. A pista trazida por Borges ajuda Foucault a se perguntar, de quando instauramos um certo regime de classificação, qual é o terreno a partir do qual isso é pactuado com tamanha certeza? “Em que tábua, segundo qual espaço de identidades, de similitudes, de analogias, adquirimos o hábito de distribuir tantas coisas diferentes e parecidas?”(*Ibidem*, p.14) O que viria a garantir o regime de uma determinada classificação? De onde se parte para definir certas identidades e de certa forma atribuir segurança em determinar uma coerência?

Na conversa com Borges através de sua enciclopédia chinesa o que está evidentemente sendo colocado em questão é a ordem das coisas. Nesta enciclopédia o Borges vai enumerar a partir de uma taxonomia estranha, há sim um certo abecedário enumerado “A, B, C, D...” e é basicamente auto evidente, e nós temos nossa autoevidência, há um corte mundano entre loucura e razão. A luta antimanicomial não faz outra coisa a não ser confrontar essa ordem. Não por uma oposição, por um empenho na desordem das coisas, mas por uma maleabilidade das coisas, pensar outras ordens e não mais uma ordem violenta com a loucura.

A criação de um regime de classificação, ainda que seja a partir de “um olhar bem desavisado, poderia aproximar algumas figuras semelhantes e distinguir outras em razão de tal ou qual diferença” (*Ibidem*, p.14), o que seria dizer que ainda que a partisse de um olhar inocente se trataria de um resultado de um critério prévio, de um ato, de uma operação. Ou seja, o “crivo do olhar” (*Ibidem*, p.15) garante a ordem e ao mesmo tempo uma lei. Há uma ordem deliberada entre o crivo do olhar e o conhecimento. A experiência para a qual Foucault está chamando a atenção aparece de certa forma em todo o seu percurso, e a experiência do que vem a se constituir como um modo de ser, como elas são colocadas num certo estabelecimento de ordem do mundo, como elas são invertidas. Na história da ordem das coisas, aquilo que Foucault faz sobressair é que a história do mesmo é algo que na cultura é ao mesmo tempo aleatório e correspondente.

Na obra *A história da loucura*, o fio do qual Foucault perseguiu foi sobre como a cultura isola a diferença ao passo que a limita. Nas palavras e as coisas Foucault busca interrogar como a cultura experimenta proximidade das coisas, a ordem dessas analogias, ou seja, como as relações entre semelhantes estabelece também fundamento para as classificações. Ele diz: “A partir de qual a priori histórico foi possível definir o grande tabuleiro das identidades distintas que se estabelece sobre o fundo confuso, indefinido, sem fisionomia e como que indiferente, das diferenças?” (*Ibidem*, p. 20).

Ele afirma que a “história da Loucura seria a história do Outro - daquilo que, para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estranho” (*Ibidem*, p.21), a alteridade torna-se perigosa, demarcando formas de exclusão. Essa problematização sobre o louco, sobre o Outro marca um paradoxo no qual o diferente pode fazer ver sinais de semelhança. Há algo que Foucault está chamando a atenção que trata sobre a história do saber, que por mais que procuremos ver algo, existe também algo que é invisível aos nossos olhos. Os modos de saber, as rupturas, os modos de descontinuidade é o que interessa a Foucault nesse livro, as epistemes.

A história da ordem das coisas, seria portanto a história do mesmo, ou seja: “daquilo que, para uma cultura, é ao mesmo tempo disperso e aparentado, a ser portanto distinguido por marcas e recolhido em identidades.” (*Ibidem*, p. 21). A experiência nua da ordem é o que Foucault afirma existir no interior de uma cultura, as modalidades de ordem situadas no tempo e no espaço positivaram regimes de conhecimento, essa episteme do conhecimento não se trata de encarar a progressão dos conhecimentos em direção a uma objetividade, mas antes perceber de que modo se deu as “condições de possibilidade” (*Ibidem*, p.18). Como elas aparecem nos jogos de luz, interessa a Foucault e a nós aqui, não por uma continuidade histórica, mas certamente pela possibilidade de experimentar algo ainda não passível de ser vivido, como ele mesmo diz: “Sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar a mesma coisa de antes” (FOUCAULT, 2010a, p. 289-290). Transbordar o limite, posso dizer aqui, que ficar nu de si mesmo, experimentar o que podemos vir a ser, uma experiência do presente, já que o passado só nos serve se pode de certo modo nos transformar.

Memórias entrecortadas, passagens, tensões que colocam a loucura em disputa na cidade. Memórias que colocam a cidade em disputa. Trama na qual fechamento e abertura se fazem, de que nada surge do nada, mas isso não significa dizer que tudo estaria totalizadamente relacionado. Estes são pontos pelos quais eu acesso essa trama e que são cotidianamente fabricados, por essa descontinuidade. Há uma política de fechamento acontecendo, uma política de sucateamento, esfacelamento que se faz dia após dia, que se faz numa constância, há uma transmissão dessa continuidade, é preciso encontrar a descontinuidade. Não se trata apenas das comunidades terapêuticas, dos manicômios, não são apenas focos evidentes em um ou em outro lugar, são modos de vida capilarizados. Relações enfraquecidas, lutas dispersas, corpos fatigados, e corpos padecidos de ódio.

Que impasses se colocam e o que podemos fazer para tornar as relações cada vez mais antimanicomiais? Como diferentes coletivos, com diferentes pautas ou interesses poderiam se avizinhar e acolher demandas diferentes? Que maneiras de contágio podemos encontrar que permeiem fundamentalmente em direitos e cidadania? Que possam incluir e abrir espaço para pensar a medicalização quando problemas não médicos são tratados como médicos, que possam incluir o cotidiano atravessado pela precariedade que se estende aos direitos básicos para que uma vida seja vivida e não sobrevivida.

Na carta intitulada *carta de Nova York: o doente artificial* Basaglia (2005) expõe sua preocupação em relação às ações técnicas referentes a um setor específico e as implicações políticas do que seriam esses novos aparatos institucionais no domínio público em geral, ou seja, que seria a proposição de uma nova instituição num velho contexto social. Ele pontua que tais instituições funcionavam de modo complementar às velhas instituições violentas, ou seja, apontava o caráter de readaptação dos desviantes reproduzindo ações do sistema sócio-econômico. Ele alertava que de fato as novas instituições eram abertas, e afirmava que se encaixava na “guerra a pobreza”, o que marcava o contexto da sociedade americana do momento, mas complementa dizendo: “interessada em absorver a própria pobreza como objeto de um novo ciclo produtivo” (BASAGLIA, 2005, p.152).

Bem, mas aí poderíamos nos perguntar, porque trazer a carta de Basaglia que trata desse processo em que se manicomializa não só os serviços, mas a vida. como tudo isso se articula, violência, opressão, racismo, como ela nos ajuda a prosseguir nessa escrita? Escrever novas cartas com velhas questões?

Nove anos após a chegada de Basaglia ao hospital psiquiátrico de Trieste, na Itália, em 1980, finalmente o hospital é fechado. Basaglia atesta a importância da reforma psiquiátrica italiana através da lei 180, que tinha como principal objetivo superar os hospitais psiquiátricos através das regulações das consultas médicas obrigatórias e voluntárias. Basaglia reconhecia a importância da lei já que não citava mais o termo periculosidade associado ao paciente e também por ter como decreto o fechamento definitivo dos hospitais psiquiátricos. A lei tornara-se para ele um pontapé, mas ainda tinha suas ressalvas, já que mantinha as sentenças médicas como padrões de respostas aos distúrbios psíquicos. Algo que ele apontava para o perigo de apagar certas complexidades e implicações sociais, encobrimdo assim as responsabilidades de uma determinada sociedade. Ou seja, fechar os hospitais psiquiátricos e continuar reproduzindo a mesma lógica medicamentosa e manicomial era certamente uma das preocupações de Basaglia. Para ele não era possível medicalizar a pobreza, a marginalização, a perda de direitos, e a ausência de cidadania, essas questões não podiam ter como resposta a medicalização.

O tema da medicalização já vinha sendo colocado em xeque por Basaglia, durante a sua estada em 1969 no centro comunitário de saúde mental de Nova York, instituição que foi criada através de lei sancionada pelo presidente Kennedy em 1962. Neste período Basaglia

percebia que a nova instituição chamada de comunidade terapêutica<sup>17</sup> criava-se através da “prevenção” um novo grupo de pacientes que aqueles que fugiam à norma, marginais, desajustados, a formulação da prevenção empreendia um alargamento no campo da doença ao invés de reduzi-lo, algo que refinava o controle social e tecnicista, neste sentido a linha da qual norma e desvio eram separadas tornava-se mais tênue e certamente ampliava o número de pessoas que poderiam ser absorvidos aos serviços psiquiátricos.

Se há algo que precisa ser superado são os manicômios, trata-se de uma velha questão. Falar sobre os manicômios, parece repetido, um looping que não cessa de acontecer. De fato, talvez estejamos repetindo velhas questões, porque certamente elas são questões inacabadas, que precisam ser lembradas para não serem esquecidas, e desse modo possamos fazer outras perguntas, colocar novos problemas. As paredes demarcadas de um manicômio não estão restritas a um lugar ou outro, há manicômio pulsante pelas ruas, pelos discursos, numa mesa e outra de um bar, nas praias, nos estádios, enfim, a céu aberto. Um manicômio das relações e que carregam sempre algo das instituições totais que certamente não foram superadas.

Niterói, 2021. Há algum tempo os trabalhadores da rede de Niterói experimentam a precariedade dos vínculos institucionais, ponto localizável de um cenário caótico. O modelo de contrato seletivo simplificado de 2014 ainda é um dos principais vínculos em que a rede é contratada, mas pouco amparada. O ministério público acompanha essa contratação e bate o martelo de que a gestão precisa apresentar outro tipo de vínculo aos trabalhadores. A Fesaúde, fundação pública dotada de personalidade jurídica do direito privado, assume a gestão dos serviços de atenção psicossocial em Niterói, outro modelo de contrato entrará em vigência.

Trabalhadores dessa mesma rede há anos com vínculo precário de trabalho sairão, sem qualquer garantia ou direito assegurado pelos anos de trabalho. Algumas equipes se movimentam, alguns trabalhadores voltam a agitar timidamente o fórum dos trabalhadores, a AUFA é acionada, convidada a estar junto. Em audiência pública a pergunta é feita e refeita, como será feita essa passagem, como será feita a substituição? A pergunta sem resposta ganha eco, nada se sabe, é a notícia que se tem. A elucidação do que se passa, a insistência junto aos órgãos gestores pelo acesso à informação e transparência sobre todo esse processo de saída acontece com pouco esclarecimento.

---

<sup>17</sup> “O termo comunidade terapêutica foi criado pelo Tenente Coronel Tom Main em seu artigo *The hospital as a therapeutic institution*, de 1946. Norton (1997) destaca que o autor reconheceu que o termo devia grande parte de seu significado aos trabalhos de Maxwell Jones na Unidade de Reabilitação Social do Hospital Belmont, atual Hospital Henderson, na Inglaterra, nos anos de 1940, com pacientes psiquiátricos.” (PEREIRA, 2016, p. 42)

“Nada pode ser impossível de mudar”, lembro dessa frase enquanto escrevo, ela parece frágil e vazia diante de todo contexto caótico da saúde. Algo me paralisa, o corpo desanima e enfraquece. A psicóloga já um pouco cansada vê no cotidiano dos serviços a precarização do vínculo de trabalho, ainda que faltem análises mais apuradas sobre os serviços de saúde mental que basicamente tratam de regiões específicas ou mesmo de uma região única, de 2017 para cá o avanço de serviços imprescindíveis foram brecados e na prática a precarização estrutural dos serviços, rotatividade de profissionais, a falta de medicação, condições mínimas para que um trabalho se sustente, parece mesmo um disco arranhado, repetição infundável. Num contato e outro com o PMF<sup>18</sup> escuta da agente comunitária de saúde sobre a escassez de profissionais, as dificuldades com as visitas domiciliares, a acs complementa: Não tem dinheiro pra comprar comida, imagina remédio. É nesse cotidiano que o trabalho se desenrola, diante dessa precariedade ainda se tenta fazer algo.

A figura do HPJ e a falta de um CAPS III ainda se retroalimentam. A respeito de todo calhamaço de discussão que há, de tudo que se tem de problematização, e de produção sobre a luta antimanicomial, o cenário é outro. O HPJ ainda tem posição de centralidade na rede de saúde mental, o que nos traz uma pergunta importante: que vontade de saber é essa que mantém em pé essa estrutura? Como essa vontade de saber investe a cidade, os corpos, a loucura, a ponto de se manter ali como lugar de referência e acolhimento da demanda cidadina?

---

<sup>18</sup> Programa médico de família.

## 8. VOCÊ CONTA OU EU CONTO?

*Ainda estremecidas, nos reunimos às partes anexas. Logo depois do impacto da implosão do túnel, ouvimos algumas vozes: vigas! Vigas! Ainda estão de pé? Respondemos o quanto antes que sim, ainda que a nossa estrutura estivesse abalada, alguns de nossos tijolos esfarelassem depois de um impacto de tal porte, nos mantivemos calmas para conservar aquilo que sobrava.*

*Ainda estamos nos debruçando para entender por que logo uma parte nossa seria atingida. Por que escolher, dentre tantos outros lugares, exatamente o ponto geográfico que nos alcançaria? As explicações são inúmeras: uns dizendo que os fatores geológicos e hidrológicos teriam sido determinantes dessas decisões, outros já caminhavam com as discussões sobre os interesses de tráfego e transporte; outros diziam que se tratava de uma oportunidade de instaurar um CAPS III e promover todo um registro de mudança em Niterói; e outros diziam se tratar de ser mais fácil intervir onde a loucura está: “É mais fácil passar o trator e o rolo compressor”, disseram. Os boatos circulavam pelas redondezas, por serviços, pela cidade, de um jeito ligeiro; o assunto estava mesmo polêmico. Ao que nos consta, nosso funcionamento beneficiava a todos, que eram atendidos prontamente, logo que ali chegassem. Os nossos leitos, ainda que estivessem escorados nas paredes, que decerto agora estremecidas, acolhiam o tempo que dura uma crise e algo mais. Ainda assim, alguma coisa ia abaixo. Tamanha falta de consideração, se escutou por ali. Andam dizendo por aí que as paredes têm ouvidos, as minhas não são tão diferentes. Continuamos a escutar incontáveis mensagens que ecoam nos meus arredores: “para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça”, “Manicômios nunca mais”. Essas vozes retornam sempre que algo concretamente nos ameaça. Há algo que precisa ser lembrado sempre, outros complementaram. Mas, às vezes, passamos despercebidos. Em outros tempos a uma mensagem dessas eram tomadas as medidas cabíveis, aliás, pouco se falava dos modos como as coisas eram conduzidas, pouco se questionava as paredes que encerravam a loucura, sentimo-nos soberanos, não éramos colocados em xeque. Mas nem tudo são flores, as instalações seguiam muito bem determinadas, quando, nos meados da década de 80, surgiu um grupo, que inclusive frequentava as dependências de variados hospitais. A esse grupo, escutava por alguns corredores, que se dava o nome de familiares, trabalhadores e usuários, que passara a denunciar práticas de violências em todas as dependências que tivessem leitos, não só as*

*minhas paredes abalaram-se na época, mas outros colegas antigos também sentiam os ecos das denúncias reverberarem em seus funcionamentos. Sabia-se que Dr. Eiras, Hospital colônia de Barbacena e Nossa senhora das vitórias, andavam por aí extremamente assustados. Sabíamos, entretanto, entreouvindo os boatos, que fora num contexto de redemocratização que surgiram essas primeiras manifestações aos modelos de funcionamento. Falava-se da crise da DINSAM<sup>19</sup>, e dos órgãos criados em torno de 1976, o CEBES<sup>20</sup> e do REMES<sup>21</sup>, como lugares de balbúrdia, como chamam hoje em dia. É claro que se tinha um jeito conservador de lidar com as coisas, mas demolição já não era demais? Havia denúncias que se passavam por questões de maus tratos, de torturas. Esse era só o nosso jeitinho de cuidar, fazendo o bem que mal tem?*

*Essa balbúrdia toda dá início a uma greve em 1978<sup>22</sup>, que garante destaques nas manchetes da época. Ouvi dizer, naquele emblemático período, que o V congresso de psiquiatria Brasileiro<sup>23</sup>, em outubro de 1978, tornou-se palco de um debate político que extrapolava o campo da saúde mental, alcançando o cenário político nacional. No meio desse pandemônio, ou dessa pandemia, na qual ameaçavam todas as paredes, todas estruturas, outro emblemático furdunço chegaria para aterrorizar, a tal da primeira conferência em saúde mental e o segundo congresso nacional do MTSM,<sup>24</sup> ambos no ano... deixe-me consultar as páginas de Paulo Amarante novamente, ah! Sim, no ano 1987. Ao que me consta, e não me falha a memória, é nesse evento de Bauru que se registram o corpo presente de algumas associações de usuários e familiares, como a “loucos pela vida” em São Paulo. Esses microfocos de balbúrdia deram então origem à permanente frase que não cai em desuso: “Por uma sociedade sem manicômios”. Esse lema perdura, ainda que recentemente,*

---

<sup>19</sup> “O movimento da reforma psiquiátrica brasileira tem como estopim o episódio que ficou conhecido como a “Crise da DINSAM” (Divisão Nacional de Saúde Mental), órgão do ministério da saúde responsável pela formulação das políticas de saúde do subsetor saúde mental.” (Amarante, 1995, p.51)

<sup>20</sup> “Núcleos Estaduais de Saúde Mental do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde” (Amarante, 1995, p. 51).

<sup>21</sup> “Movimento de Renovação Médica” (Amarante, 1995, p. 51).

<sup>22</sup> “A deflagração, logo em seguida, da greve dos médicos residentes fortalece o MTSM durante os seus primeiros meses.” (Amarante, 1995, p.53).

<sup>23</sup> “Com a realização do V Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em outubro de 1978, surge a oportunidade para organizar nacionalmente estes movimentos, que já estavam se desenvolvendo em alguns estados” (Amarante, 1995, p. 53).

<sup>24</sup> Movimento dos trabalhadores de saúde mental.

*especialmente em dezembro de 2017<sup>25</sup>, tenham aprovado uma reformulação da política de saúde mental no país e voltado a reconhecer a centralidade dos hospitais psiquiátricos, e o retorno de outros personagens já quase aposentados<sup>26</sup>, mas ultimamente também voltaram a reconsiderar a terra como plana.*

*Meu caro, mas esta trama parece mesmo um romance, e você ainda era só um projeto de túnel quando muitas coisas passavam na câmara dos deputados, e as coisas passam batidas por lá. Em 2013 ano do governo Dilma, Osmar Terra propõe um projeto<sup>27</sup> afinado com a lei antidrogas que prevê a autorização de familiares e responsáveis legais requisitarem a internação em minhas dependências para desintoxicação sem concordância dos pacientes, acredite se quiser! Algumas décadas se passaram desde essa tal reforma psiquiátrica - essa palavra deixa minhas vigas arrepiadas - em 2006<sup>28</sup> resolveram inverter os gastos e os serviços comunitários passaram a receber mais dinheiro do que nós, e veja só, nossos leitos ainda foram fechados, alguns deles, é claro, temos muitos deles pelo Brasil a fora.*

*Parece que em 2008 houve uma expansão dos CAPS e do programa de volta para casa, e o que dizem ser processos importantes e envolvidos no trabalho de desinstitucionalização daqueles que vivem em longa permanência, “No entanto, os serviços são distribuídos de forma desigual entre as regiões do país” (CAMPOS-ONOCKO, 2019, p.2). Mas ao que me consta, em 2011 houve um enfraquecimento de serviços que se dedicassem a fortalecer laços com a comunidade, o de volta para a casa, os programas de geração de renda, os centros de convivência.*

*O que aconteceu, meu caro, de 2011 pra cá foi um esfriamento do crescimento desses serviços que vinha acontecendo, e posso dizer que isso deixa nossas estruturas aliviadas, foi registrado um tímido crescimento dos CAPS ADs e quanto aos CAPS III, que dizem ser estratégico para o nosso fechamento e redução dos leitos o contraste é enorme, os CAPS AD*

---

<sup>25</sup> “Nesse cenário, após meses de debate, em dezembro de 2017, a Comissão Intergestores Tripartite (CIT), que reúne o Ministério da Saúde e representantes dos Estados (CONASS) e Municípios (CONASEMS), anunciou medidas para fortalecer esse atendimento no SUS, promovendo mudanças na Política Nacional de Saúde Mental (Resolução CIT No. 32/2017 e Portaria No. 3.588/2017), com o objetivo de torná-la mais acessível, eficaz, resolutiva e humanizada” (BRASIL, 2019, p. 03).

<sup>26</sup> Portaria no 3.588 9, de 21 de dezembro de 2017: O retorno do hospital-dia foi um deles, a criação dos CAPS AD IV mais famosa pelo nome de comunidade terapêutica, o reajuste dos valores das AIHS de hospitais psiquiátricos e ambulatorios hierarquizados.

<sup>27</sup> PCL 37/2013, que gera a lei 13.840 em 5 de junho de 2019.

<sup>28</sup> Ver cadernos de saúde pública: “Saúde mental no Brasil: avanços, retrocessos e desafios (Rosana Teresa Onocko-campos, 2019)

III tiveram o número de 88, número próximo que os CAPS III levaram cerca de 10 anos para alcançar, que foram 92 serviços, a nível de território nacional<sup>29</sup>.

*Ao que tudo indica, o fortalecimento de minhas paredes se dá no ano de 2016, mas como lhe disse esse fortalecimento vem acontecendo dia após dia, não foi de uma hora pra outra, mas em 2016 é que parece que o caldo engrossou, passamos a escutar dezenas de pessoas que esbravejavam “impeachment”, “impeachment”, ouvia-se muito: “primeiro a gente tira a Dilma, depois o PT”. Vozes, panelas, pareciam de uma hora para outra, surgir de todos os lados, muitas delas, inúmeras, pareciam multiplicar-se de repente, diziam que era algo como uma vitória da democracia contra os comunistas. No meio desse caos, foi curioso perceber um apoio a nós, à nossa centralidade, de modo tão repentino. Por outro lado, escutávamos outras vozes que gritavam: “golpe”, “se trata de golpe”, “retrocessos”, “essas panelas sempre estiveram aí, só estavam guardadas esperando que alguém puxasse o primeiro batuque”. O fervor das vozes seguiram sentenciando os rumos que foram tomados de 2016 em diante. “Para que nunca mais se esqueça”, os adesivos colados no peito lembraram.*

*Por falar em 2016, lembro-me bem desse período, ano de início da minha construção. Cheguei sem pedir licença. Desculpe-me o eco, meu caro vizinho. Os jornais do ano chamavam a atenção para a nova investida no setor de imóveis, construções de alto padrão endossaram a minha chegada e mobilizaram o mercado imobiliário. A promessa de aproximar as praias da região oceânica à circulação do bairro fez o lugar tornar-se mais atrativo. Levei algum tempo até que me instalassem por completo, muitos planejamentos, plantas e estudos até chegar na parte da explosão e depois da perfuração, tornei-me um túnel<sup>30</sup> de extensão curta, mas ainda preservo um pouco da penumbra tão comum a nós. Ao mesmo tempo em que agitava o mercado imobiliário de alto padrão, com o surgimento de novos projetos, muitas famílias olhavam pelas últimas vezes as paredes e os tetos sob os quais viveram durante décadas e mais décadas. Curioso que o mercado imobiliário tenha feito flutuar projetos e projeções para uns, enquanto outras histórias foram sendo soterradas. Em pouco tempo esses moradores instalaram-se em outros lugares, sabe-se lá onde. O mercado*

---

<sup>29</sup> Campos-Onocko (2019) aponta o enfraquecimento dessas iniciativas e serviços desde 2011, apesar de assinalar um forte incentivo aos treinamentos e pesquisas em saúde mental no período.

<sup>30</sup> Esse trecho faz referência à construção do túnel Charitas-Cafubá, situado no município de Niterói.

*imobiliário estava preocupado em arrumar a casa para quem fosse chegar, quem partira já não lhes interessava.*

*Pouco a pouco a minha extensão tangenciou parte do bairro, instalei-me lentamente, enquanto via os moradores se desesperarem a procurar outro canto para morar. Pude ouvir o choro do Sr. Janu ainda nos primeiros momentos da obra, já não tinha mais pernas para ir até a birosca, parecia cansado dos limites colocados pela vida. Hoje passa pela sua antiga casa a pista de ida para a região oceânica. Lamentava ter que sair de lá. A casa deixada por seus pais ainda tinha pendurada nas paredes a fotografia em preto e branco da avó, estampada no quadro de moldura oval. A mulher de lenço na cabeça e olhar vago apoiava as mãos numa colcha em um dos braços da cadeira, a boca murcha não forçava o sorriso para a foto, parecia não estar muito entusiasmada com o flash. Falavam pelo bairro, há muitos anos, que quase nada se sabia de sua história, desde que chegara ali trabalhava na costura das redes de pesca, enquanto fazia os nós e media as malhas contava aos meninos sentados em torno das suas pernas as histórias de conhecidos, falava de um e de outro, dos parentes deles, histórias de terror, histórias dos pescadores, histórias do mar, mas quando lhe perguntavam de onde tirava tantas histórias e de onde viera, logo batia a malha nas coxas se preparando para levantar. Enrolando a rede, botava os que não eram dali para suas casas. O retrato vintage precisaria ser encaixotado. Seu destino, já não se sabe. Também soterrei parte do hospital, a enfermaria destinada às mulheres teve seu tamanho reduzido. O território ali conquistado ainda cheirava a mijo, como vizinho passei a escutar o falatório, a gritaria, mas também o silêncio.*

*Mas cá estamos nós a falar, você aí de dentro encerrado por suas paredes, e eu aqui de fora, ainda tentando assuntar o que se passa aí dentro. Parece, devo dizer, que estamos talvez um pouco ultrapassados. Quando me convidaram a contar o que eu teria a dizer sobre a loucura na cidade, achei que pudesse dizer das idas e vindas aos seus arredores e aos meus. É claro que a chamada inicial ainda se coloca urgente. Mas sigo fazendo dela algo que dê pistas para um horizonte (HUBERMAN, 2011), com o qual não apenas possamos refazer caminhos e forjar ideias que impliquem em adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019), mas abrir espaço para que outros mundos possíveis sejam contados, “a dança viva dos vaga-lumes se efetua justamente no meio das trevas” (HUBERMAN, 2011, p.55). Dito isso, volto a recapitular o que vinha dizendo, estamos fora de moda. Andamos um pouco insistentes em, por um lado, dizer o que se passa aqui fora, e você, por outro, a dizer o que se*

*passa aí dentro, ambos interessados e fofoqueiros também sobre a sua parte fora do quadrado, acho que está batido esse “muro/não muro” (PELBART, 1993, p.45), não é mesmo?*

*Aqui, ainda que estático ao lado do hospital, é possível avistar a paleta de cores do pôr do sol, do amarelo ouro ao caramelo café; também a movimentação da embarcação, as pessoas que chegam para a consulta de emergência, o ciclista, e o quiosque da magrinha, mesmo que de longe, já não mais agitado como em outros tempos. O fato de ser um lugar de passagem, uma via de circulação, onde se permite ir e vir, me fez olhar e tecer um diálogo com o vizinho, cujas paredes não tornam tão constante o fluxo das pessoas que ali dentro se encontram. Estar do lado de fora talvez me permita ver outros cenários, mas, ainda que consiga olhar por outras arestas, a minha posição estática coloca a lente posicionada de uma forma em que se pode ver até um certo ponto, pensava que estava de fora, e nesse fora sentia-me garantido a acessar uma experiência próxima de algo inaugural, mas me enganei. O ciclista recém-chegado de outras redondezas nota coisas que eu ainda não havia percebido, aponta o hibisco roxo (CHIMAMANDA, 2003) crescendo por entre os canos soltos quebradiços que ficaram como resquícios da obra.*

*Em cima do camelinho, talvez não esteja com a mesma pressa insinuada pelo fluxo dos carros, tem no apoio dos pés sustentação para o corpo e para a bicicleta. Enquanto o dono do quiosque vazio corta seu coco, ele desce da bicicleta e puxa o galho da flor para próximo de si, parece não estar desconfortável naquele lugar que inventaram de ser passagem.*

*O rodopio constante da rotatória embrulha o estômago. Os latidos tão comuns ao bairro de São Domingos manifestam a chegada de alguém de fora, talvez peça informações sobre o bairro preventório, talvez nem precise. Interessado pelo espaço, desavisado dos limites e fronteiras do bairro de Charitas: “tal viagem se torna tanto mais necessária quanto mais arriscada. Isto porque se torna quase inevitável estar sempre em algum dispositivo, ao qual urge então analisar – dele participando clandestinamente.” (MIZOGUCHI, 2013, p.44). Efeitos ou não de uma clandestinidade, os latidos roucos se hidratam com a água de côco, há um preparo para enunciar algo. O homem-cachorro deixa os latidos chegarem na frente e darem pistas sonoras de uma “clandestinidade profícua, já que permite a habitação de uma zona limiar na qual se está um pouco dentro e um pouco fora de determinado território o qual se pretende inquirir.”(p.44). Se em São Domingos a praça cheia convida a se aproximar*

*dos que se espalham pelos bancos, em Charitas os latidos parecem vibrar com menos intensidade, mas ganham eco no vazio da passagem. O homem fareja as peculiaridades do lugar, sente o cheiro do Hibisco, e anda pela calçada como se tentasse desbravar o espaço, como se ali, algo pudesse ainda ser visto.*

*Pura tolice minha achar que estava de “fora” (AMARANTE, 2000, p.47). E o desmoronar dos muros do qual tive íntima ligação - não exatamente pelas vias antimanicomiais, mas pelo impulso progressista<sup>31</sup> – tornou-me vizinho do hospital, serviu para romper com uma lasquinha, mas urgente mesmo era demolir tudo. As vozes ainda ecoam, aqueles que clamam não só para que mais paredes sejam derrubadas, mas que, habitando os diversos cantos dessa cidade, onde quer que elas estejam, seja possível olhar através delas. Latir em outras redondezas também já não basta se não ousar arriscar um certo modo de estar clandestino. O homem-cachorro talvez aproveite e se aproxime do “espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos.” (KRENAK, 2019, P.15). Ele rosna para as disputas do “ou”, traça uma língua outra, audaciosa e viva, não é um homem-cão dócil restrito aos confins de um canil. Os latidos irrompem em cenários ociosos. Outros lugares virão. As intenções estão afirmadas. Talvez essa aposta tome ainda mais consistência não só com a possibilidade de ir atrás dos vaga-lumes (HUBERMAN, 2011), mas nos atentarmos ao breu, farejar as passagens subterrâneas, tatear as sucatas largadas à margem, sentir sua textura, rosnar e perguntar novamente a ela sobre como o encontro com terreno árido teria conduzido a se transformar. A sucata pode ser qualquer coisa.*

---

<sup>31</sup> “A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da idéia dessa marcha.” (Benjamin, 1989, p. 229).

## 9- OS CACOS DA MORINGA E AS FOLHAS RASGADAS: UM DESVIO DE ITINERÁRIO EM SÃO GONÇALO<sup>32</sup>

Do lado de cá da poça, pegando a BR-101, via de acesso que liga Niterói a São Gonçalo chega-se a Santa Catarina, bairro localizado no município de São Gonçalo, por ali encontra-se um dos maiores manicômios desta região em atividade nos dias de hoje. Em 2014, a clínica Nossa Senhora das Vitórias foi interdita pelo Ministério Público. Houve a entrada de uma equipe de intervenção<sup>33</sup>, com objetivo claro e estabelecido: retirar todas as pessoas que ali estavam há anos, em condições totalmente indignas, para as residências terapêuticas, num trabalho de desinstitucionalização. O manicômio, que garantia o aporte financeiro em razão dos leitos conveniados pelo SUS, mantinha uma lógica de longa permanência para aqueles que ali se encontravam. Podia-se ver ali o “cemitério dos vivos”, como nos indicou Lima Barreto, ou mesmo nas palavras de Maura Cançado: “o medo de estar só me levaria a morar com os mortos. Mas não têm estado todos mortos pra mim? (Cançado, 1992, p.53). Encontramos ainda a compulsoriedade da tristeza, do desgosto, antes mesmo de encontrar a loucura. Quem são os mortos-vivos e o que nos têm a dizer?

\*\*\*

No pátio algumas folhas rasgadas de um homem que estivera há pouco ali. Os dedos estranhamente nervosos escrevem, rabiscam páginas, às vezes dilaceram folhas. Olha para todos os lados buscando algo, enquanto a mão corresponde ao olhar. Nada o fazia parar, o estrago estava feito. O apagão só o permitia lembrar o antes e o depois. Nas lacunas do entre, Lúcio passava os dias vagando. Anotava num pequeno caderno palavras soltas que costumava avistar nos outdoors, pelas vias, pelas pistas, palavras que o levam a todos lugares e a lugar nenhum. Algumas vezes rasgava as folhas, talvez aquelas palavras rabiscadas não lhe servissem e então amassava e jogava fora. Era assim o seu dia a dia há cinco anos. Desde então o sono lhe assombrava, o ato de deitar na cama, recolher seu corpo e permitir que seu corpo repousasse até adormecer era algo que lhe apavorava.

Naquela noite, depois de acordar subitamente, o ar lhe faltava, o corpo gelava, e o suor escorria por todo o corpo. O pesadelo o aterrorizava, precisava respirar, buscar outro ar que

---

<sup>32</sup> São Gonçalo é um município vizinho de Niterói.

<sup>33</sup> Ata da 6ª reunião ordinária da comissão intergestores regional de julho de 2014.

não fosse aquele daquela casa. Batia a porta. Um pé na frente do outro, os braços abertos pareciam querer abraçar o vento e o equilibrava naquela mureta que dividia as duas pistas. O corpo o projetava para frente, sentia o áspero daquela mureta, os passos eram lentos. O farol ofuscava. Um gato estraçalhado na pista jazia. Tomava a curva inclinada de acesso a ponte Rio/Niterói talvez querendo chegar ao vão central de suas ideias, seguiu. Um apagão, ficava a lembrança só do antes e do depois.

Na travessa Santa Cecília, a pequenina casa azul antiga, muro baixo e pouco recuo a calçada, ladrilhos de piso de cerâmica na frente, seria onde Terezinha passaria a morar. Ela chegara do Norte na década de 80, a dificuldade de construir uma vida no lugar onde nascera, a fez procurar outras oportunidades. Há pelo menos uma década morando no Rio de Janeiro estava de mudança para São Gonçalo. Na Coronel Serrado se localizava o hospício onde Terezinha teria seu primeiro emprego como técnica de enfermagem e ficava a poucos minutos da Tv Santa Cecília.

Terezinha quando jovem se ocupava dos afazeres na birosca do pai, de segunda a segunda. A mãe lhe incubia de controlar o pai e sua inclinação ao alcoolismo, especialmente nas horas que antecediam o fechamento do bar. Terezinha temia que algo acontecesse quando ele chegasse em casa, pois era briga na certa. Terezinha sentia uma gastura na barriga em ficar por ali. Não entendia muito bem do que se tratava aquele nó na garganta, aquele comichão no estômago, mas sabia que se manifestavam quando ia para o estabelecimento do pai. Ela e seu irmão mais novo se revezavam na vigilância do pai, esvaziavam um copo ou outro, davam um pouco de água, pediam que fechasse cedo o bar mais cedo. Diziam que estavam cansados quando estavam mesmo era com medo do que viria depois que chegassem em casa com o pai embriagado. Contornavam o balcão implorando ao pai que fossem embora. Ela respondia de um jeito ríspido e seco: "Quem manda aqui sou eu". Terezinha prometia a si mesmo que logo que pudesse tentaria a vida no Rio, sempre foi um sonho sair do bar do pai, fazer algo por si, e quem sabe estudar. Via muitas pessoas saindo da região onde morava para tentar a vida em outro estado e mais do que um sonho a ideia tornava-se aos poucos uma decisão.

A gastura deixava o estômago inflamado, pedia à mãe que a liberasse de ir ao bar. A mãe retrucava: "onde já se viu isso, só passa mal quando chega no bar, tá fugindo do trabalho?". O ramo do petróleo no litoral do Rio Grande do Norte expandia as oportunidades de trabalho, e a moça dizia à mãe que precisava fazer outra coisa da vida que não fosse passar seus dias vigiando e cuidando de seu pai. O irmão continuava a acompanhar o pai e a

aprender o ofício do comércio. Terezinha passou a se negar a ir, a mãe chamava de atrevida, desobediente, mas fosse como fosse, Terezinha não suportava mais aquela vida. Procurava emprego pela região e, pouco antes de vir ao Rio, chegou a trabalhar como doméstica na casa de um dos grandes responsáveis pelos polos petroquímicos da região, mas sabia que sua vida não estava ali.

No Rio, ficou na casa de uma tia distante, até que conseguisse encontrar um emprego e um lugar para morar, mas não podia se demorar muito por ali. Não queria abusar, causar incômodo e também não tinha intimidade para passar tanto tempo na casa da parente. Acabou se empregando como cuidadora de uma criança com necessidades especiais, ia três vezes na semana. Também se matriculou no curso noturno num CIEP próximo à quitinete pela qual se interessava em alugar. Queria terminar o segundo grau, ter uma profissão, mas não sabia exatamente qual.

Tinha a impressão de que tudo no Rio era muito grande, as ruas largas, os prédios altos que a assustavam. Se perguntava se devia mesmo ter vindo sozinha para começar a vida naquele lugar tão inóspito, mas vivenciava um pouco de tranquilidade estando distante de sua casa. Vez ou outra falava pelo telefone com a mãe, que lhe pedia para voltar à casa, pois não suportava as dificuldades que enfrentava sozinha tentando cuidar do marido. Embora não estivesse certa das coisas que dizia para mãe, sentia que precisava dizer, mesmo que não fosse de todo verdade, pois lhe dava forças para continuar tentando sustentar sua vida na capital carioca.

Algum tempo no Rio, as oportunidades se abriram para o trabalho de cuidadora e mesmo achando que não era bem isso que queria fazer, Terezinha abraçava as oportunidades, precisava se manter como desse, não podia contar com ninguém. Já tinha conseguido concluir o ensino médio e pensava em fazer algum curso profissionalizante, algo que pudesse compor o seu currículo. Ficava sabendo da abertura de uma turma de um curso de formação em auxiliar de enfermagem e decidia se matricular. Ainda tinha dúvidas se esse era o caminho certo a tomar, pois não se via trabalhando numa enfermagem, mas pensava que podia ser uma coisa provisória, um meio de tentar se estabilizar financeiramente. E assim fez. Ainda havia o contratempo de ter de encontrar um novo apartamento. O dono da quitinete pediu que saísse do imóvel para que uma de suas filhas, recém casada, grávida e precisando de um lugar em que as despesas não fossem altas, pudesse morar com o marido. Soube por uma colega de curso que os aluguéis em São Gonçalo eram mais em conta e tirava um dia para rodar por lá.

Mesmo com toda distância do Rio, para o seu trabalho, decidia morar em São Gonçalo, a colega que havia indicado o lugar para Terezinha também falava de uma clínica de malucos que começara a trabalhar e que ela podia lhe dar seu currículo que entregaria ao dono.

Em um dos maiores manicômios de São Gonçalo, a atividade manicomial desenrolava a todo vapor. Ali se produzia intensa demanda de loucura. Terezinha logo correu para preparar um currículo e entregar a conhecida, não sabia como ficariam as coisas com o plano real, precisava ter alguma segurança.

Na entrevista de emprego, Terezinha sentia um calafrio na barriga como aquele que sentia quando cuidava do pai, aquela sensação de querer fugir dali tomava conta. O lugar fétido embrulhava o estômago, pensava que não seria capaz de trabalhar como auxiliar de enfermagem naquele lugar, sem contar o medo que tinha de maluco. Passava os dias pensando, caso fosse chamada para trabalhar, que negaria a proposta. Por outro lado, pensava como poderia recusar uma primeira oferta de trabalho, já que era recém formada em sua profissão. Cogitar ser temporário lhe acalmava o coração e amansava aquele frio na barriga.

Aquele dia vestia-se toda de branco, gelada de suor, caminhava apressada para o seu primeiro dia de trabalho. Não era costume seu se atrasar para um compromisso, talvez o atraso estivesse se dando pela falta de vontade em assumir aquela função. Chegava no balcão de recepção e se apresentava como nova técnica de enfermagem. A moça da recepção lhe encaminhava à chefe de rotina do dia para que pudesse designar o lugar e função para o primeiro dia. A recepção e o pequeno Hall separavam aquele lugar do cotidiano de São Gonçalo, talvez fosse mesmo um lugar à margem por ali. Terezinha se assustava com a extensão daquele lugar depois da porta.

Ela chegava no momento em que o café da manhã era servido. O pátio era grande, o lugar parecia pequeno para quem olhasse de fora, lá dentro a história era outra. As enfermarias trancadas pelas portas, faziam os pacientes se amontoarem pelas janelas. A gritaria e o caos denotavam o clima do ambiente. A fileira dava conta de que pouco a pouco os pacientes descessem para tomar o café. Você vai tomar conta do café hoje junto com o Rosenberg, dizia a chefe de rotina para Terezinha, enquanto lhe conduzia ao refeitório.

Foi apresentada a Rosenberg, no momento em que ele ajeitava as pessoas à mesa, e gritava por pegarem o café dos outros, esbravejava com quem comia devagar, nem mesmo olhou para Terezinha quando cumprimentou. Rosenberg era um homem esguio, tinha um cavanhaque bem cerrado, uma postura imponente. Ele logo lhe designava uma tarefa, “vai

pegando o pão e o café com leite no balcão e servindo aquelas as mesas da fileira da direita! Se alguém da esquerda pedir mais pão, não dá porque eles já estão comendo!”. Rosemberg, parecia um trator com os pacientes, assustadoramente grosseiro, ela pensava.

Ainda que não quisesse estar ali naquele trabalho, não conseguia pensar na possibilidade de destratar ninguém, “Vai que um dia sou eu aqui”, refletia. A experiência com o pai, o deserto de afetos no norte, faziam-na pensar que ninguém estaria livre de enlouquecer. Terezinha ficou encucada com aquele cenário. Enquanto apoiava a bandeja de pão nas mesas, um homem pulava no prato colocado ao lado. Terezinha pedia que devolvesse o pão, mas ele já estava sendo mastigado. Rosemberg de longe via a situação e vinha pisando forte no chão, Terezinha ficava assustada. “Não pode ser mole aqui, se for preciso você grita, se não eles não vão te respeitar. Cospel!”, gritava Rosemberg ao homem que mastigava o pão, mas já era tarde, ele havia engolido.

Ela estava horrorizada com a ordem de Rosemberg ao homem, sabia que ele não tinha feito certo em roubar, mas ele era doido, devia estar com fome, sabe-se lá o que era. Mandar cuspir era o cúmulo, de fome talvez Rosemberg não entendesse, pensou Terezinha. Continuava a servir as mesas, agora com um pouco mais de cuidado, vigiando para que outro pão não fosse tomado, sentia um mal estar naquele lugar e tinha certeza de que ali não era o seu lugar. Sabia bem como era a vida no norte, as dificuldades que acompanharam a sua família em outros tempos, racionar comida era algo que lhe fazia mal. “Larga essa papelada e toma seu café!” Rosemberg gritava com um homem que estava sentado no canto esquerdo com um monte de papel. Terezinha já tinha notado que ele parecia dar mais atenção aos papéis do que ao lanche.

Terminado o café, após ajudar a encaminhar os pacientes para as suas enfermarias, Terezinha foi ao banheiro, próximo a sala da equipe técnica. Abaixava a tampa do vaso e sentava ali por alguns minutos, estava sentindo de novo aquela gastura, no peito, na barriga, já não sabia nem mais onde sentia ao certo. Sabia que era algo parecido com o que sentia nos tempos da biosca. Chorava com facilidade. “É só por um tempo, é só por um tempo..”, repetia essa frase que costumava acalmá-la. “Terezinha!”, Rosemberg chamava da porta, “vai demorar aí?! Vamos para as enfermarias para ajudar a administrar as medicações!”.

O primeiro dia foi ditado por Rosemberg durante a rotina. Explicava o funcionamento, os horários de cada coisa, o que podia, o que não podia, enfim, as regras da rotina. “Já tô terminando..” Ela gritava do lado de dentro do banheiro. Respirava fundo, jogava uma água

no rosto para amenizar os olhos vermelhos e abria a porta. Rosenberg estava logo ali à sua espera terminando o seu cigarro. “Que foi?”, Rosenberg percebeu os olhos avermelhados dela. “Nada não”, ela dizia. Os dois seguiram pelos corredores enquanto Rosenberg ia lhe dando algumas ordens: “algumas medicações são pela via oral, tem sempre que olhar embaixo da língua pra ver se engoliram, tem uns que acham que são malandros...”. “E se alguém não quiser abrir a boca?”, ela interrogava Rosenberg, afinal poderia ter um ou outro que não quisesse mostrar a língua. “Não tem essa Teresinha, você precisa mostrar quem manda aqui, se não eles nunca vão te respeitar, fala firme, se impõe, deixa eles sentirem medo de você”. “Medo de mim??”. Ela se assustava com o que Rosenberg lhe dizia. “Eu que tenho medo deles, vai ser difícil fazer eles sentirem medo de mim”. Era a primeira vez que Rosenberg soltava uma gargalhada. Depois da medicação o preparo para o almoço, depois do almoço o preparo para o lanche, depois do lanche o preparo para o jantar, essa era a rotina da qual Rosenberg dizia que Teresinha precisava saber. Às vezes, tinha de acompanhar um paciente mais agitado durante a consulta médica, uma das funções ali era garantir que os pacientes não agredissem os médicos. Retirar debaixo das camas os bagulhos, as quinquilharias que alguns conseguiam sabe-se lá como e escondiam debaixo dos seus leitos. Assegurar que todos tomassem banho e estivessem aseados, ao menos nas horas de visitas.

Já era noite quando chegava em casa. Arriava a bolsa no chão da sala e sentava num banco de madeira, enquanto olhava para a sala vazia. Não tinha móveis na quitinete, eram só os móveis de quarto e utensílios da cozinha. Ficava ali por uma meia hora pensando. Era urgente conseguir uma outra coisa para trabalhar. Não era possível sair de tão longe e se perceber numa situação parecida como a que abandonara. Não era a mesma coisa, é claro, a carga familiar era difícil de suportar, mas ainda assim sentia que tinha algo parecido naquela situação. Pensou em voltar a trabalhar com a criança que cuidou quando recém chegada no Rio, foi ao orelhão próximo da sua rua e ligou para a ex-patroa. Nada feito, eles já tinham contratado outra cuidadora. Colocou o telefone no gancho aos prantos e voltou a sua casa para preparar a marmita do dia seguinte. Não conseguia sentir apetite pela comida do hospício o lugar fétido e a quantidade de pombos embrulhava o estômago. Queria desabafar com alguém sobre o dia caótico, ir na rua, encontrar alguém, mas não tinha conhecidos por ali, muito menos amigos.

Nas semanas seguintes, era mais do mesmo. Terezinha tinha se aproximado de uma médica que dava plantão às terças e lhe pedia que receitasse um calmante<sup>34</sup>, continuava desbaratinada com aquele trabalho e uma colega tinha lhe dito que essa médica sempre receitava à equipe, não precisava ter vergonha de pedir. Apesar disso dizia a colega de enfermagem que talvez fosse o caso de Terezinha marcar um médico particular mesmo que pudesse ver essa aflição no estômago, já que nos postinhos<sup>35</sup> praticamente não existiam médicos.

Café, remédio, almoço, consultas, banho, gritos, brigas, visitas. Aliás, o momento das visitas era sempre um momento tenso, a equipe toda de enfermagem circulava pelo pátio e pelas enfermarias, faziam o policiamento do hospício para garantir às famílias que tudo por ali estava em ordem. Era quando também o dono da clínica dava as caras por ali, ele era cativante de um jeito estranho com as famílias e com os pacientes. Os meses passavam como uma eternidade, Terezinha seguia sua busca por outro emprego, apesar de já estar um pouco mais acostumada com aquele lugar, não desistia de procurar. Passava a estranhar pouco a sua própria grosseria com um paciente. “Lúcio! Não faz mais isso, rasgar essas folhas e jogar pelo pátio, vou proibir sua descida ao pátio”. Não adiantava, Lúcio fazia a mesma coisa no dia seguinte. Terezinha se irritava com aquilo, lembrava de quando varria a casa e seu pai entrava com o pé todo sujo de terra. Mas mesmo que falasse, Lúcio seguia escrevendo e rasgando as folhas. “Como você arruma esses papéis?”, ela perguntava curiosa para saber de onde vinham as folhas.

Lúcio não era de muitas palavras, aliás, nada falava quando era repreendido pelas folhas. Terezinha achava curioso escrever tanto para depois rasgar e lhe dizia: “pra que que você escreve se você rasga?”, mesmo sem esperar que Lúcio respondesse a sua pergunta, fazia ainda assim. “Agora antes de você rasgar eu vou ler!”, ela dizia, e ele parecia insatisfeito com a ideia e saía correndo quando ela se aproximava. Não conseguia saber o que tinha naqueles papéis.

---

<sup>34</sup> Durante a década de 1990, o faturamento das indústrias farmacêuticas passou de US\$ 3,4 bilhões em 1990 para US\$ 7,48 bilhões em 2000, e as unidades vendidas permaneceram relativamente inalteráveis. (Ministério da saúde, 2002, p.21)

<sup>35</sup> As atividades em ambulatórios e hospitais de média e alta complexidades concorriam com as atividades de atenção básica pelo financiamento, e preponderavam sobre estas. A estratégia de Saúde da Família, relevante para a mudança do modelo de assistência para o campo preventivo, a promoção da saúde e a reversão da centralização excessiva no hospital, estava confinada, até a metade dos anos 1990, a umas poucas experiências de iniciativa das outras áreas de administração da saúde. (Ministério da saúde, 2002, p. 20)

Numa sexta, dia em que geralmente o tempo concedido no pátio era maior, Teresinha esperava Lúcio rasgar suas folhas, quando todos voltaram para a enfermaria, ela recolheu os papéis picados e guardou-os em uma sacola. Em casa decidia a montar o quebra-cabeças que era Lúcio, pegava uma folha de ofício e ia colando os restos de papel. Não fazia sentido aquelas palavras soltas, não conseguia formar uma frase. Ao pegar a folha, ele sorriu para ela. Passou a recolher os papéis rasgados na sexta-feira e levava de volta a Lúcio, “Tiene, serra, pó, misericórdia..”, Algumas palavras foram formando o mosaico de Lúcio e Teresinha.

Ela ficava intrigada com a história do homem dos papéis, as palavras soltas no início foram tomando um contorno e outro, as cenas pareciam pouco a pouco se montar na cabeça de Lúcio. Na sexta seguinte pela manhã, quando Terezinha chegara ao hospício, Lúcio havia recebido alta. Tinha respondido bem às medicações, fora as folhas rasgadas no pátio, aceitava os comandos da equipe, às vezes até ajudava com uma coisa ou outra da rotina, Lúcio estava melhor. Teresinha perguntou a Rosemberg por Lúcio, não tinha dado tempo de se despedir, ela dizia. Rosemberg ria da situação e Teresinha continuava: “Mas ele foi embora com quem? foi sozinho?”. “Parece que a mulher veio buscar logo cedo...”. Terezinha estava frustrada com a saída sem despedida, tinha se afeiçoado a Lúcio. As semanas se arrastavam, Terezinha voltava a sonhar com um emprego que lhe completasse, que se sentisse bem, desde o início, sabia que não era aquele.

Numa das noites em que Teresinha preparava a marmita para o dia seguinte, lembrou das palavras de Lúcio, aquele quebra-cabeças que tinha ficado por montar. O quebra-cabeças de sua família também ficara pelo caminho, embora soubesse dos deslizes do pai, do vício em bebida, pouco sabia da mãe, sabia que ela delegava a função de cuidar do pai aos filhos e se eximia um pouco do caos que era acompanhar o pai na rotina de trabalho. A mãe cuidava da casa, da comida, das roupas, era uma mulher de poucas palavras também, assim como Lúcio. Pegava o prato lembrando das noites na casa da família, às vezes os gritos da mãe apavoravam ela e o irmão, tirando o apetite da janta. Sentou-se no seu sofá azul, recentemente adquirido em um brechó beneficente e tentou comer parte da comida que preparara. Duas, três garfadas e as lembranças invadiam os pensamentos. Sentia fome, mas se sentia só, não gostava de comer sozinha, ainda que comer com a família em outra época não fosse algo tranquilo, mas não estava só. Na verdade talvez estivesse, pensou. Colocou o prato no banquinho de madeira ao lado e se espalhou pelo sofá, não tinha televisão, mas escutava um pouco do noticiário do radinho de pilha. Teresinha adormeceu ali mesmo.

“Tá atrasada de novo Teresa!”, Rosenberg lhe chamava a atenção. Ela ficava sem graça com o chamado, não conseguia nem justificar. “Temos outra internação, vai lá preparar a pasta de admissão do paciente”. Teresinha encontrava Lúcio no consultório, surpreendida com o retorno de Lúcio, sentia uma ponta de alegria, mas estava triste com o estado dele. O olhar perplexo de Lúcio denotava o caos. Uma estranheza, uma sensação de não pertencimento lhe tomava conta. Ajeitou os papéis da internação, entregou o uniforme azul a Lúcio para que ele vestisse e fosse encaminhado à enfermaria. Precisou pegá-lo pela mão para conduzi-lo até o seu leito. Atravessaram o pátio, alguns gritos da janela, chamava a atenção de Terezinha, mas Lúcio seguia perplexo. Entregava o prontuário de Lúcio à enfermeira responsável pela enfermaria masculina e seguia com Lúcio até o seu leito.

“Lúcio, o que houve? Cadê sua papelada?”, perguntava a ele mesmo sabendo que a resposta não viria. Surpreendeu-se com a resposta de Lúcio. “Ainda escuto o grito de Tiene todas as noites”. Talvez fosse melhor Teresinha parar por ali com as perguntas, mas a sua praticidade com a vida e com os outros não a permitiam parar. “Quem é Etiene?”. Tinha uma ponta de curiosidade com a história de Lúcio, já que ele pouco falava ou comentava. “É minha mulher”, Lúcio colocava as mãos nos ouvidos tentando abafar o som dos gritos na sua cabeça e começava a chorar. Teresinha dizia que ele não precisava falar, que podia falar em algum outro momento caso ele quisesse e se não quisesse tudo bem. Lúcio deitou em seu leito em posição fetal, com as mãos nas orelhas e Teresinha o deixava ali. Talvez fosse melhor não mexer com isso agora, pensava.

O tempo corria pelos dias e o olhar de Lúcio ainda era aquele perplexo. Teresinha se interessava por ele, pela sua história, pela sua vida. “Lúcio pelo amor de deus, tem misericórdia senhor...” “corre..”. Ouvia aquela gritaria, mas o barulho da serra elétrica abafava um pouco todo aquele desespero. Desligava a serra, e podia ouvir a gritaria aumentar. Espalmava o pó de madeira dos braços e corria para ver o que era. Etiene estava desfalecida, corria para acudir. Chegava perto e rente ao corpo de Etiene, ela dizia com os lábios esbranquiçados, “onde ele foi parar?”. Lúcio, ainda sem entender, sentia-se confuso, o corpo gelava. Havia gente por ali que tentava avistar o menino, uma onda de gritos tomava conta. Uma das sandálias de velcro do menino deixava pistas do sumiço. Algo parecia desabar. O terreno baldio do outro lado da pista era o *point* da meninada que curtia empinar uma cafifa, dessa vez o menino não voltava. Ninguém nunca mais soube o paradeiro do menino. As vozes

nunca mais saíram da cabeça de Lúcio. Ele contou que foi assim que conheceu o cemitério dos vivos naquela noite.

Se perguntava se não deveria ter ficado no interior do Rio, pois lá a violência era menor, ou se não deveria ter sido mais duro com o menino, não deixá-lo sair, vigiar mais, ou mesmo se um adulto tivesse os acompanhado cada vez que eles fossem àquele terreno. Pensava se não era o caso de divulgar mais, fazer cartazes, seria ouvido? Entendia que as coisas não funcionavam assim tão bem para quem não fosse do alto escalão. Talvez apenas a queixa e o acompanhamento de segurança pública não fossem suficientes, de fato as investigações pareciam lentas, demoradas, cheias de protocolos que Lúcio não entendia, não dava para esperar. Os dias passavam rápido e devagar ao mesmo tempo, cada informação que chegava, notícia que pintava, ele anotava no seu caderninho. Assim passava os dias vagando pelas redondezas, anotando palavras dos outdoors, procurando qualquer resquício de seu filho, a procura agora tomava todo seu tempo, toda a sua vida.

Teresinha tinha ficado muito entristecida com a história de Lúcio, embora não tivesse filhos e não soubesse a dor de perder um, sentia uma tristeza enorme. Se perguntou o porquê de Lúcio estar num manicômio e o porquê daquela situação ter como resposta uma internação, não fazia muito sentido agora que passava a conhecer a história de Lúcio. Pensava em perguntar para o médico que lhe admitiu na internação. “Dr, licença, queria falar com o sr um momento”, o médico sem dar muita ideia para Teresinha, respondia entre os dentes, “entra..”. “Dr, porque trazem Lúcio pra cá? Ele não é louco! O coitado perdeu o filho, isso não é loucura...”, o médico respirou fundo antes de responder e em seguida disse a Terezinha: “Por acaso você está cursando a cadeira de medicina agora, para saber quem é e quem não é louco?”. Teresinha se sentia diminuída com a resposta do médico, mas ele era a autoridade ali, inquestionável e incontestável. Ao mesmo tempo que Teresinha se sentia diminuída com a fala do médico, sentia seu sangue circular mais forte de tanta raiva que ficava. “Ixi, Dr., cê me desculpa, viu? Faço nada de cadeira de medicina não, só queria mesmo entender o motivo dele tá aqui...”, o médico olhava com desdém para Teresinha. “Deixa que eu entendo disso, eu sei o que eu tô fazendo...”. Teresinha saía pela porta tomada pela raiva da humilhação que o médico a tinha feito passar, “ele é Dr., mas não é Deus não, eu hein..”. Depois do turno de visitas, Rosemberg chamava Teresinha a sala de enfermagem para conversar. “Que que te deu Teresa? Foi lá questionar o doutor, dizer o que ele tem que fazer ou não com os pacientes, tá doida é? Faz o seu trabalho Teresa, deixa que ele faça o dele, e se seu Roberto souber que

você está questionando a entrada de paciente aqui, você fica sem emprego, sabia? Esses pacientes aqui dentro é que mantêm o seu salário, o meu, e que faz a clínica se manter. Faz o seu Teresa e para de se meter aonde não deve!”. Teresinha estava indignada com o que se passava, com porque de tanto melindre com a sua pergunta. Esse corte de quem era ou não maluco de fato não sabia bem, não tinha mesmo estudado medicina como o doutor deus falava, mas tinha muito bom senso para perceber que não fazia muito sentido a estada de muitos ali, depois de ter passado tempos convivendo com eles, podia perceber, quando um e outro estava em crise, mas de fato, alguns lhe pareciam mais lúcidos que ela, pensou.

Seguiu sua rotina de trabalho tentando esquecer o que havia acontecido, precisava do emprego ainda e se ele era ameaçado por perguntar o que não devia, optava por se calar no momento. Teresinha continuava procurando outro emprego, surgia a possibilidade de trabalhar em um outro manicômio, na casa de saúde Alfredo Neves em Niterói, e numa outra, a clínica de Santa Catarina, mas para Teresinha parecia ser trocar seis por meia dúzia. Vou sair de um manicômio pra ir pra outro? Fico por aqui mesmo até achar algo melhor.

Com o tempo Teresinha ia estranhando cada vez menos o que acontecia por ali. O cheiro já nem mesmo embrulhava o estômago como antes. O estranhamento com quantidade de pessoas, e aquelas que antes não faziam muito sentido de estarem ali, davam lugar a respostas comuns por: quem sabe é o médico, ele decide, nós somos peixes pequenos, faz o seu e vida que segue, boca fechada não entra mosca.

Aos poucos ia deixando de lado, ia se acostumando e se conformando em trabalhar naquele emprego tão indesejado no início. Estava namorando com o vigia da clínica, e agora parecia mais fácil levar as rotinas do hospício, sem contar que ele pensava parecido com Rosemberg, e dizia que assim como ela, precisava segurar o seu emprego. As folhas de Lúcio permaneciam rasgadas no pátio, mas Teresinha tinha parado com as colagens, no máximo trocava algumas palavras com Lúcio de vez em quando. Andava um pouco sem paciência para escutar os que aquelas pessoas diziam por ali, precisava cuidar da sua própria vida e talvez pensar um pouco menos nos outros. O horror já fazia parte da sua rotina, cada vez perguntava menos e fazia mais. Nas quintas-feiras, a gelada ajudava a segurar “essa barra que é gostar de você, então me ajude a segurar, essa barra que é gostar de você, iê, dig dig iê, dig dig dig iê”...Saía do trabalho e ia direto para o pagode do Boa Vista, tomava uma gelada e sambava ao som do Raça Negra e Negritude Júnior até não aguentar mais.

Tinha aceitado o trabalho novo na clínica Alfredo Neves, em Niterói. Sua mãe lhe pediu que mandasse uma quantia por mês, para ajudar no tratamento do pai que estava doente. Lançava contra a parede uma moringa de barro esmaltada. Não fazia mesmo diferença trabalhar neste ou em outro manicômio mais, então resolvia aceitar, já não procurava mesmo outros empregos, estava adaptada com aquele. Desanimada com as dificuldades, se sentindo só, deixava o corpo ir junto com a correnteza. Os cacos espalhados pelo chão, minúsculos fragmentos refletiam o tom verde esmeralda no chão. Algo ainda a incomodava. Ficavam os rastros da moringa e as folhas rasgadas.

## 10. BATALHAS

Recolho os pés para não ser alcançada por um balde d'água despejado por um rapaz jovem que limpa as sujeiras de uma pensão. O cruzamento das vias faz cruzar histórias, na Reverendo Armando Ferreira, pode-se ver o ar turvo saindo do asfalto num dia de calor. A bola rola na pracinha. O camelô de meias, cintos, tapetes, e outras bugigangas compartilha a calçada com o moço escorado no degrau da padaria depois de umas doses a mais de “rabo de galo”. O comércio local brinda, mas nem tanto, a correria dos passantes que se apressam em pegar o ônibus para o centro. As batalhas vão sendo travadas num bairro chamado Largo da Batalha. O trânsito reduz a velocidade por conta de uma mulher que dança no meio da rua com uma pedra e uma lata na mão. Alguns estilhaços da pedra são projetados por ali. Com a cabeça pendurada na janela a motorista grita que ninguém tem tempo para bater palma para maluco, na palma da sua mão segura firme o volante fazendo-o girar para desviar da mulher e seus trecos, mas certamente se atrasa. A guarda de trânsito se embrenha na farmácia próxima quando a maluca pensa em se aproximar, tropeça no beiral para se esquivar da lata lançada pela mulher, não sabe se governa o trânsito, mas parece mesmo é desgovernada. Diz que já chamou o SAMU, mas se demora muito se inclina a chamar a polícia.

O caos do trânsito parece atrair a atenção de alguns curiosos que se perguntam se houve algum acidente. O jornalista se intromete no assunto dos curiosos, tentando dar um tom sarcástico à conversa: diz que a mulher acompanhara o dia raiar, enquanto arremessava a lata e a pedra. Comenta de suas roupas e finaliza: ela dançava e gritava no meio da rua. Aos interessados, que fechavam o círculo próximo à banca com suas mochilas nas costas, ele contava que o surto se relacionava ao fato de que na noite anterior a mulher pegara o marido com outra e ela teria tido um quebra-pau com a amante. Ao jornalista, logo, a pedra e a lata, teriam paradeiro certo, fariam de um embate cujo destino final teria sido a disputa por um lugar ao lado de um homem. O relato conciso e resolutivo talvez se adiante em dizer que “a razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações (BENJAMIN, 1994, p.203), e não quaisquer explicações. A conversa na banca de jornal se encerra com o diagnóstico de uma mulher mal amada pelo marido e, portanto, louca. Há pressa em fazer persistir a caça às bruxas (FEDERICI, 2017). Da lata, as gotículas se despedem, pulverizando outros embates e outros pontos de interrogação. Que problemas os estilhaços da pedra interrogam? E o zíper, deixaria em aberto novos enfrentamentos?

O olhar de um rapaz para a mulher sobressai no tumulto das vozes. Essas roupas, esse batom rabiscado na testa, ele dizia balançando a cabeça negativamente enquanto virava-se para subir na moto. Os movimentos - esparsos e barulhentos - deixavam pistas de um corpo aturdido. As marcas roxas e as cicatrizes sobressaem. As rasuras no corpo remontam tempo dos quais ainda não estamos livres. Ainda que as mãos não tenham feito correr o fecho, é preciso dizer o óbvio: o zíper aberto não é um convite.

Ah não! É a Téia! Uma moça se aproximava das pessoas que estavam ao redor de toda a confusão reconhecia a mulher das latas. Téia passava corrida segurando a mão da menina, dizia ela. Esses dias mesmo eu fui lá. Gritava no portão e caminhava pelo quintal, Téia era conhecida na região.

Os dias dela eram cheios, corria pra tirar a roupa do varal, enquanto beliscava um pedaço de pão pra sair pra trabalhar. Enquanto conversavam, a vizinha mexia na brincadeira da menina espalhada no chão. A pequena menina chamava a mãe de um jeito manso quase convencida de que a mãe pudesse ficar um pouco mais por ali com ela. “Vamos, sua mãe tem que trabalhar”, a vizinha entrona ajudava Téia a convencê-la. Ajeitava a mochilinha nas costas da menina para a escola, mas ela queria mesmo era uma carona na garupa da mãe.

A correria aumentava enquanto procurava por ali a listinha de compras. No papel de pão: “farinha, queijo, frango, óleo, tomate, sal, açúcar, ver o preço do mate”, finalmente achava a anotação dos itens e partia.

Na bicicleta, o isopor encaixado na parte traseira da bike, encapado de fita isolante marrom, conserva dos danos causados pela chuva. Nele o risoli de queijo, ovo recheado, o kibe e a coxinha ainda mornos, deixam o papel toalha ensopados de óleo, chacoalhando junto com os sacodes da bicicleta. A garrafa térmica vai amarrada no quadro com o mate. O cabo de freio parece frouxo, o manete da bike cola no guidão, mas não freia totalmente, é preciso friccionar um dos pneus com os pés. A cada ponto de ônibus uma parada, “vai querer ketchup?”. Na outra, consegue estacionar em frente à bancada do fiscal de ônibus, “vai o de sempre?”, pede notícias de Tatiane, a fiscal que revezava os dias com Santos. No galhardete improvisado próximo ao ponto, o anúncio: “Flores, montamos coroas”, por ali ainda é sabido que há vagas no seletor cemitério parque da colina, mas não para todos. Ali pelas vielas do Cantagalo não “há greve da morte” (SARAMAGO, 2005).

Em frente à mercearia, dois meninos se divertem, embora a brincadeira pareça apressada, um deles abre os braços afastando as cordas do corpo, enquanto o outro fecha, ora

o copo está próximo de um, ora o copo desliza pela corda até o outro. O semblante infantil carrega um estado de alerta, como se a qualquer momento fosse preciso dar o fora. “Tatiane tá em outra frota agora, virou piloto!”, diz ele, enquanto entrega o doce de laranja da terra, “trouxe pra você provar”. O pote de vidro deixa ver as pintinhas pretas do cravo da índia. O sol queima. A manobra rápida de um carro para tomar a pista contrária, faz todos os outros carros manobrem também. No cestinho preso ao guidão, retira o pote de Toddy customizado de chita e dá o troco a Santos, aproveita para secar o suor com a toalhinha azul. Segue pelo Cantagalo, Cafubá até chegar à orla da praia de Piratininga, não tem hora pra voltar, diz que é quando o salgado acabar. A única garantia desse dia talvez fosse a previsão de chuva. Se chove a venda cai, ajeita a viseira para tentar filtrar o sol, por ora o dia está quente.

Os ruídos faziam sobressair a cena. O aglomerado de pessoas acelera as vendas, e o vendedor de trufas gira. Vende, enquanto balbucia algumas palavras não tão soltas: “como é que pode maluco solto surtado?”. Os pescoços esticados se enfileiram tentando olhar por entre o amontoado de gente que vai se formando. O tempo parece parar em função do caos. Outros deixam as sobrancelhas suspensas mostrarem as contrações musculares, e de olhos arregalados, próximos ao telhado do restaurante, escondem-se sob as sombras da periculosidade, um continuum do medo. Os aparelhos se posicionam com zoom para que seus vídeos e posts reproduzam a imagem em tempo real, certos de que o acontecimento precisa chegar às autoridades, a “informação total, a memória absoluta” (PELBART, 1993, p. 33) é o que se espera por ali. No instagram os seguidores da página “Niterói Alerta” acompanham as publicações, likes e os emojis circulam entre um anúncio e outro do burger king Brasil e uma fake News de cloroquina.

A Duster reduz a sua velocidade. No meio da rua, a mulher ameaça se jogar e atirar pedras. Da pensão o jovem escora os cotovelos na bancada, o olhar distante parece não dizer nada, a lata é atirada. Nenhuma parte do seu corpo se move, fazendo qualquer menção de deslocamento para evitar ser atingido. O som vindo do fundo do balcão parece clamar a sua presença. Mas nada parece chegar nele, nada parece interpelá-lo. Há uma distância sustentada pelos braços, o olhar está vago, mas ele permanece ali, com os mesmos braços sustentando o seu rosto, como se estivesse atento a tudo e a nada. Nesse entre, as pálpebras se movem espaçadamente, pesadas. Os dedos cutucam as suas costas, ele se vira lentamente, segura a máquina de cartão, e volta-se para a cena novamente. O trio de adolescentes não consegue

seguir, esperam ansiosos o desfecho daquele acontecimento. A mulher conduz o tempo ao seu favor. O carro do ovo, parado, anuncia o preço da dúzia, dezenas de vezes, com o megafone. Cidade, lugar onde se enlouquece. A presença altera os códigos do tempo. Algumas outras latas são catadas na sarjeta, volta a incomodar o trânsito, lança palavras soltas, que se vão com cada lata arremessada, sobra a quem tenta passar, sobra a quem fica. “Balcões, átrios, janelas, portões, escadas, telhados, são ao mesmo tempo palco e camarote” (BENJAMIN, 1987, p. 148). A guarda de trânsito queixa-se sobre o avanço das horas e soluções pouco resolutivas. A presença daquela mulher interrompia nossos fluxos e histórias seduzidas e ávidas pela batalha diária, automática, de acordar de um sono sem dormir, correr para chegar a tempo de cumprir a carga horária do trabalho, enquanto caçam uma tomada para recarregar a bateria do smartphone.

O medo tem seu fascínio. Algumas testas se esquivavam da mira, pessoas pra perto e pra longe que não arredavam o pé dali, como um efeito de ondas, num dançante ambíguo. A lata e a pedra não batiam nas portas do consultório, não se recolhiam aos sofás de couro de pregas outrora ainda presas, mas compartilhavam o meio fio. Pequenos estilhaços de pedra irrompiam ao chocar-se a outros corpos, aquém de implosões, mas de belicosas explosões. “Surtem portas aqui e acolá no meio das rochas” (BENJAMIN, 1987, p.147). Que outros usos teriam os estilhaços da pedra? O mototáxi passa desembestado, e as duas pistas são liberadas novamente. Os silvos da guarda de trânsito soam sem parar, os braços estendidos movimentam-se indicando aos que por ali ainda se encontram, que passem. O som da ambulância anuncia o regresso ao automatismo da vida cotidiana, onde cada um segue seu dia e o retorno da ordem faz os moradores da batalha seguirem suas pequenas batalhas diárias. No final do dia aquela lata amassada se junta a milhares de outras num saco enorme de lixo, qual será a sua próxima parada?

## 11. FULIGEM

*Foi o menino que passou aqui correndo pra avisar, disse que era pra todo mundo ir embora, o bicho tá pegando. Quem tem pra onde ir, vai. A moça que estava aqui sentada fez até botar as mãos no peito, quase desfaleceu. Se desfalece, a ponta do banco que tava tinha levantado e eu ia no chão. Fui arrastando as minhas cadeiras até o meio do banco pra acudir ela, porque se eu levanto ela tombava também. Só sei que tão botando fogo em tudo. As coisas tão assim agora. Perguntaram se um minuto bastava, se um minuto salvava, se já não devia tá em casa, ou se mexeu na cintura na hora errada. Sei de nada não. Eu pessoalmente quase já nem creio mais, é tanta matança, que cansa. Vai ainda o povo botar fogo, pra que se já morreu, tem mais jeito não. Já foram tantos, isso é competência de quem? Ninguém nem sabe mais, cada um que cuide do seu, que não esteja no lugar errado, na hora errada. Agora que já me aliviei as pernas deixa eu ir.*

*Já nem faço mais sinal da cruz quando passo na paróquia nossa senhora de Fátima, tá até amargoso tomar a hóstia. Pra lá daquele dia da faca de serrinha que deixou duas lascas partidas de queijo esbranquiçado de casca amarela, vi uma estranheza sequestrar meu sono. Recupero muito de antes não. Andei foi tomando chá de camomila pros nervos. A minha carne até treme. Tinha até umas mudas de taioba no terreno dos fundos lá de casa, deixei pras lagartas. Perdi o gosto. Não se vai mais no quintal sossegado, às vezes engatando a mangueira pra regar taioba, escutava uma lamúria danada, nervoso só de ouvir, imagina ver. Foi cabando, foi cabando, até que cabou, secou. Dentro de casa escuto também, mas aí corro e fecho as janelas. Fica um bafo quente, mas prefiro do que escutar aquela ladainha. Antigamente, lá no terreiro de dindinha, passavam avisando pra chamar pra ladainha, naqueles tempos pra cada um que fizesse a passagem, uma dezena de ladainha. Eu tinha pavor, não dava nem pra me esconder embaixo da cama, porque lá em casa a cama era feita de cimento, não tinha nem um vão pra gente se jogar embaixo dela, aí a gente corria pra detrás do armarinho da sala, achando que estava escondido. Mas lá ia a gente, chorando pelo caminho que não queria ir, mamãe dizia que não podia negar convite, fazia mal. Eu achava que fazia mal era ficar invocando alma, mas não tinha escolha, a gente acelerava o passo pra não ficar pra trás, porque tanto o pé de fora da coberta, tanto o atraso das pernas, deixava o corpo arrepiado. Quando se ia chegando perto da encruzilhada, aí que a gente apertava mesmo o passo, ninguém queria ficar pra trás, parecia que a ladainha ia ficando*

*mais alta, o medo também. A espinha gelava, a vozeria não parava. Gosto nem de lembrar. Mas se tinha uma coisa que pelo menos salvava do medo, era a comida. Bom, agora eu vou, tô falando demais hoje.*

*Acho que vou indo também.*

*– É... a gente ainda tem pra onde ir. Sabe lá, estamos mesmo é a deus-dará, Saber disso a gente sabe, né? mas fica uma gastura no peito. Mas vamo indo.*

\*\*\*

As sobras revoltosas do ateamento de fogo do ônibus, contam sobre o assassinato de um menino de 16 anos. Na sua mochila as chuteiras ainda sujas de barro conservam o cheiro fresco de seus pés suados, no chão o corpo estendido faz reverberar nas bocas alheias as milhares de histórias sobre o ocorrido, algumas palavras se ocupam de culpar a vítima: bandido, drogado, favelado. O menino da grotta era sonhador, também se ouviu dizer por ali. Nas categorias de base do América algumas projeções futuras. Naquela segunda-feira, as fuligens deram pistas às disputas em Niterói. Passando pela descida da cachoeira, pouco antes de fazer a curva, já se pôde ver e ouvir o estalar dos galhos, pneus, matos, tábuas, no meio das chamas. O arremesso dos caixotes aumentava o calor, e destacava o vermelho das brasas junto daquela fumaceira preta. Quem tentou passar por ali precisou voltar, voltei também.

A notícia também logo correu pela policlínica do largo da batalha: já chegou sem vida! Também se ouviu por ali que o avô que pilotava o ônibus passava minutos depois do assassinato, desceu e pegou o menino no colo. A polícia informou que era suspeito, suspeitaram de que? Parece que, “nesse caso, a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é descartável e quem não é.” (MBEMBE, 2019, p.41). Fabricaram e identificaram ali na grotta um “inimigo” (p.17), e esse controle que se opera e delimita quem vive e quem morre pressupõe uma “cesura biológica entre uns e outros” (MBEMBE, 2019, p.17), a isso “Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) racismo”(MBEMBE, 2019, p.17). “Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do estado” (MBEMBE, 2019, p.18). Pela grotta e igreja o confronto continua. –Confronto ou execução? Tudo deserto por ali, só tá ficando quem tem bala na agulha. Mas nada de novo né? - Tão mandando passar

pelo túnel quem vem da região oceânica. Mandaram arriar as portas do comércio, mas resolvi esperar mais um pouco, o movimento hoje tá fraco, fraco... Vai ficar só no café mesmo?

Na presidente Roosevelt, famosa rua do canal de São Francisco, outras fuligens reclamam pela vida do menino da grotta. As centelhas vão recobrando um chinelo largado ali por perto, de alguém - que na pressa - o deixara para trás. Ficava o ímpar. Da janela de uma casa chiquetosa, um homem fotografa o ônibus em chamas, e quem mais ousasse passar por ali. Nada está terminado.

Algumas famílias assistem os tratores demolir suas casas, as casas não são mais feitas para durarem, disseram. Mesmo as que ficaram ainda por ali, agora pareciam ocas. O avô reconhece o corpo do neto assassinado. As casas são alvejadas, ônibus é incendiado, o silêncio se rompe com estalos secos de bala. Túnel, hospital, fogo. No meio do deserto conflituoso, há um homem que caminha lentamente, sem camisa, descalço, com um cobertor encardido recobrando as costas e uma placa de papelão. De longe, uns dizem que o melhor seria ele sair o quanto antes dali. Pouco parecia preocupado com o incêndio, seguia caminhando pela calçada, com um radinho de pilha na mão colado na orelha. Onde estaria o refúgio para ele? Não precisaria ser recolhido dali? Ser alocado num lugar seguro? Alguém próximo ao ponto do canal se perguntava, enquanto buscava refúgio para si próprio.

“Pode a cidade ser definida como zona de guerra, onde a vida se faça aliada?” (BAPTISTA, 2008, p. 172), acompanho a pergunta de Baptista já me fazendo uma outra: a sucata como território existencial combate o que? A fumaça invade as ruas de São Francisco como um ato inventivo de se indignar sobre a violência de estado? Pela Roosevelt o homem com seu cobertor encardido passa por entre os “jovens guerreiros” (BAPTISTA, 2008, p. 174), talvez esses jovens venham convocar os serviços da “operação cata tralha” (BAPTISTA, 2008, p. 175), para deixar tudo limpo por ali.

Os corpos negros ficam pelo chão e o genocídio é tratado como algo normal. Os gatilhos a serem apertados se estendem. Na ponte Rio-Niterói, um homem corre com os braços para o alto em ato de comemoração pelo assassinato do sequestrador do ônibus, um close na imagem, e o homem é o governador do estado do Rio de Janeiro, parece que “trata o assassinato de criminosos como uma espécie de política pública” (UOL, 2019), a cena talvez remonte as décadas de 1800, bem próximo das primeiras políticas públicas implantadas no Brasil, “este racismo, entre outras ações extremamente nocivas às expectativas e interesses da população negra, impulsionou a primeira grande política pública da república: a imigração,

com a perspectiva de “lavar a mancha negra” (PEREIRA,2013, p. 154). Virar alvo faz parte de uma estrutura que se atualiza e se amplifica. A grande primeira política pública tinha como projeto, através da mestiçagem biológica, um apagamento da população negra, ou seja, essa cisão operada pelo racismo, que toma o biológico como elemento fundamental, como aponta Mbembe, segue operando e se atualizando a todo vapor. Não tão distante disso outras vias parecem afinadas com essa lógica de apagamento, a política de guerra contra as drogas, pautada no encarceramento, no extermínio e na medicamentação, a marginalização das regiões periféricas, a retomada do financiamento dos leitos em hospitais psiquiátricos, redirecionamento e a ampliação do financiamento das comunidades terapêuticas<sup>36</sup>, os jogos de força que se colocam nesses dispositivos, e tantas outras colocam as políticas públicas do presente em questão.

---

<sup>36</sup> “Sobre as Comunidades Terapêuticas, de apoio à recuperação de usuários de drogas, foi criado um grupo de trabalho interministerial, com membros dos Ministérios da Saúde, Justiça, Trabalho e Desenvolvimento Social, para estabelecer critérios para o funcionamento, expansão e financiamento desses serviços (Portaria Interministerial n.º 2, de 21 de dezembro de 2017).” (BRASIL. Ministério da Saúde. 2019, p. 5).

## 12. MALETA SEM RODINHAS

Há 4 meses, Giovana, acorda às seis da manhã, toma café correndo, dá um pulo na academia e volta correndo pra colocar sua calça em viscose preta, com sua blusa em tecido com martingalê. Durante anos a fio trabalhou como representante de vendas de uma marca de iogurte, mas o seu belo trabalho, a pontualidade e responsabilidade com a empresa a colocavam diante de uma nova oportunidade. Fazia parte do mundo dos mercados, organizava uma prateleira ou outra com sua marca de iogurte, fotografava, oferecia, negociava preços, tirava pedidos, enfim. Gostava muito do que fazia, sempre foi uma mulher falante, animada, parecia ter o dom para o negócio das vendas. Gostava de dialogar com os clientes, sabia muito da vida de cada um, cada visita que fazia sabia um pouquinho de quem lhe encomendava o iogurte. Hora ou outra almoçava com o caixa de umas das lojas que visitava, tomava um chopp no final do dia com o gerente de outro estabelecimento e assim era a sua rotina de trabalho em uma das grandes marcas de iogurte.

Se antes uma calça jeans e uma camiseta com a logo da empresa lhe serviam, agora precisava renovar o seu armário. Comprava algumas peças nas lojas, calças sociais, algumas blusas de sarja, ia a costureira para fazer ajustes e encomendava outras. Precisava comprar uma mala de rodinhas, todos que trabalhavam naquela nova empresa, se aparamentavam com uma daquelas.

As primeiras visitas de Giovana foram junto com Fernando, vendedor mais experiente daquele departamento. Ela o acompanhava, assistia como ele fazia, como se apresentava aos doutores. Achava tudo muito diferente e sofisticado. A conversa que ele levava com os médicos, as explicações de cada nova fórmula medicamentosa. Ela anotava tudo, desde a apresentação, os endereços, as palavras mais usadas por Fernando, queria ter aquele trato social que Fernando apresentava. Sempre muito cheiroso, com um relógio prata brilhante, até mesmo o jeito que Fernando se curvava para abrir a mala de rodinhas. Sentia que tinha dado um grande passo em sua carreira de vendedora, já não precisava mais estar na confusão dos supermercados, embora sentisse saudade daquelas dezenas de prateleiras. Agora adentrava o mundo dos consultórios, se vestia melhor e ganhava mais. Os pedidos eram feitos através de um tablet com aquelas canetinhas. Sentia falta dos almoços aos arredores dos mercados com alguns clientes, mas estava gostando daquele novo estilo de vida, um pouco mais pomposo. E lá ia ela carregando sua maleta de rodinhas.

“Boa tarde, Doutora, sou a nova representante da Felix Farma, o Sr. Fernando que costumava fazer as suas visitas, precisou cobrir uma outra região esta semana. Teria um tempinho pra te apresentar algumas medicações e o nosso catálogo?”, Giovana falava com tom suave e aguardava a resposta da médica. “Oi, sim! Lucas aguarda um pouquinho que eu já te chamo para o atendimento, vou só liberar a Giovana aqui! Vamos entrando Giovana...”

Giovana abaixava-se para abrir sua mala de rodinhas enquanto a doutora aguardava do outro lado da mesa. As suas mãos suavam um pouco, estava um pouco nervosa com a apresentação e buscando na cabeça as melhores palavras para ofertar à médica, lembrava-se do repertório de Fernando. Retirava um catálogo extenso de novas medicações, vitaminas e etc. Entregava na mão da médica uma caixa de uma nova fórmula de uma antiga medicação. “A meia vida dele é de doze horas, ele é de ponta na questão dos efeitos colaterais, principalmente aqueles que incomodam muito as mulheres, de ganhar peso. Não, na verdade acho que é de oito horas! Ele tem ação mais rápida e o diferencial é em relação aos efeitos adversos, posso deixar umas dez caixas de amostras grátis?!” Ela se atrapalhava um pouco na apresentação, mas continuava. Empilhava as caixinhas na mesa da médica, enquanto a escutava dizer: “Eu conheço essa medicação, teve um congresso que fui em São Paulo que apresentaram essa fórmula, mas aqui Giovana é muito difícil receitar essa medicação, o público que eu atendo aqui tem condição financeira muito precária, não poderia comprar essa medicação, essa é uma medicação cara e não é disponibilizada pelo SUS, acho que uns cinco por cento das pessoas que frequentam aqui poderiam comprar, mas deixa essas aí, vou experimentar com alguns...”

“Vou deixar aqui então, o único efeito colateral um pouquinho mais chato é que ele causa alguma sensibilidade no estômago, daí pode até indicar ele com uma outra medicação nossa que cobre esse efeito, pode usar esse antiácido que ajuda no desconforto do estômago e nas náuseas.”

Giovana agradecia a disponibilidade da médica e seguia rumo a outro consultório médico. Havia saído daquela sala deixando algumas amostras grátis que podiam fazer circular a nova fórmula da marca. Havia perguntado se aquela médica do SUS atendia também em consultório particular, se fosse o caso poderia passar lá um outro dia e deixar algumas outras amostras grátis. Sabia que os pacientes do consultório particular poderiam ter muito mais facilidade de adquirir aquela medicação, certamente poderia oferecer também a carta de vitaminas da empresa, repositores hormonais de ponta e afins. Se despedia satisfeita da sua

primeira visita, não tinha muita opção em relação às medicações mais caras, por se tratar de um consultório alocado no serviço público, mas tinha se sentido bem fazendo aquilo e ainda por cima havia conseguido o endereço do consultório particular da doutora, ou seja, a primeira tarefa estava cumprida. “missão dada é missão cumprida”, ela repetia em seus pensamentos, a frase do filme visto no dia anterior.

Ultimamente quando chegava em casa à noite, Giovana procurava na internet, por planos de saúde, médicos que atendiam em sua região. Passava horas na frente do pc naquela busca constante por novos médicos, percebia que um bom lugar para fazer visitas eram aquelas clínicas populares, que reunia um número grande de médicos, mas eram espaços bem cheios, que sempre a faziam esperar bastante, precisaria perder que fosse um turno do dia só nestas clínicas.

Deitou na cama depois daquele dia intenso de trabalho, respondeu mais algumas mensagens de seu chefe no whatsapp, finalmente respondia ao seu namorado em uma das conversas fixadas logo pela manhã. Ele dizia que tinha feito um cachorro quente e a convidava para passar em sua casa depois do trabalho para comemorar o novo emprego. Eles ainda não tinham se encontrado desde que Giovana começara na nova empresa. “Nossa, amor, desculpa, o dia foi corrido demais, só tô vendo a sua mensagem agora...”. O telefone apitava com a mensagem do namorado: “Foda isso, te vi online várias vezes, custava responder, fiquei igual a um otário achando que você podia aparecer de surpresa, assim fica difícil giovana”. Ela se desculpava com o namorado, dizia que era importante a sua dedicação ao novo trabalho, precisava se consolidar na nova empresa, fazer conexões, mostrar serviço. Léo reclamava que seu trabalho era sempre prioridade e que estava cansado, não aguentava mais competir com os mercados, com as prateleiras, e agora com os médicos. Ela achava melhor que eles se falassem por uma ligação, no whatsapp sempre dava merda quando começavam a discutir. Deitada na cama, pôs o fone de ouvido, e ligou, chamava, chamava e caía na caixa postal. “Não quero falar agora”, a mensagem de Léo chegava logo em seguida. Giovana dava um ok e dizia que quando ele quisesse falar que ela estaria ali. “Tá nada” respondia Léo. Ela colocava o telefone na mesinha ao lado da cama e virava para o lado tentando dormir. Estava cansada demais, mas estranhamente o sono não lhe vinha.

Na manhã seguinte, acordou com um pulo, percebia que ainda dormindo tinha colocado o despertador na soneca várias vezes, até que ele encerrava. Levantou correndo, estava atrasada para o seu segundo dia de trabalho. Tomava uma ducha correndo, colocava

uma de suas calças sociais, uma blusa preta que era a mais fácil de escolher no momento e pedia um uber para tentar chegar o quanto antes na empresa. Pegava no puxador da mala de rodinhas e corria para pegar o uber que estava há um minuto de sua casa. No carro, tirou sua bolsinha de maquiagem, passou um corretivo nas olheiras, um rimel para esticar os cílios e o blush para dar uma corada nas bochechas, borrifou um pouquinho do seu perfume que carregava junto com as maquiagens, não podia chegar com a cara dia de antes na empresa, uma boa apresentação era a alma do negócio. O motorista do Uber espirrava.

Entrava na sede da empresa um pouco corrida, puxando sua maleta de rodinhas, ainda se atrapalhava um pouco com o seu novo instrumento de trabalho. Respirou fundo antes de girar a maçaneta da sala de reuniões, e entrou. Na sala, dezenas de maletas de rodinhas se aglomeravam por ali, quase não tinha espaço para estacionar a sua. Era o seu primeiro dia de treinamento. No slide apresentado, técnicas de capacitação de vendas, performance, estratégias de comunicação, dicas de como fidelizar o cliente e dinâmica de grupo para melhorar o relacionamento entre a equipe, dinâmica motivacional, técnicas de persuasão e marketing, tudo isso encerrado às 12h para um almoço servido pela empresa, com retorno previsto para às 13h, com a segunda parte da capacitação.

No segundo *time* do evento, iniciavam com as dinâmicas de apresentação dos propagandistas juniores, a categoria agora ocupada por Giovana. Dinâmica em grupo, desempenho individual. O salário alto requer mérito do representante de vendas, assim dizia o homem que conduzia a palestra. O representante de medicamentos experiente sabe como se portar, sabe como chegar diante de um médico. Organização do tempo, era uma outra pauta colocada pelo palestrante. “Saber analisar o território de atuação faz vocês otimizarem o tempo, além de demarcar uma rota de atuação que torne o percurso mais bem delimitado e os locais de visitação mais estreitos uns dos outros”. Elaborar um plano de ação, a enumeração de metas a serem alcançadas, pensar sobre o retorno dos investimentos, tudo isso viria a fazer parte da rotina de Giovanna. O profissional dessa área precisa estar necessariamente a par dos medicamentos lançados constantemente e levá-los a classe médica, sempre informando sobre a capacidade terapêutica de cada classe, as atualizações científicas e fundamentalmente a marca, ele alertava. A marca é um dos, se não o mais importante ponto a ser debatido. Todo e qualquer vendedor da Félix Farma precisa dominar as rotinas internas da indústria. Giovana bocejava, achou por um segundo melhor se levantar e tomar um gole de café na mesinha ao lado, logo pensou que tinha sido uma péssima ideia quando deixou o copinho de plástico

escapar de suas mãos e molhar o chão de café. Alguns olharam em tom de reprovação. Ela voltava ao seu lugar. O homem continuava a falar. “Além disso, inteligência emocional garante sempre um bom desempenho em lidar com a pressão no ambiente de trabalho, aqui dentro vocês são um *time*, lá fora são adversários” Então meus caros, resiliência para lidar com a pressão, a alma de vocês agora é nossa também, completava ele. Os vendedores levantavam-se aplaudindo o palestrante e iam cumprimentá-lo.

Giovana pela primeira vez se sentia um pouco acanhada naquele meio, ela sempre extrovertida, expansiva, comunicativa, sentia-se um pouco sem lugar no meio dos colegas. Batia um certo sentimento de insuficiência, pensava se teria em algum momento todos aqueles atributos colocados pelo palestrante. Era a hora de ir embora, tentar refrescar a cabeça, talvez estudar um pouco mais todas aquelas informações, para estar mais disposta no dia seguinte. O happy hour na choperia com os colegas de trabalho ia ficar para outro momento. Pensou ainda se era o melhor a fazer, já na chegada recusar o convite dos colegas, afinal estava chegando na empresa e queria causar uma boa impressão, mas estava fatigada demais para sair para beber naquele dia. “quem sabe uma outra hora”, dizia ela a Fernando. Acessou o aplicativo para chamar o uber, apesar de não saber como seria o seu futuro na empresa e sentir que precisava economizar, estava cansada demais para ir ao ponto de ônibus e fazer a baldeação. Dois minutos. Ela entrava no uber com sua maleta, meio desengonçada. Abria a porta de casa, Rana vinha correndo abanando o rabo em sua direção, Giovana fazia a mea culpa com a cadela, tirava os sapatos e se jogava na cama. Ficou por ali uns cinco minutos, querendo esquecer seu dia. Depois pensou em tomar um banho, pegou um molho de sal grosso na cozinha, esquentou a água no caneco e despejou as pedrinhas de sal, misturou. Precisava de um banho energizante para aguentar o tranco, estava exausta como nunca tinha estado em sete anos de representação de vendas nos supermercados. Tomou seu banho energizante e jogou-se na cama, pensou no Léo, até agora ele não tinha dado sinal de vida, mas já estava acostumada com o jeito dele de lidar com as coisas, quando ficava chateado sumia por alguns dias.

Resolveu ligar para falar um pouco com ele, quem sabe conversar sobre o dia do cachorro quente. Caixa postal, mais uma vez. Tentou de novo e nada. Com tanta coisa importante para pensar, coisas novas para aprender, material para estudar, pensou que não perderia tempo com o drama de Léo, “quando ele quiser ele aparece”. Virou para o lado e dormiu por uma meia hora.

Giovana acordou pensando em tudo que precisava fazer, o material a ser explorado. Sentiu fome, cozinhou dois ovos e uma batata doce para comer. Enquanto comia, ligava o pc para bater um pouco do conteúdo dado na palestra do dia. Achou melhor começar pelo conteúdo de inteligência emocional, sentiu que estava precisando um pouco mais da dita resiliência. Esse novo mundo das representações de medicamentos estava lhe deixando de cabelo em pé, se sentia insegura como nunca havia sentido. Olhou para o desenho de um dos slides com uma imagem de uma mola, imaginou sua propriedade flexiva, a possibilidade de amortecer impactos, de quase dobrar e voltar ao seu estado inicial. Pensava que sua atuação nos tempos de empresa de iogurte foram como o estado da mola, passou por alguns percalços, é claro, mas sentia que tinha muito mais poder de adaptação, de lidar com as adversidades, era muito mais resiliente. Olhou para tela, sentiu uma fisgada na nuca, estava cansada demais. Desligou o pc, pegou um cubo de gelo e pôs na nuca. Enquanto sentia sua cabeça gelar, adormeceu.

O barulho do despertador fazia seu corpo mexer, esticava os braços e desligava o aparelho. Sentou na cama querendo ficar mais um pouco por ali, mas se levantou e começou a agitar suas coisas para sair. Um banho, um ovo mexido, um gole de café e pronto. Tinha acordado na hora certa dessa vez, dava para ir de ônibus e fazer o teste de estar no coletivo com as malas de rodinhas. Na correria, esqueceu sua bolsinha de maquiagem em cima da mesinha. Também não tinha ido à academia dessa vez, dois dias seguidos sem ir a academia, estava sem forças para levantar os pesos. A mala de rodinha ia se debatendo pela calçada irregular. No ponto cheio aquela hora da manhã, fez sinal para o ônibus. Formava uma fila para entrar no coletivo, não tinha conseguido correr como nos tempos que andava sem a mala. Um sufoco para entrar com a mala, fazer a roleta girar, um homem do outro lado a ajudava a passar a mala. O ônibus estava cheio, não tinha lugar para sentar, pelo menos essa viação ia direto.

No hall da empresa encontra Fernando fumando seu cigarro na área de fumantes. Chegou cedo, ele disse. Ela entrava sorrindo na empresa, queria causar boa impressão e mostrar o quanto estava satisfeita com o seu novo trabalho. “É Fernando, cheguei um pouco mais cedo pra dar uma olhada num rascunho do território em que eu vou atuar, com tanta coisa, pensei em explorar isso primeiro”. Fernando a olhava desconfiado, seu sorriso parecia um pouco amarelo, e disse: “Tá tudo bem mesmo? Você parece um pouco cansada!”. Giovana respondia que estava bem, só um pouco cansada mesmo com a nova rotina, precisava se

acostumar. “Vai se acostumando mesmo, porque agora o bicho vai pegar, os caras querem resultado, no meio do ano tem a premiação pelo alcance de metas.”

Giovana o olhava, balançava a cabeça e subia dizendo que ia dar uma olhada no seu rascunho para ver qual consultório visitaria naquele dia. Na sala, outros colegas, mais maletas de rodinhas. Tinha feito uma lista dos consultórios que estavam mais próximos uns dos outros. Tinha pensado em começar ali pela Rua XV de Novembro e esticar até o final dela. Rascunhou mais alguns números de salas, nomes dos médicos e decidiu partir para campo. Encontrava Fernando na saída do elevador, ele perguntava para onde ela estava indo, ela respondia: “ué, vou começar logo as visitas, pensei em ir pra começar me apresentando”. Ele retrucava, mas você já fez os relatórios de campo? Estudou as especialidades clínicas que você vai visitar? Já sabe o que vai oferecer? É bom ir pra campo já sabendo o mínimo de cada médico, principalmente aqueles que já estão na rota. Se for médico que tá entrando na rota agora, abrindo consultório não tem problema você ir apenas se apresentar, mas os médicos mais cascudos não vão querer te conhecer só por conhecer, sem que você tenha algo a oferecer na visita. Os caras param o atendimento para receber você, vão ficar putos se você chegar de mão vazia lá só querendo dar um oi”. Ela olhava Fernando de um jeito meio desconcertada. Ele prosseguia: “aquela primeira visita lá que eu deixei pra você fazer foi só pra você sentir o gostinho, sabia que aquela médica era tranquila, sabia que lá não tinha muito o que você oferecer também, na real eu nem poderia ter deixado não, mas aquele ponto é tranquilo...” Giovana respirava sabendo que precisava voltar e formular melhor a sua saída, estava muito acostumada a passar horas nas ruas, naquele pique que só ela tinha. Fernando dava uma risada e dizia: “vamos, vai ter uma reunião agora de apresentação de uma fórmula nova de antidepressivo e uma outra para tratamento de alzheimer, essa é de ponta”. Os dois seguiram para a sala de reuniões.

Durante a reunião Giovana fazia algumas perguntas tentando entender um pouco mais a função terapêutica de cada medicação, lembrou-se de uma vez quando sua irmã precisou fazer uso de antidepressivo e também de neurolépticos, no caso a quetiapina que o médico havia explicado que ajudava a controlar o impulso de se cortar. Foi uma fase difícil, lembrou. Estava cansada de tantas informações, sentia falta do trabalho de campo. Por um instante perdeu-se um pouco nos pensamentos: “Mas não era esse emprego que eu tanto queria? ganhar mais, ter benefícios, plano de saúde, plano odontológico, ticket refeição, vale combustível, no caso para quem dirige, aliás é isso, preciso recomeçar a minha auto escola,

preciso começar a ver sentido neste trabalho! Calma, Giovana você está só começando, logo vai pegar o ritmo desse trabalho e vai ficar bem!” Ela dizia a si mesma.

Uma voz a trazia de volta dos seus pensamentos: “Giovana, Giovaana! Você acompanhou sobre o campo de funcionamento das visitas às farmácias também?” Giovana voltava a si, tinha se distraído com seus pensamentos, mas balançava a cabeça assertivamente. “Reunião encerrada, agora vocês tem 10 minutos de pausa e os propagandistas juniores retornam para o treinamento massivo dos fármacos, das drogas, suas características biológicas, enfim, com profissional especializado da área, os demais propagandistas seguem para campo”. O telefone de Giovana vibrava com a mensagem do Léo, ele perguntava se poderiam se encontrar para uma conversa no final do dia. Giovana dizia que sim, e que estava feliz dele ter reaparecido.

Giovana estava achando todo aquele treinamento muito cansativo, sabia que ia passar por um processo de formação para atuar na empresa, mas não imaginava que fosse algo tão massivo. “O Brasil torna-se o sexto país no ranking do mercado farmacêutico do planeta, a caged informou que o profissional de farmácia, foi a segunda profissão de nível superior a gerar mais empregos, nos primeiros três meses de 2019”. Giovana escutava um pouco sem saco toda aquela informação. “O nosso Alprazolam foi o segundo ansiolítico mais comercializado este ano e o nosso campeão de vendas foi o clonazepam ao longo de alguns anos”. Ele dizia que a curva tinha sido atingida ainda que o medicamento precisasse de receita controlada. “Há uma forte incidência de desvio do mercado em relação às medicações controladas, o clonazepam por exemplo é um medicamento extremamente consumido e vendido pelo mercado clandestino”, Sávio acrescentava. Giovana lembrava-se de uma tia-avó que consumia esse medicamento através de um esquema que o farmacêutico fazia.

Por muitos anos o médico que cuidava dela receitou o clonazepam por suas crises de labirintite, até que ele passou a indicar o acompanhamento com a psicóloga, pois a labirintite tinha fundo emocional. A sua tia-avó recusando a frequentar um psicólogo insistia que o médico passasse a medicação, pois já tinha se acostumado a usá-la, principalmente quando se sentia ansiosa, mas ele negava, introduzindo com ela todos os efeitos colaterais e prejudiciais do uso a longo prazo. Eis que então ela contou o caso para um conhecido da vizinhança e ele tinha amizade com um farmacêutico do bairro e conseguiu para ela as medicações. Lembrou-se de uma prima que há muito tempo vinha com problemas para emagrecer, esta conseguiu o bupropiona também de forma ilegal, e teve sérios problemas de saúde.

Giovana estava chocada com aquela avalanche de informação, e por de certa forma perceber que o mercado clandestino estava tão próximo dela quanto imaginava, mas de fato, não era algo que havia pensado antes.

É muito comum, Sávio prosseguia, no Rio e em São Paulo o contrabando de medicações, até mesmo vendas sem receitas, falsificações. São esquemas que vão desde o comércio local, seja um proprietário de uma farmácia, seja a partir de um médico, ou um farmacêutico, seja pela internet, seja até mesmo dentro da indústria, o que aumenta consideravelmente a circulação das medicações, a possibilidade de dependência química, quando utilizada de forma errada. Gente, vamos encerrar hoje com uma dinâmica de apresentação pra vocês treinarem esse início de relacionamento com os nossos clientes e depois todos liberados.

Giovana foi ao banheiro jogar uma água no rosto, estava exausta, aproveitou para tomar um café e voltou para a dinâmica. No final do expediente, mandou uma mensagem para Fernando agradecendo os toques que ele tinha dado e disse que estava se sentindo muito perdida com tantas informações, achava até curioso que aquele caso não exigisse nível superior. Fernando respondia: “kkkkk, você vai se sentir ainda mais perdida daqui uns dias, mas depois volta para o eixo, qualquer coisa grita!”

Giovana pegou um uber direto para a casa de Léo, precisavam conversar e acertar as coisas. Léo é daqueles caras que é um ótimo amigo, mas ultimamente vinha sendo grosseiro com Giovana, talvez fosse por falta de atenção, por ver que ela não levar a sério seus pedidos na relação, por passar sempre mais tempo no trabalho, ou por ciúmes, sabe lá o que vinha desandando o namoro. Giovana tocou a campainha e quando Léo abriu ela pulava em seu pescoço para lhe dar um beijo, ele com a cabeça enrijecida, a afastou, recusando o pulo e o beijo. Ela ficara decepcionada com a recepção de Léo. Foi entrando, colocando suas coisas pela sala e falou: “Precisamos conversar né?” Léo balançava a cabeça que positivamente e iniciava com uma lágrima escorrendo do olho esquerdo: “Olha, Gio, eu gosto muito de você, nunca pensei que fosse chegar nesse ponto da relação, sinto que fiz muito pra manter a gente juntos, mas agora é como se não fizesse mais sentido. Acho que não temos mais nada a ver como casal. Não tenho mais como estar numa relação em que só eu me relaciono com você, cara... Toda vez sou eu fazendo um esforço pra gente se acertar e você nada..”

Giovana estava gelada, de fato nunca tinha pensado em terminar com ele, e certamente nunca tinha imaginado que ele fosse terminar com ela, tinha muita segurança naquela relação,

até demais. Sabia que as coisas estavam mornas, mas também sabia que logo que se adaptasse ao seu novo trabalho, teriam melhores condições para morarem juntos. “Léo, e o nosso plano de morar juntos?! Não foi também pensando na nossa rotina corrida que queríamos morar juntos para ter mais tempo juntos? Para construir nossa família? Agora você me vem e joga um balde d’água desses, só por causa do furo daquele dia do cachorro quente?! Léo chorava e tentava dizer ao mesmo tempo: “Sabe? Não é pelo furo do dia do cachorro quente, é por isso estar sempre acontecendo, é por eu competir sempre com o seu trabalho, é por você sempre me pôr em segundo plano, Giovana! Não dá mais! Eu recebi uma promoção pra trabalhar em outra cidade e daqui a três dias eu tô indo. Espero que você se cuide, cuide da sua saúde, enfim. Separei suas coisas, coloquei numa caixa pra você levar...”

Giovana sentia seu mundo desabar, começava a chorar compulsivamente. Percebeu que nada mais adiantava, nenhuma justificativa que ela desse, nenhum papo que levasse, fariam ele voltar atrás. Ela conhecia ele, quando ele tomava uma decisão, nada o fazia mudar de ideia. Levantou-se do sofá chorando e disse que chamaria o uber. Ele perguntou se ela queria uma água para se acalmar. Ela dizia que não, que precisava ir para casa. Ele a ajudou descendo com a caixa de papelão e ela com sua maleta de rodinhas. Em casa Giovana estava devastada, dormiu aquela noite sem banho.

Acordava mal, desanimada, triste, sem vontade de fazer as coisas, queria mesmo era ficar em casa deitada o dia todo. Suspirou na beira da cama, olhou o celular checando se alguma mensagem de Léo poderia ter vindo, mas sabia que isso não aconteceria mais. Decidiu que a partir de agora ia colocar todas as suas energias no trabalho, ia de fato dar tudo de si a empresa, sem relacionamentos, sem perder tempo com coisas que não a faziam crescer. Embora estivesse triste, nada como uma dose de trabalho extra para fugir das decepções amorosas, sempre foi assim, qualquer decepção na vida pessoal fazia Giovana se voltar ainda mais para o trabalho. Sentia falta dos mercados, do clima menos competitivo. Teria que enfrentar mais um dia de treinamento na empresa. Ela estava pensativa sobre o fato de Fernando tê-la deixado fazer uma visita à médica antes dos treinamentos, se não podia, porque ele tinha deixado? Se perguntava.

Fernando tinha avisado sobre a vaga de representante junior na empresa, sentia que era alguém que podia contar lá dentro. Ele era amigo próximo de seu pai, embora tivessem afastados há algum tempo, pela rotina e correria da vida, mas os encontros com ele nos eventos comemorativos da família eram sempre leves, ele era divertido e animado, tinha algo

paternal nele que fazia com que ele se sentisse acolhida. Sabia que ele tinha forte influência na empresa, e talvez sua opinião tivesse contado na sua contratação. Precisava dar o melhor de si para fazer valer o esforço de Fernando.

A reunião começava com um café servido e oportunidade de troca com os colegas. Em seguida começava o treinamento. Naquele dia Giovanna tinha ido sem a sua maleta, não via sentido em ficar carregando a mala já que não ia fazer as visitas, o dia seria todo de reunião. Olhava o celular para ver se Léo estava online, quando ele ficava online sentia-se um pouquinho perto dele. Vai passar, pensou. Sempre passa.

O setor é bastante rentável, Sávio prosseguia com aquele tanto de informações. Com o aumento dos diagnósticos do TDAH, nós aumentamos consideravelmente a venda de metilfenidato, eficaz nos sintomas de agitação das crianças. O aumento dos diagnósticos em depressão, por exemplo, torna a indústria farmacêutica como o segundo setor “mais rentável do mundo”<sup>37</sup>. Isso dispara nossas vendas e a gente alcança nosso objetivo final que é gerar receita. Giovana ficava pensativa, lembrando da sua irmã, de quando ela tinha sido diagnosticada com depressão, era impossível não vir a cabeça a fase péssima que passaram, pensava no quanto a população estava mal de cabeça, com aqueles números altíssimos de venda, sabia que as coisas andavam mal no Brasil, mas não tinha noção do quanto, péssimo para sua irmã, mas ótimo para a empresa, pensava.

Sávio voltava ao ponto do mercado clandestino das medicações. Ele dizia que houve um período em que as medicações eram vendidas pela internet sem qualquer controle e aumentava o número de falsificações de medicações, isso era bastante prejudicial à indústria, porque essas medicações passaram a ser vendidas por preços abaixo do comércio legal, chegando a abalar o financeiro das indústrias. Daí as indústrias recorrem ao estado para intervir nessa política do mercado, no controle de preço e teoricamente na questão anti monopólio de patentes. Por isso tão importante esse treinamento intensivo de fármacos, das drogas, da biologia, os novos lançamentos, o custo benefício das medicações, o médico que vocês vão visitar precisa respeitar nosso produto. Usem as armas que puderem, por isso eu digo para vocês, a postura com o médico é fundamental, se for o caso, ofereça nossos brindes, pague um almoço e às vezes a inscrição gratuita para eles em nossos congressos ajuda na aproximação, exposições, porque aí esse médico vai gerar receita nosso, funciona como uma engrenagem, ele dizia.

---

<sup>37</sup> (MACHADO; FERREIRA, 2014, p.136)

Vocês não vão chegar de cara fazendo isso, precisa criar um bom relacionamento com o médico, eles precisam confiar em vocês, Sávio completava. E prosseguia: Um outro público alvo, são os residentes médicos de hospitais, aí vocês me perguntam porque Sávio? São os novatos chegando no mercado, sem muita experiência, sem conhecimento extenso da carta medicamentosa, eles são mais suscetíveis a aceitarem nossas inscrições em congressos, é uma barganha? É! Mas o nosso produto é bom, a gente confia nele, então tem que chegar na população, tem que circular, porque aí todo mundo lucra.

Giovana não gostava muito desse negócio de barganhar, se sentia mal, mesmo que fosse bom para os dois lados, achava esquisito ficar oferecendo coisas em troca da fidelização do médico ao seu produto, mas pensava em trocar uma ideia com Fernando sobre essa reunião, para saber o que ele pensava disso.

Os representantes juniores recebiam um painel médico de visitas atualizado, um ipad com instruções e apoio laboratorial e atualizações científicas. “Vocês vão ter um treinamento para o sistema da empresa e a cada visita um relatório precisa ser adicionado ao sistema, vocês vão gerenciar o setor de vocês, então vocês precisam conhecer o setor, ter sempre o cadastro médico atualizado e o cadastro de farmácias atualizadas também e no final análise de resultados, então gente, jogo de cintura com os clientes, cuidem das roupas que vocês usam, jeans não pode, tênis também não, roupa social, sapato alto para as mulheres e sapato social para os homens, ok? A gente já tinha falado sobre isso, mas é sempre importante bater nessa tecla.”

Giovana tinha saído um pouco incomodada da reunião, não sabia ao certo se era pela questão da barganha ou se não estava curtindo mesmo o trabalho. Apesar da sua infância e adolescência terem sido difíceis, pouca estrutura familiar, uma criação meio solta, sem muitos parâmetros do certo e do errado, sempre pensou sobre as suas atitudes, talvez não fosse tão à toa aquele desconforto. Mandava um whatsapp para Fernando chamando para almoçar, ele dizia que não teria muito tempo no almoço porque estava muito assoberbado de trabalho, mas que dava pra tirar uns vinte minutos. Enquanto almoçavam, Giovana achou melhor tocar logo no assunto da barganha. “Esse lance da barganha eu achei estranho Fernando...”, ele respondia: “Porra, Sávio já tocou nesse assunto com vocês? O cara apressa as coisas, era pra esperar a primeira semana pra falar disso. Mas vai ser Tranquilo Giovana, é um mimo que a gente faz aos médicos e eles entendem porque, às vezes você não precisa nem ser direta. Você é boa nas vendas, vai aprender a negociar. Às vezes os próprios médicos já participam dos

esquemas...” Giovana perguntava: “Mas é certo fazer isso? E se tiver alguma medicação de outro laboratório que seja mais eficaz para um determinado paciente?” “Aí fica a critério dele Giovana. Evita ficar pensando muito nessas coisas, faz o seu. Bom vou precisar ir, muita coisa pra fazer ainda..” Giovana ia terminando o seu almoço pensando em tudo, lembrava de Léo, da sua relação com ele, não queria, mas lembrava.

O segundo turno de trabalho se arrastava. Treinamento de sistema, habilidade de vendas, auditoria e etc. Assim seguia a semana, reuniões, catálogos, treinamentos, estudos científicos, tabelas, dinâmicas, enfim.

O final de semana de Giovana não era tão promissor, agora sem Léo, apesar de ter muito conteúdo para bater, estava sem ânimo. Na fase boa de seu namoro, costumavam ir até a feira nordestina de São Cristóvão, adoravam ir lá juntos para comer a famosa carne de sol. Tempos bons. Fazia tempo que Giovana não via a família, em geral estava sempre muito ocupada, sem contar que nos últimos tempos, quando ia a casa da família, voltava sobrecarregada de preocupações, sempre uma coisa ou outra pra pensar, não costumava ter muito sossego por lá. Claro que ia estudar no final de semana, mas não queria passar todo ele na frente do pc, pensou em dar uma caminhada pelo bairro pra ver se distraia um pouco, mas só conseguiu ficar a manhã inteira na cama.

Na semana seguinte, mais treinamentos, estava massante aquilo tudo. Sentia falta do seu antigo emprego. Mas estava certa que passaria por aquela etapa para pelo menos iniciar as visitas, caso não gostasse do segundo momento então, tomaria a sua decisão, de ficar ou sair da empresa. Não tinha comentado nada com Fernando ainda, até porque precisaria passar pela fase de treinamentos.

Passadas três semanas, Giovana tinha conseguido finalizar o treinamento. Tinha aprendido muitas coisas novas, mas também tinha aprendido que o ambiente da indústria farmacêutica era altamente competitivo, às vezes até mesmo arrogante. Aquele era um lugar que já lhe causava estafa constantemente. Já tinha começado a realizar as visitas, o trabalho em campo. Visitava os hospitais particulares, as clínicas médicas, os consultórios, apesar de não se sentir à vontade naquele meio, tinha decidido ficar, por pelo menos um ano que fosse, pra juntar uma grana.

Ao longo dessas três semanas pensou muito em Léo e decidiu mandar uma mensagem para ele. “Léo, sinto falta de você, do nosso tempo juntos, dos nossos churrasquinhos de varanda nos finais de semana, do nosso café da manhã corrido, enfim, sinto falta de você.

Espero que as coisas estejam caminhando no seu novo trabalho. Por aqui tudo anda muito difícil, acho que fiz besteira em ter saído do outro emprego. Parece que depois que comecei a trabalhar pra essa empresa só me restou isso, tem muitas coisas que eu não gosto aqui, mas a meta agora é juntar uma grana e sair o quanto antes. Te desejo sorte na sua nova vida, desejo também que as nossas vidas se reencontrem. Beijos, Gio.”

### 13. CAIXA DE FÓSFORO

Risquei meu último palito de fósforo, ele partiu ao meio, a pequena chama caía no chão. Encontrava a caixinha vazia. Andava pelas ruas procurando alguma, qualquer chama acesa. Encontrava esquinas desabitadas. Nem o feriado justificava o deserto de chamas, não era mesmo pra justificar. A quem eu podia interpelar - pelas esquinas fantasmas - doava o que me faltava. Doava a quem quisesse ter uma caixinha vazia, a parte áspera da caixinha ainda riscava alguns palitos, faltavam eles. Nem sei bem o quanto tempo andei. Era uma tarde dessas bonitas, ensolaradas, mas sem qualquer promessa de um dia alegre, não curiosamente passada à procura dos palitos senti uma vontade enorme de voltar àquele quarto, cativo de si mesmo, detido ao caos e às próprias coisas.

Já era quase noite quando atravessei o corredor, abri a porta dos fundos e o barulho da porta fez seu corpo pular da cama, num sono quase entregue ela se levantou. Deixei estalar o beijo, estava suando frio, talvez até mesmo pálida, sabia que nossos corpos iam se trair pela verdade a qualquer momento. A cortina balançava, algum vento circulava. Estava cheia de ideias perturbadoras. De alguma forma nós entendíamos que outras coisas acontecem longe de nós. Mostrei a caixinha vazia, balancei ainda reticente com a falta de palitos, mas suportamos ali o silêncio. Talvez nem quiséssemos mesmo falar, alguma coisa passou dali para outro lugar. A possibilidade de estar juntas era aquela. Foi uma espécie de entendimento súbito, como uma parada, dali não estaríamos mais, a não ser em outro lugar.

Percebi seus olhos, senti que algo ficava. Talvez isso me aliviasse um pouco. O silêncio caótico e plácido respondia a qualquer movimento ocular. As palavras escapavam de nós, e seguramente nós delas.

#### 14. REDUTO E O FORA-TEXTO

Era uma quarta-feira, 15h da tarde quando se conheceram. De baixo do pé de amendoeira reuniam-se ali e jogavam aquele carteadado, buraco, sueca, burro. A praça tinha lá resquícios do passado, mas ia abandonando o viço e a inércia de um lugar pequeno para ir aos poucos tornando-se um pequeno ponto de um grande centro. A estátua antiga do coreto servia de poleiro aos pombos. Da janela do seu pequeno apartamento, espremido entre dois sinuosos edifícios, ainda podia ver a mesinha da praça, o coreto e a amendoeira. Quando já próximo do horário da jogatina ela corria para janela e puxava as cortinas para ver quem estava chegando para aquele encontro nunca marcado e logo descia com a bolsinha de moedas nas mãos. Embaralhava as cartas e passava às mãos do desconhecido amigo, que embaralhava mais um pouco. O pouco diálogo sobre as curvas da vida atracavam o encontro. Um ou outro curioso, parava para ver o passatempo. Tinha ali a explosão da panela de pressão, histórias do barracão da escola de samba, risos de tempos de gulodice do pastel de carne, muito bem-vindo depois de um dia empapuçado de cerveja. Histórias das competições de bike. Tinha o frango de padaria. Tinha um caramelo que também batia ponto na jogatina sem ser convidado, sentava ao lado do banquinho de cimento, se coçava enquanto espreitava a sua sobra de frango. As folhas e a sombra da amendoeira serviam de reduto para as batalhas diárias.

Márcia contava sobre os seus tempos de carteadado ao porteiro do prédio ou a quem por ali passasse, descia religiosamente aos finais de tarde e relembrava aquela mesma história, às vezes acrescentava um ponto ou outro. Os porteiros já não aguentavam mais ouvi-la, até que uma vez disseram a ela que contasse outras histórias, mas perceberam que era aquela a história que restava na memória. No final acabavam sentados escutando sobre a sombra da amendoeira e sobre o passatempo com o carteadado. Talvez não exista mais a amendoeira ou mesmo a praça. Sobra a história da história, transmitida, transmutada. Me ocorreu contá-la, mas o ruído me fez pegar um atalho.

\*\*\*

Ele está sentado de um lado, eu sentada de outro. O computador está aberto na minha frente, escrevo sobre mim, escrevo minha dissertação, escrevo para o grupo de pesquisa, e isso tudo se mistura um pouco. Um sussurro me faz virar a cabeça para o lado, olho para o lado, meu pai quer me dizer alguma coisa, ele já não fala mais. Nos resta outro modo de fazer persistir uma comunicação, posso ler os lábios dele, insisto nisso. O câncer de laringe

impossibilitou a fala. Perder a fala, algo tão radical, corte abrupto. Havia algo de um silêncio em mim, mas havia algo urgente no meu corpo, urgência em dizer, deixar as cordas vocais reverberarem. Ainda que algo tão radical me fizesse experienciar a relação com a fala, nada chegava próximo do que era para ele habitar aquele novo registro de comunicação, de perda, de luto. Suspeitei que ainda assim cabia dizer algo da minha experiência com isso, algumas palavras que fossem.

Relembrando o percurso da graduação no qual pude me aproximar da fala e entender que esta era objeto do qual eu poderia vir trabalhar - o famoso “talking cure” - a cura pela fala era algo que aparecia nos espaços de estudo, e posteriormente apareceria nos espaços de trabalho. Mas sem dúvida me deparei com uma multiplicidade, falar incluía outros modos que não aquele tradicional das cordas vocais, e durante alguns estágios tive contato com uma clínica que só podia se dar através do corpo, a fala tradicional ali não era de modo algum possível. Certamente esse modo outro me tocava, me trocava de lugar, me fazia insistir em outras coisas. Alguns anos se passaram, desde que me formei escolhi o campo da saúde mental para trabalhar, levei seis anos para tentar o mestrado, pensava: como algo tão desejado era tão distante para mim? Foram seis anos me perguntando isso, justificava que meu campo era prático, me sentia distante da academia. Encontrava o meu lugar na ponta, era disso que eu gostava, era isso que me fazia os olhos brilharem, certamente ainda acho que seja. Talvez tenham sido seis anos para afirmar de forma mais próxima o entrelace da prática e da pesquisa. De que o corpo pesquisador/trabalhador se faz num cotidiano de trabalho, um revezamento, como Foucault e Deleuze (2002) nos ensinam.

Às terças-feiras, 3h da tarde, encontro marcado, pc aberto. A roda gira na telinha quadrada. Na roda de orientação coletiva, durante o meu processo de formação e escrita de dissertação, algo de uma dureza começou a aparecer no texto. As pessoas sinalizavam e me diziam para não esquecer que era eu quem escrevia o texto. As falas me afetaram de um jeito especial e dias depois me peguei pensando nisso.

Endureci no texto, toda vez que precisava dialogar com a “teoria”, com a fundamentação teórica, o texto ficava mais duro, eu também sentia isso, mas antes do texto rodar na orientação, não estava tão claro pra mim do que se tratava, talvez ainda não esteja. Uma Paula mais dura começava a aparecer quando a argumentação teórica vinha, pensei, por que será? Curiosamente algo em mim endurecia. Talvez tivesse a ver com o que eu vinha dizendo ali em cima da dificuldade de tentar o mestrado, algo sempre mediado pela falta, de

que algo faltava em mim para habitar o espaço de mestrado. Daí me pegava atordoada com um monte de balões teóricos que chegavam no texto de um jeito abrupto, com pouca suavidade, sem muito reboado. Se a dureza aparecia com uma certa força, algo precisava ser feito. Dobrar essa força, deixar que outras forças pudessem atravessá-la, e que isso servisse de algum modo na composição da escrita, incluindo isso no corpo do texto! Pensei, só assim talvez eu saísse do campo faltoso, para o campo da transformação. Uma outra pergunta me veio logo que me pus a escrever. Quem somos nós quando escrevemos? Talvez mais apropriado fosse: quem somos nós no diálogo com outros autores? Nesse terreno desconhecido? Nessa composição, nesse balanço. Já que é dobrando a primeira pergunta que a escrita pode se fazer, se faz com, e de forma alguma sozinho. É preciso um corpo antimanicomial também para escrever, para deixar a dureza aparecer e encarar.

Ao longo da pesquisa outras coisas apareceram no meio do caminho, ao pensar um corpo antimanicomial que habite não somente o campo da saúde mental, mas que busque encontrar uma posição antimanicomial que atravesse todos os movimentos de uma vida, é inegável que se trata mesmo é de uma construção diária, certamente se relaciona a outros pontos, e essa passagem tem a aposta no coletivo, na ética da aliança e da coabitação. Escrever pode ser o próprio reduto, o próprio amparo de confronto com a dureza que a cada dia nos desencoraja. A relação de afetação monta-se com um corpo trabalhador, com o corpo pesquisador, com corpo da graduação, com o corpo pós-graduando, com o corpo do professor, com as ruas, com as imagens, com os encontros. Um coletivo que carrega marcas e histórias. Essas coisas se misturam, as vias tomadas contam com vetores que eminentemente nos constituem, forjam nossas práticas, desfazem, refazem lugares, tocam e removem nossa posição enquanto clínicos, enquanto alunos, enquanto amigos. Certamente a psicologia, a posição antimanicomial, a escrita, o trabalho se faz outro nesse espaço, espaço em que a vida e a verdade se afetam. Outros redutos podem ser encontrados, nos resta inventar.

## 15. QUEM SOU EU SEM VOCÊ?

“Quem sou eu sem você?”(BUTLER, 2020, p.42) inquietante pergunta, daquilo que somos, daquilo que não somos, daquilo que certamente pouco sabemos e que pode nos dar pistas para pensar um certo modo de estar no mundo nessa composição que é a relação com o outro. O que nos acontece quando perdemos alguém? Bom, eu diria que se trata de uma pergunta difícil de responder mesmo depois de ter passado pela perda, e certamente de maneira nenhuma antes dela.

O que se sabe de si mesmo quando algum laço é perdido? O que diríamos de nós mesmos quando a distância e a perda são colocadas em relação a alguém? Talvez seja antecipado já pensar em saídas diante de uma perda. Algo está perdido, ou se perdeu, e no exato instante em que isso acontece, algo pode acontecer.

Os gestos comedidos daquela mulher, o semblante rígido comum de quem habitualmente não permite ser atravessado. Olhava para ela. Um muro parecia me deixar de fora da sua história, limite de municípios. Assustou-me com uma gargalhada ao invés de deixar as lágrimas correrem. Sentada diante dela talvez eu esperasse algo mais do que aquelas palavras consoladoras de memórias póstumas. O que teria sobrado dela? Silenciei aguardando que algo visceral da sua história viesse à tona, queria ouvi-la como nunca antes tinha feito. Sabe-se lá por que, já tinha tido outras oportunidades de me sentar diante dela e escutar algumas poucas histórias, mas naquele instante, me peguei sentindo uma precipitação, como se estivesse num lugar alto demais e corresse aquele risco de vida que vale a pena.

Talvez eu esperasse escutar o seu lamento, quem sabe, mas mais do que isso esperava escutar algo que tocasse a ponta do estômago. Não aguentei o tanto de silêncio e lamentei porventura aquela suposta saudade que ela viria a sentir, ela pediu que eu não lamentasse, e continuou a rir. O contato com o chão me fez dar o empuxo. Me levantei de um jeito meio torto, me dei conta de que ia embora com aquele vácuo na cabeça, dei as costas para abrir a porta. Vem na sexta que eu te passo um café. Soube que qualquer esforço para aparar as arestas, especular suas histórias mais viscerais, devia ser para ela uma bobagem, o café me pareceu mais sensato.

Espantei um dos muitos gatos daquele lugar que ficavam encostados na porta e saí pensando o porquê daquela história me físgar tanto, naquele dia caminhei de volta, me sentindo um pouco à deriva. Estava sem o celular, foi um dia que esqueci minhas coisas

peçoais em casa, senti vontade de andar um pouco mais. De tantas coisas que passavam pela minha cabeça, algo me vinha: o que seria dizer que um “luto<sup>38</sup> foi bem-sucedido?”(BUTLER, 2020, p.40).

Me perguntava como seria dali para frente. Talvez ela encontrasse um jeito de seguir a vida com aquele hiato, talvez alguma outra coisa viesse a preencher aquele vazio, mas havia ali algum vazio? Me percebi conjecturando cenários, possibilidades, pensando se de algum modo ela teria se afetado, mas certamente se tratava de algo mais perturbador para mim, algo que se desenrolava ali no nosso encontro.

Recomeçar, encontrar alguma coisa, um outro alguém quem sabe, com quem se identifique algo familiar. Algo que fique e responda a essa passagem, ou talvez algo que desemperre, ajude no desenrolar da engrenagem, uma “substituição” ( BUTLER, 2020, p.41), Seria de fato uma saída? Alguma coisa desaparece, resta a amplitude do espaço, o galpão vazio. Já não quero mais lembrar daquela ferrovia abandonada deixando o capim crescer por entre as frestas. Os trilhos que restam, parecem enferrujados. O barulho das engrenagens da carroceria que avança conforme o tempo passa parecem distantes. Acordo molhada de suor, suspirante, batimentos fortes. Se de algum modo pudesse ser sincera comigo, preferia não lembrar desse pesadelo, mas ele vem, ele insiste. É difícil voltar a dormir. A gargalhada me causa uma sensação estranha. Pelo menos a imprecisão de alguns detalhes, as partes desconexas felizmente iam me afastando da sensação de pavor.

Levanto ainda zonza, sem o descanso do corpo, saio na correria para o trabalho, deixo para trás um gole de café já frio, já próximo passo por uma mulher de olhos arregalados, me serve repentinamente de espelho. Sinto meu corpo aflito, hesito em entrar e me perder daquela aflição, paradoxo uma amiga me diria.

Os tempos pandêmicos fazem algo retornar, tempos de perda e dor. Escancaram as respostas ao sofrimento, ao modo pelo qual nos contagiamos e nos enlutamos com a nossa dor e com a dor do outro. Butler quando traz a ideia do luto e a fragilidade humana para conversarmos está nos apontando uma possibilidade de contágio e transformação, que aqui nos interessa como chave para pensarmos o comum e as ações de contágio numa emergência ética. Mas se por um lado tomamos as ações de contágio como uma dimensão que pode vir a nos assegurar enquanto humanidade e conseqüentemente a afirmar as diferenças, por outro

---

<sup>38</sup> O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. (FREUD, p.142, 1914)

lado não é possível excluir toda uma malha de contágio que faz pessoas, passantes, indignados com qualquer coisa, pedindo a volta da ditadura, ou mesmo aqueles que dizem que deveria haver no Brasil um partido Nazista.<sup>39</sup>

É dessa malha que emerge não exatamente o problema do esquecimento, mas a própria atividade de lembrar. É inegável que recorrer ao passado pode consistir num risco. O ressentimento ou mesmo a busca de um culpado, assim como o esforço de reviver um passado cruel, violento e genocida estariam em jogo tal como uma flecha lançada onde não sabemos onde ela pode ser fincada. Acontecimentos nefastos não podem ser apagados, e demandam um trabalho de transformação, de algo que “não pode, não deve ser esquecido: daquilo que nos impõe um dever de memória”(GAGNEBIN, 2006, p.98).

Os sobreviventes à barbárie, Gagnebin nos recorda, quando raramente ainda vivem, desenrolam o ato à lembrança bastante diferente do trabalho de memória feito no fim da segunda guerra mundial, estes sobreviventes não conseguiram esquecer, nem mesmo se fizessem um esforço. A impossibilidade de esquecer, a insistência na repetição consistia como um retorno próprio da experiência traumática. “Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade”(GAGNEBIN, 2006, p.99), algo não podia ser esquecido para que não fosse repetido. O esquecimento radical de uma ferida como essas pode parecer mesmo insensato. Todavia argumentar com o esquecimento não se trata de se referir a um processo de apagamento, mas sem dúvida abordar um processo de elaboração, ou melhor, de desvio. De algo que possa contagiar a consciência de humanidade e que invariavelmente não seja repetido.

Diante da perda um enigma é colocado, já que nem sempre sabemos o que de fato foi perdido. A perda e o trabalho de luto, talvez indique algo a ser revelado do que somos na relação com o outro: “quem sou eu sem você?”(BUTLER, 2020, p.42). Há algo que atravessa a existência humana, e se no limite temos noção do que é ter perdido alguém, seria possível pensar em um “nós”: “acho que perdi você apenas para descobrir que eu desapareci também”(BUTLER, 2020, p. 42) e “talvez eu tenha perdido em você, aquilo para o qual não tenho um vocabulário pronto, seja uma relacionalidade composta não exclusivamente nem de

---

<sup>39</sup><https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/pgr-abre-procedimento-para-apurar-declaracoes-de-monark-e-ki-m-kataguiru-sobre-o-nazismo/>

mim e nem de você, mas concebida como o laço pelo qual esses termos são diferenciados e relacionados.”(BUTLER,2020, p. 42). Certamente há uma urgência com trabalho de luto: é que o luto tem a ver com um trabalho de transformação (BUTLER, 2020) e a relação com a finitude coloca em movimento a possibilidade de transformar o luto em narrativa.

Ser alguém na relação com o outro desembrulha uma surpresa, alguma coisa que não se sabe de si, de algo que se faz junto, na relação. E possivelmente é esse o ponto fundamental, algo desconhecido em nós emerge na experiência de encontro com o outro. A aproximação e o entrelace em outras histórias trazem a surpresa de desconhecer algo em nós e esse pode ser o gancho não de se empenhar num processo de descoberta, um processo redentor de si mesmo, mas de fazermos da nossa vida uma experiência de criação. Talvez alguns acreditem que o luto se dê de forma solitária, privada, mas Butler nos diz o contrário, encaminha o senso de comunidade política que o trabalho de luto possibilita, e reitera um caminho contrário à dimensão privada.

Algo em nós é frágil e vulnerável, algo nos atinge, e isso constitui politicamente em parte os nossos corpos. A dimensão relacional está colocada já que: “o nosso destino não é nem inicialmente nem no fim separável do seu”(BUTLER, 2020, p.43), o “nós” ou melhor dizendo, o comum é a partida para um meio de caminho. Até podemos dizer que permanecemos intocáveis, mas isso talvez só tenha consistência durante um tempo, ou talvez nem mesmo tenha consistência, já que “Somos desfeitos uns pelos outros”(Ibidem, p.44). Alguma coisa em nós se desfaz com o outro, nos desalinha de nós mesmos. Alguma história nos tocou, algum cheiro nos fez mergulhar em alguma memória, um toque acalentou o corpo agitado ou talvez o tenha deixado ainda mais inquieto, sabe-se lá. E então quando invariavelmente dizemos por exemplo “eu”, ou “minha sexualidade”, “meu gênero” (BUTLER, 2020, p 44 ), ou o “meu”, alguma coisa sobre o como fazemos com isso, ainda que pensemos no “eu”, algo mais complexo se coloca nas vias do uso, relacionar-se implica algo em que o “eu”, o gênero ou a sexualidade não são possessões de si mesmo, mas maneiras de se despossuir na relação com o outro.

Digamos que algo em nós experimente uma total ausência de si, uma falta de controle diante da perda, enlutar-se de si e do outro talvez seja uma maneira de experimentar essa “desposseção” (Ibidem, p.48) insurgente e indispensável para o “quem eu sou”. Não se trata aqui de dizer que essa desposseção de si seria refutar a autonomia, ou mesmo apontar o luto

como requisito para tal, de forma alguma! Mas nos atentarmos à condição em que nos implicamos em outras vidas.

Nas primeiras páginas, a questão do humano é colocada por Butler, e não está posta para afirmar que há uma condição humana universalmente partilhada, mas para ajudar na pergunta: “que vidas contam como vidas?” (*Ibidem*, p.40). A dimensão da partilha nos leva a caminhos tortuosos, há uma sentença de que não há uma condição humana universalmente partilhada, e outra ordem se coloca: “Quem conta como humano?” (*Ibidem*, p.40) essa pergunta atravessa dezenas de outras questões e certamente inúmeras “vidas precárias” (BUTLER, 2020). Do luto à luta, poderíamos dizer, mas não, uma inversão das palavras viabiliza outra chave: da luta ao luto, uma vez que é preciso lutar para que algumas vidas sejam reconhecidas como vidas e assim passíveis de luto, uma experiência visceral de um “nós”.

Morte, vida, humano, luto, partilha: algumas vidas serão preservadas, outras nem mesmo serão qualificadas como suscetíveis ao trabalho de luto. No trabalho denominado *crítica da Razão negra* Mbembe (2014) coloca um questão importante: “como pensar a diferença e a vida o semelhante e o dissemelhante, o excedente e o em comum?” (MBEMBE, 2014, p.21). A proximidade pela vulnerabilidade, pela condição de coisa matável, colocada por Mbembe nesta obra, é que talvez possamos criar um comum e afirmá-lo como campo da diferença, e que se estende também em relação às outras espécies, na qual a própria ideia de humano é colocada em questão. É por essa vulnerabilidade que o comum é colocado: “A este novo carácter descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro, chamamos o devir -negro do mundo.” (*Ibidem*, p. 18)

A nossa história, a história da humanidade, se faz em fronteiras, há uma distância colocada. A distância afirma não só a dimensão individual, dividida, como fortalece as políticas de inimizade (MBEMBE, 2020). A luta antimanicomial como nos diz o conhecido manifesto de Bauru não pode ser feita sem considerar: “[...]a opressão nas fábricas, nas instituições de adolescentes, nos cárceres, a discriminação contra negros, homossexuais, índios, mulheres” (MANIFESTO DE BAURU, 1987, p. 1) e isso conseqüentemente propõe uma aproximação, indica um gesto coletivo.

A hipótese de que não há condição humanamente partilhável (BUTLER, 2020, p.40), nos dá ferramentas para pensar na conjuntura daqueles que não tomaram consciência e não partilham da memória das inúmeras vidas sentenciadas às paredes dos hospícios no

enfrentamento de retomar os territórios citadinos, quando espaço e tempo se fecharam em 40, 50 anos de internação, ou aqueles que vivenciaram o período devastador da ditadura, o que nos leva a cogitar que estariam então de certo modo ilibados dessas dores. Por outro lado, a própria proximidade e o acesso à memória também não são sinônimos de afetação. A possibilidade de comunidade política pela via do luto proposta por Butler, nos deixa questionar primeiramente que o sensível do partilhável só seria então comum a quem passou pelo trauma e aqueles cuja proximidade faz-se de certa forma traumática também, o que determinaria uma separação, e logo poderia vir a pergunta: há algo que separa, mas então o que nos conecta?

O pesadelo retorna, me sinto angustiada. "Simplesmente não é verdade que, a não ser que eu tenha passado pela exata mesma experiência do outro, que eu não saiba nada sobre a sua dor e deveria simplesmente me calar" (MBEMBE, 2019, p.6). Indiscutivelmente não é verdade que, se eu não tenha passado pela exata experiência do outro eu não possa tecer do encontro uma aproximação. De fato não sabemos nada sobre a dor do outro, não podemos prescindir a ocupar um lugar de que nada sei sobre o outro, no entanto, algo da sua presença, da sua história me contagia.

E quando Butler nos propõe o senso de um comum a partir do luto, ela está não somente afirmando a aproximação da experiência do outro como também sustentando a emergência ética da diferença a partir do comum, portanto, o “Devir-humano-no-mundo não é uma questão de nascença, nem de origem, nem de raça. É uma questão de jornada, circulação e transfiguração”(MBEMBE, 2020, p 209).

Beirando a baía de Guanabara, colapsando gestos em dança, partilhando coisas que talvez nem mesmo saibamos, ainda que digamos para nós mesmos, é a festa da luta antimanicomial! Diante do que somos hoje, talvez possamos nos perguntar: O que faz partilhar uma existência? Estariam todos naquela festa partilhando algo? Como é possível tocar alguém de maneira que não seja apenas pela via do luto? Que outros contágios são possíveis a partir da luta? “O projeto de transfiguração exige do sujeito que abrace de maneira consciente a parte fragmentada de sua própria vida; que se sujeite a desvios e confluências por vezes improváveis; que opere nos interstícios, se quiser dar expressão comum às coisas que normalmente dissociamos.” ( MBEMBE, 2020 p. 209)

Uma jovem se aproxima da pista de dança enquanto apresenta uma outra a uma amiga, diz que comentou com ela sobre a festa dos antimanicomiais, continua a dizer rindo que a

amiga não sabia do que se tratava o movimento, mas se tinha festa gostaria de conhecer, a outra entra na brincadeira dizendo que era melhor mesmo que conhecesse a festa do que o hospício. Corpos dançantes, corpos em aliança (BUTLER, 2018) por ali, corpos em efeitos de contágio. São tensões das quais Butler coloca ao tratar sobre as políticas de gênero em relação a outras vidas precárias. Compor alianças, ela diz. Tratar da pluralidade dos direitos pelos quais lutamos não previamente dadas pela concepção de identidade. O comum do qual tratamos precisa ser expandido, ou seja, aquilo que chamamos de exercício público de gênero, ou mesmo aqui trazendo para o nosso problema, uma posição antimanicomial que toca tantas outras batalhas de inúmeras vidas, e depende muito mais das ligações entre as pessoas, das alianças que fazemos do que a noção de individualidade e individualismo.

A questão parece tocar numa certa produção do neoliberalismo em que o desmanche das relações é uma junção, movimento ritmado, a ética empreendedora atualiza a distância: cada um por si, e coloca questões coletivas numa dimensão individual, fazendo um pacto com a política do merecimento e a política da culpa. Há um trabalho a ser feito. Há também um convite a pensar em saídas, recuperar o fôlego para que as batalhas diárias sejam feitas, e refeitas, as alianças são bem-vindas nas batalhas, isso talvez nos ajude a enxergar o letreiro da porta de saída para os dias difíceis, ou talvez abrir outras portas, ainda que o caminho a ser percorrido seja árduo, pode ser menos solitário. Aliança entre as “minorias” ela nos diz, já que o pacto com o próprio eu, nos direciona ao problema da identidade que talvez nos coloque alguns obstáculos neste percurso. A política da aliança se baseia na ética da coabitação. Coabitar espaços, coabitar vidas. Muito próximo da convocação que Mbembe faz: “a figura de uma pessoa que se esforçou para trilhar um caminho escarpado, que foi embora, que deixou seu país, viveu em outro lugar, no exterior, em lugares dos quais fez um lar autêntico ligando assim seu destino ao daqueles que o acolheram e reconheceram no dele o seu próprio rosto, o de uma humanidade por vir” (MBEMBE, 2020, p.209)

A pergunta de abertura deste trecho da dissertação -“Quem sou eu sem você?” - me vem junto com uma outra: por que esta pergunta e não outra? Por que escolher, de tantas indagações propostas por Butler, esta e não outra pergunta? Talvez Marcelo, do marmelo e martelo estivesse se perguntando o mesmo, na verdade ele estaria se perguntando outras coisas. Certamente mais do que “por que” essa pergunta, mas “pra quê” essa pergunta? Pra que ela pode nos servir? Se ela pôde causar algum desconforto de se pensar sem o outro, sem mesmo afirmar o apego, ou melhor, não como aquele apego cuja ordem não nos dá passagem

à lugar algum, mas de perceber que sem alianças pouco podemos, que sem relações nos despovoamos, inclusive na relação com outras espécies, estaremos talvez próximos do Mbembe aponta sobre a experiência cartográfica de Fanon: “Chamava de lugar qualquer experiência de encontro com os outros que abria caminho para uma consciência de si mesmo, não necessariamente como indivíduo singular, mas enquanto lampejo seminal de uma humanidade mais ampla, a debater-se com a fatalidade de um tempo que nunca para, cujo principal atributo é transcorrer - a passagem por excelência”(MBEMBE, 2020, p.209), enfim, poderíamos então habitar e sermos habitados, pois: “Em última análise, não pertencer a nenhum lugar que lhe seja ínsito é o que é ínsito ao ser humano, pois o ser humano como um composto de outros seres vivos e de outras espécies, pertence a todos os lugares conjuntamente.”(MBEMBE, 2020, p.209) .

Durante algum tempo hesitei em como dar passagem às sucatas, a começar pela sucata ou o sucateamento, tão logo percebi que não havia nem primeiro, nem segundo, nem terceiro lugar, havia uma trama complexa em que poderiam sobressair as tensões.

Encaminhar alguma saída com o luto então, não se trata de querer legitimar aqui nesse momento uma experiência clínica, mas sustentarmos um conectivo entre o luto e o próprio gesto de sucata, já que nos deparamos abertamente nesse processo dissertativo com a finitude ao colocar a precariedade em cena. O gesto político a ser tomado como direção coletiva seria, então, nos perguntamos: o que pode ser feito depois do fim? O sucateamento está colocado e nós continuamos a fazer coisas, e queremos mesmo que algumas coisas - do jeito que estão - acabem, para que possamos tomar algum outro caminho. Todavia as coisas só podem acabar se concomitantemente outra via for tomada e possivelmente de um modo que possa transformar a relação conosco ao nos perguntarmos: como queremos seguir agora enquanto humanidade residual? Constatamos que o modo como temos nos relacionado está falido e para que serve constatar isso se não a provocativa iminência de fazermos algo diferente?

## 16. SUCATA

Edith Oliveira Nogueira<sup>40</sup>, nascida em Santo Amaro da purificação em 1916, percussionista e cantora, mais conhecida como Dona Edith do Prato. Usava uma faca e um prato para tirar um som, para fazer música. No quintal de casa, o batuque deu samba. O recôncavo baiano já experimentava as tessituras do improviso. O dispositivo do prato ganha aliança coletiva, os utensílios europeus tomam uma dimensão antropofágica. As autoridades já se atentaram muito antes disso ao caldeirão étnico dos batuques durante o período de colonização em que eram realiançadas na Bahia.

Não é de hoje que as sucatas ganham serventia nas ruas, concorre com os modos, modelos de diagnóstico e colonização. A engrenagem montada para servir ao capital precisa se antecipar às curvas antes mesmo de aniquilá-las, tal como um polvo se apropria delas. A sofisticada máquina dos nossos tempos puxa nossos tapetes, atravessa os corpos, conjuga um trabalho de desapropriação e captura de territórios subjetivos. Os tentáculos do capital nutrem o sucateamento planetário.

A luta antimanicomial coloca em disputa a violência, o diagnóstico, a indústria farmacêutica, a cidade, o gênero, a ocupação, e que se não cuidarmos esses são problemas dos quais os corpos padecem, e facilmente tornam-se sentença de existência. A sucata é uma provocação, é um improviso. A ideia de humanidade nos convoca a fazer algo com aquilo que sobra de nós, com aquilo que ainda resta globalmente e o que queremos ser, já que “hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda.”(KRENAK, p.23). Se de certo modo a sucata nos serviu talvez tenha sido pelo ato de inventar histórias, “e a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história.”(KRENAK, p.13), ou mesmo constatar que do fim alguma outra coisa pode se desenrolar. Trata-se não somente de ofertar a própria história, o próprio corpo, mas inscrever nossos, outros, outros corpos e outras histórias. Atalhos subjetivos. Coabitar espaços, coabitar vidas, repito. Contágios de existências. Há outras histórias a serem contadas, a serem transmitidas. As sucatas respondem, retrucam, tensionam a função-sucateamento. A sucata encontrou espelhos partidos, vozes, implosões, encontrou a bola, o relógio, encontrou as telas dos celulares, encontrou os resíduos orgânicos da indústria farmacêutica, encontrou a trepadeira, a carroça e a caçamba, encontrou a passagem. Encontrou o silêncio e o avesso.

---

<sup>40</sup> Dossiê: o Samba de Roda e o Prato-e-Faca. In: Rolling Stone.

Encontrou o fora texto. Encontrou uma festa caída e um território em disputa. Ao que nos resta: demolir e refazer. Encontrar novas passagens, sejam elas subterrâneas ou não, plantar os pés em chão de terra.

As sucatas talvez causem estranhamento, algum movimento de esquiwa, talvez até mesmo nos assustem, há quem diga: não quero ver, dos restos quero distância! E se isso acontece é porque de algum modo fazem aparecer o que sobra da humanidade, a nossa própria sobra. As sucatas se deslocam e impõe desvios, confrontar o precário não é simples. Se elas podem nos ensinar algo é de que há um comum, e na diferença, infindáveis versões de mundo, diferentes ângulos posicionados e imagens a serem descobertas. Fabricar outros exteriores e conviver com versões diferentes das quais temos nos deparado é poder encontrar novos pousos nessa jornada.

\*\*\*

“Ouvi um grito um grito de dor de um homem que falava a verdade, mas ninguém se importava...” (JUNIOR, 1997). Uma mulher canta, uma das mãos vai colada no peito, a outra segura um copo descartável que não parece ter cerveja e nem está cheio de água. A blusa de tie dye carcomida tem uma mancha que nem sei bem distinguir se é de sangue ou de vinho. De vez em quando a mão vai na testa, o corpo balança com gingado, delicado e firme. As nuvens bajulavam o sol. A paulada na lixeira laranja de poste marca o pulso da música, Brum...Brum.... “Deixou a marca da fogueira que acendeu Pra se livrar do frio que mata...Miséria impune, notável, sincera não acaba nunca, yeah.. Deixou a marca da fogueira que acendeu”.

Homem Franzino parecendo mais um menino moleque porretava a lixeira enquanto a moça cantava. Ela tinha uma voz gostosa, ritmada, compasso diferente do rock do Charlie, tava mais pra um marca passo forrozentado, lento, gostoso, decaído, retumbante. Fazia tempos que eu não escutava essa música, na real nem era uma das que eu mais gostava e escutava. Atrás do poste, uns dois moleques de sei lá, seus cinco e oito anos. Talvez fossem irmãos. Brincavam com alguma coisinha que mal dava pra ver. Era um dia esquisito. Primeiro de janeiro de dois mil e vinte e dois. Voltava da noite de “ano novo” da casa de uma amiga, ressaqueada, fatigada, esperando nada ser novo no ano que chegava.

Talvez fossem mochileiros, passantes, viajantes, talvez não. Talvez adentrassem num mapa sem planejamento, qualquer estrada desconhecida, mas sem as dúvidas de paradas e partidas. Desses caminhos, os pés traquejados sucedem, um após o outro, caminhada esta que meus pés não conhecem. O intervalo no ritmo do Relógio sem ponteiros eventualmente deixava o tempo em suspenso para embalar a música com aquela voz rouca, gostosa. Alguma trégua é preciso. Ele, hora ou outra trocava as pernas enquanto batia na lixeira. Foi ali, naquela rua que meu carro enguiçou. Fiquei ali por um tempo, remediei a espera relembrando aquela música abandonada na adolescência. Me deu até saudade. Eu, ali, condizente com aquela orgânica linha tênue do normal, do carro enguiçado, da ressaca, das olheiras fundas de sempre que não são de fome, da espera do amigo pra me socorrer com reboque ou com alguém que fizesse a chave virar.

Um dos meninos puxa a ponta da saia da mulher, parece irritado, um pouco choroso, está com sede, quer dormir, não sabe bem o que quer. Sono, fome, sede, sabe-se lá. Mas chora, o corpo estremece, pede algo. A moça de voz bonita enrola o menino, “daqui a pouco a gente vai pra casa”. Ajeita o papelão bem ao lado do mais velho, bota uma das sacolas que parece ter algo mais fofo dentro e ele recosta a cabecinha. O mais velho se deita ao lado e o acolhe com a mão sua cintura fina. Eles estão juntos ali, como se não restasse espaço pra mais nada. Estão ali juntos talvez há muito tempo, talvez não. Talvez sejam irmãos, mas incontestavelmente são amigos. A tarde está quente, não precisam do calor do corpo um do outro para se esquentarem, mas os corpos estão colados, acoplados. Talvez procurasse encontrar algumas palavras que se dispusessem a conversar mais com a cena, mas ela é sólida e concreta, ocasionalmente ela basta.

“Ouvi um grito de dor de um homem que falava a verdade mas ninguém se importava, botando pra fora tudo o que sentiu na pele” A mulher sentada na calçada, canta mais baixo. Os meninos seguem juntos, o mais novo dorme, são amigos, talvez sejam irmãos. Adiam alguma coisa por ali, inimigos, só se for do fim.

\*\*\*

O que seria o ato de dormir se não a própria coragem de abandonar o corpo ao cansaço? Deixar ele ir, em ato de entrega, de confiança, fazer jus as pequenas mãos que o

acolhem. Abandonar o corpo ao incalculável perigo, estando seguro tão somente da presença de um amigo.

Concorrente ao estado de alerta a rebeldia do sono. Disputando a malemolência dos tentáculos da indústria farmacêutica, um grito de angústia, um grito de dor, palavras, alianças, histórias e mais histórias. Da pressa com o futuro algum tempo a “perder” com o presente, para hoje inventarmos algo diferente do que somos, do que fomos. Dos fragmentos dos nossos corpos tão bem fatiados pelos especialismos e absorvidos pela farmácia, vamos catar nossos pedaços. Do bélico e intolerável no outro, o modo como experimentamos o bélico e o intolerável em nós mesmos, a travessia perigosa, condição de possibilidade, condição humana de alguma possibilidade que possa de algum modo nos transformar, transformar a sentença planetária. O fio da navalha, pode, certamente servir de baqueta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Santa Catarina: Argos, 2010.
- AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- AMARANTE, P. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.
- AMORIM, D. **Parentes de jogador de futebol morto durante operação em Niterói negam confrontos na hora do crime**. O Globo, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/parentes-de-jogador-de-futebol-morto-durante-operacao-em-niteroi-negam-confrontos-na-hora-do-crime-23873448>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- ANDRADE, O. Manifesto antropófago. **Revista de Antropofagia**, ano 1, n. 1. Maio de 1928.
- BAPTISTA, L. A. Simpósio 5 — A cidade como território de criação. Combates urbanos: a cidade como território de criação. In GUARESCHI, N. (org). **Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 172-177.
- BARROS, M. **Memórias inventadas. As infâncias**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARROS, M. **O livro das ingorças**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BASAGLIA, F. Cartas de Nova York. In: **Escritos Selecionados**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BASILIO, A. Retrospectiva: as piores declarações de Bolsonaro durante a pandemia. **Carta Capital**, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/retrospectiva-as-piores-declaracoes-de-bolsonaro-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 06/04/2021
- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo – Obras Escolhidas 3**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 197-221.
- BENJAMIN, W. Que é o teatro épico? Um estudo sobre Brecht. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 79-90.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura, história e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-234.

BORIELO, G. Venda e Antidepressivos quase dobrou no Brasil em cinco anos. **R7**, 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/venda-de-antidepressivos-quase-dobrou-no-brasil-em-cinco-anos-14092018>. Acesso em: 17/03/2021.

BRASIL. Ministério da saúde. **A política de saúde no Brasil nos anos 90: avanços e limites**. Brasília: Ministério da saúde, 2002

BRASIL. **Lei Federal 10.216/2001**, institui a política de saúde mental e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Saúde. Nota Técnica 11/2019. **Esclarecimentos sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes na Política Nacional sobre Drogas**. Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. 2019. Disponível em: [https://www.abrasco.org.br/site/wpcontent/uploads/2019/02/11\\_23\\_14\\_123\\_Nota\\_Te%CC%81nica\\_no.11\\_2019\\_Esclarecimentos\\_sobre\\_as\\_mudanc%CC%A7as\\_da\\_Politica\\_de\\_Sau%C%81de\\_Mental.pdf](https://www.abrasco.org.br/site/wpcontent/uploads/2019/02/11_23_14_123_Nota_Te%CC%81nica_no.11_2019_Esclarecimentos_sobre_as_mudanc%CC%A7as_da_Politica_de_Sau%C%81de_Mental.pdf). Acesso em: 17 abril. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria 3.588**, de 21 de dezembro de 2017. Altera as portarias de consolidação no 3 e nº 6, de 28 de setembro de 2017, para dispor sobre a Rede de Atenção Psicossocial, e dá outras providências. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3588\\_22\\_12\\_2017.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3588_22_12_2017.html) Acesso em: 17 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005.

BRASIL. PLC nº 37 de 2013. Altera a **lei nº 11.343/2006** (SISNAD – Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas). Disponível em: <http://www.25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/113035>. Acesso em: 20 de jan. 2020.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BARRETO, Lima. **Diário do Hospício**: O cemitério dos vivos. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CAETANO, L. Moradores da comunidade da grota em Niterói fazem protesto contra operação que terminou com baleado. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/12/moradores-da-comunidade-da-grota-em-niteroi-fazem-protesto-contr-operacao-que-terminou-com-baleado.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2019.

- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2003.
- CANÇADO, M. **Hospício é Deus**. São Paulo: círculo do livro, 1992.
- CHIMAMANDA, N. A. **Hibisco Roxo**. Companhia das letras, 2011.
- COIMBRA, C. **Guardiães da ordem**: uma viagem pelas práticas psi no brasil do “milagre”. Oficina do autor: 1995.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Hospitais psiquiátricos no Brasil: relatório de inspeção nacional**. Brasília : 1. ed., CFP, 2019.
- CORREIA, M. Entidades cristãs receberam quase 70% da verba federal para as comunidades terapêuticas no primeiro ano do governo Bolsonaro. **Publica**, 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/07/entidades-cristas-receberam-quase-70-da-verba-federal-para-com-unidades-terapeuticas-no-primeiro-ano-de-governo-bolsonaro/>. Acesso em 17/03/2021.
- DELEUZE, G. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.
- DIDI-HUBERMANN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- DOSSIÊ: o Samba de Roda e o Prato-e-Faca. In: **Rolling Stone**. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/dossie-o-samba-de-roda-e-o-prato-efaca/?fbclid=IwAR1kwRfk2yLRQNe-8ReJ6-n1WYGhpo4B2TeYreyi90Tb5Dm3fhIM2CVOays>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- EVARISTO, C. **Becos da Memória**, Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa**: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- FISCHER, R. M. B. **Foucault, Clarice: as palavras, as coisas, a experiência**. In: II seminário internacional Michel Foucault. Rio Grande do Sul: UFPEL, 2016.
- FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Ed 7. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos e Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: **Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.

FOUCAULT, M. Aula de 15 de janeiro de 1975. In: **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**. 2ed, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica o sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Ed. 3ª. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder. In M. Foucault, **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: p. 69-78, Edições Grall, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FREUD, S. **Luto e melancolia**: 1917 [1915]. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FUCKS, J.A **resistência**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar esquecer escrever**. São Paulo: ed.34, 2006.

GAGNEBIN, J. M. **O método desviante**. Algumas teses impertinentes sobre o que não fazer num curso de filosofia, 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4455290/mod\\_resource/content/0/GAGNEBIN\\_O\\_metodo\\_desviante.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4455290/mod_resource/content/0/GAGNEBIN_O_metodo_desviante.pdf). Acesso em: 15 set. 2019.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, v. 5, 1995: p. 07-41.

INCÊNDIO DO MUSEU NACIONAL É VITÓRIA DA INTOLERÂNCIA E MORTE DO CONHECIMENTO. **Carta capital**, 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/incendio-do-museu-nacional-e-vitoria-da-intolerancia-e-morte-do-conhecimento/>. Acesso em: 06/04/2021

INVISÍVEL, C. **A insurreição que vem**. Brasil: Edições Baratas, 2013.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

LAËRTIOS, D. **Vidas e doutrinas dos Filósofos ilustres**. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2ª. edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1977.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LINS, C. Eduardo Coutinho, linguista selvagem do documentário brasileiro. **Galaxia**. São Paulo, n. 31, p. 41-53, abr. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016123816>. Acesso em: 06/04/2021.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.

LINS, C. L. O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte no presente. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p. 61-81, 2002.

LISPECTOR, C. **Hora da estrela**. Ed 23. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1999.

MANIFESTO et al. **Manifesto de Bauru**. Dez. 1987. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/05/manifesto-de-bauru.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2019.

MACHADO, L.; FERREIRA, R. A indústria farmacêutica e a psicanálise diante da “epidemia de depressão”: respostas possíveis. **Psicologia em estudo**. Paraná: vl.19, n.1, p. 135-144, 2014.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MBEMBE, A. Outras fitas: Descolonização, necropolítica e o futuro do mundo com Achille Mbembe. **A Fita**, 30 de outubro de 2019a. Disponível em: <http://afita.com.br/outras-fitas-descolonizacao-necropolitica-e-o-futuro-do-mundo-com-achille-mbembe/>. Acesso em: 12 de Nov. de 2019.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MBEMBE, A. **Políticas da inimizade**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

AMADO, L.; MIZOGUCHI, D. Democracia e luta antimanicomial: imagens de uma disputa incessante. **Argumentum**. Espírito Santo: UFES, 284-295, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/argumentum.v12i3.30448>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MELLIS, F. Brasil consome 56,6 de caixas de calmantes e soníferos. **R7**, 2019. Disponível em: [https://noticias.r7.com/saude/brasil-consome-566-milhoes-de-caixas-de-calmantes-e-soniferos-03072019#:~:text=O%20alprazolam%20\(nome%20comercial%20Frontal,11%2C7%20milh%C3%B5es%20de%20caixas](https://noticias.r7.com/saude/brasil-consome-566-milhoes-de-caixas-de-calmantes-e-soniferos-03072019#:~:text=O%20alprazolam%20(nome%20comercial%20Frontal,11%2C7%20milh%C3%B5es%20de%20caixas.). Acesso em: 16/03/2021.

MIZOGUCHI, D. H. **Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MIZOGUCHI, D. H. Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa. **ECOS Estudos contemporâneos da subjetividade**. Rio de Janeiro: v. 5, n. 2. p. 200-208, 2015.

MIZOGUCHI, D.; SOUZA, A. A urgência das inquietações: uma improrrogável militância. **Rev. polis e pisque**. Rio de Janeiro: v. 7, n.1, 25-48, 2017.

MIZOGUCHI, D. H. **Segmentariedades**: passagens do leme ao pontal. São Paulo: Plêiade, 2009.

CAMPOS-ONOCKO, R. Saúde mental no Brasil: avanços e retrocessos. **Cad. de saúde pública**. Rio de Janeiro: Fiocruz, v.35, n11, 2019.

PELBART, P. P. **A nau do tempo-rei**: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PEREIRA, A. M. **Para além do racismo e do antirracismo**. Itajaí: Casa aberta editora, 2013.

PEREIRA, C. Como os médicos são assediados pela indústria farmacêutica para prescrever medicamentos. **GZH**, 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/05/como-medicos-sao-assediados-pela-industria-farmaceutica-para-prescrever-medicamentos-9788194.html>. Acesso em: 16/03/2021.

PLATÃO. **Diálogos**. Defesa de Sócrates; Um Banquete; Êutifron; Critão, ou O Dever; Fédon. Seleção, introdução e tradução direta do grego por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1963. Localizador: II – 86, 1, 23.

PRADO, A. **O coração disparado**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de estado de saúde; subsecretaria geral comissão intergestores regional metropolitana II. **Ata da 6ª reunião ordinária da comissão intergestores regional - 2014**. Disponível em: <https://www.saude.rj.gov.br/comum/code/MostrarArquivo.php?C=MjUzNzA%2C>. Acesso em 20 jan. 2020.

ROCHA, R. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1976.

ROSA, J. G. **Grande sertão veredas**. Editora Nova Aguilar, 1994.

SANTOS, E. F. Os batuques da cidade: celebrações negras e idéias de civilização. In: **O poder dos candomblés**: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/179/4/O%20poder%20dos%20candombles.pdf>. Acesso em: 20 ago 2021.

SARAMAGO, J. **Intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

UOL. “**Celebrando a vida**”, diz Witzel sobre comemoração de morte de sequestrador. Uol, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/13/celebrando-a-vida-diz-witzelsobre-comemoracao-de-morte-de-sequestrador.htm>. Acesso em: 21/01/2020.

VELOSO, C. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

YASUI, S. A atenção psicossocial e os desafios do contemporâneo: um outro mundo é possível. In: **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 01, p. 1-9, 2009.

### **Músicas:**

GIL, G.; VELOSO, C. **Divino Maravilhoso**. In: Gal Costa. Intérprete: Gal Costa. Rio de Janeiro: Phonogram/ Philips, 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Emu4JrrfpM0>. Acesso em: 8 jan. 2020.

MARCINHO, MC. **Não para não**. Rio de Janeiro: Funkadão digital, 2012. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0XtmzANrC\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=0XtmzANrC_g). Acesso em: 31 jul. 2019.

VELOSO, C. **O quereres**. Rio de Janeiro: Philips records, 1984. Disponível em: [https://music.youtube.com/watch?v=g2bm\\_7owzOw&list=RDAMVMg2bm\\_7owzOw](https://music.youtube.com/watch?v=g2bm_7owzOw&list=RDAMVMg2bm_7owzOw). Acesso em: 19 set. 2019.

VELOSO, C. **Alegria, Alegria**. São Paulo: Record, 1967. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xMZ5gtVDtBc>. Acesso em: 18 mar 2020.

CARLOS, L. **Cheia de manias**. In: Raça negra. Intérprete: Luiz carlos. Rio de Janeiro: Som livre, 1992. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nXyRyJWo\\_EE](https://www.youtube.com/watch?v=nXyRyJWo_EE). Acesso em: 29 mar 2020.

ABRÃO, A. M.; JUNIOR, L.C.L.D. JUNIOR, M.A.V.; BARRIO, R. P. **Quinta-feira**. Intérprete: Charlie Brown Jr. Rio de Janeiro: Virgin, 1997. Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=PxB12N1bSr8&list=RDAMVMPxB12N1bSr8>. Acesso em: 02 jan 2022.

### **Filmes:**

COUTINHO, E. **Jogo de cena**. (105 min.) Rio de Janeiro: Videofilmes, Matizar, 2007.

ALFREDO, J. **Samba Riachão**. (80 min.). Brasília: Festbrasil: 2001.

COSTA, P. **Democracia em Vertigem**. Brasil, 2019.